GAUCHOS

E

BEDUINOS

ÓBRAS DE

MANOELITO DE ORNELAS

Rodeio de Estrelas (poemas) 1928 — São Paulo.
Arco-Iris (poemas) 1930 — Porto Alegre.
Tupan-Cy-Retan (história) 1934 — São Paulo.
Vozes de Ariel (crítica literária) 1938 — Porto Alegre.
Símbolos Bárbaros (ensaios) 1943 — Porto Alegre.
Tiarajú (romance histórico das Missões Orientais) 1945 — Porto Alegre.

Traduções:

Ariane, romance de Claude Anet — Livraria José Olympio Editora.

Tabaré, de Zorrilha de San Martin.

Em preparo:

Pequena História dos Sete Povos (história das Missões Orientais do Uruguai).

COLEÇÃO DOCUMENTOS BRASILEIROS

DIRIGIDA POR OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA

57

MANOELITO DE ORNELLAS

GAUCHOS *E* BEDUINOS

A origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul

1948

LIVRARIA *JOSÉ OLYMPIO* EDITORA

Rua do Ouvidor, 110 - Rio de Janeiro — Rua dos Gusmões, 104 - São Paulo

Deste livro foram tirados, fora de comércio, vinte exemplares em papel *Bouffant* especial, assinados pelo autor.

"La Pampa no puede ser vista sin ser vivida"

JOSÉ ORTEGA Y GASSET

A Amador Florez,

um maragato de Castilha,

na América.

I

O GAUCHO

Depois que os Padres da Companhia de Jesus abriram a virgem cortina das matas do Uruguai para o levantamento das reduções missioneiras nos mesmos territórios que Pinto Bandeira, Manoel dos Santos Pedroso e José Borges do Canto reincorporariam, mais tarde, pelas armas, ao patrimonio português da Américа, desceram os bandeirantes mamalucos perlongando as riçadas encostas da Serra Geral à procura das planicies invadidas pela gente de Castela e Aragão. Encontraram os pioneiros de Piratininga a antemurada dos chapadões que se erguem ao nordeste do Rio Grande, cortados a pique, em paredões quasi uniformes e em abismos abruptos. Em baixo, bem ao fundo da paisagem, a orla das praias oceanicas cobertas de areia dourada e esteril. O passo arrojado, que a ambição alimentára, fôra violentamente impedido pelo traço continuo das montanhas. O espírito do bandeirante não se deixou, porém, abater deante da primeira tentativa frustrada. Mais para o Sul, em campos de Vacaria, onde a serra se debruça para o leste, o olhar inteligente do mestiço amerindio descobriu o declive praticável, contornando as arestas da voragem. E a mata espessa e emaranhada começou a cair aos golpes do facão da conquista. Abria-se a primeira picada à penetração em terras do Rio Grande, pelo norte. E o Rio Grande, a prolongar-se na Cisplatina do Sul,

haveria de ser o campo bravio de recontros sangrentos, nas lutas pela hegemonia territorial no Continente entre os Reinos da Espanha e Portugal (1). Em suas marchas obstinadas para o Oeste e para o Sul, pouco faltou aos mamalucos brasileiros, informa Carlos Corrêa Luna, o dominio do Alto Perú. "Han llegado — dizia Liscarazu, em 1637 — a menos de ochenta léguas de la cuidad de San Lorenzo de la barranca en Santa Cruz de la Sierra" (2). Logo depois, pela porta maritima do Rio Grande — Forte e Presidio levantado às margens atlanticas — entravam as sumatras portuguesas, conduzindo para o Porto de Viamão as primeiras famílias açorianas, que aqui encontrariam um clima semelhante ao de seu arquipelago e terras favoraveis ao cultivo das suas vinhas e canaviais.

---

(1) "A denominação de "Colonia do Sacramento" evoca dois séculos de luta quase sem interrupção" — Oliv. Lima — "Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira" — Ed. Leitura — 1944 — (pag. 87).

(2) "no menciona la ciudad de Guayra la villa de el Espirito Santo pobladas de Castellanos con presidios aunque cortos de soldados pagados de Su Magestad los quales lugares fueron desbastados por los de San Pablo, despues de destruidas las reduciones de la Compañia y quando de esta poblacion no se tema otro inconviniente que el venir á buscar los Indios Catolicos que á diligencia de la Compañia se salvaron de sus injustas manos pues el Rio de la Plata arriba con facilidad los podran acometer siendo esta la presa que mas desean para saçiar sua codiçia en la injusta esclavitud que les imponen es raçon que su Magestad los impida por estar dichos indios en la sujeçion y contribuiçion de Castilla, como probará la obidiençia á la intimaçion del Ordem de sua Magestad para la expulsion de los de esta nueva Colonia pues por conservar hasta hoy la memoria los agravios de aquella injusta invasion no dudo expongan todos con gusto sus vidas para apartar á quien pretende quitarselas con libertad." (Carta de Fray Juan de Andosilla, da Cia. de Jesus, ao Conselho das Indias, em Madrid, em 28 de novembro de 1680).

O Rio Grande nascia do impulso desbravador de três correntes humanas, diferençadas nos seus propositos mas semelhantes nas suas origens raciais.

Pelo Oeste e Sul, ingressavam os espanhois com os estandartes cristãos dos Jesuitas. Pelo Nordeste, os mamalucos de Piratininga e Laguna, impelidos, não mais pelo sonho do ouro e das esmeraldas, mas á procura dos rebanhos espanhois e do indio traficável (3). Pelo litoral, os ilheus, simples arroteadores da terra.

---

(3) Simões Lopes Neto em sua obra inédita "Terra Gaucha", a sair numa próxima edição da Livraria do Globo, não concorda com a referência histórica destas bandeiras, pelo nordeste riograndense e diz: "Entre a Colonia do Sacramento e a Laguna (fundada quasi na mesma época e não em anterior) os raros transeuntes marchavam pelo litoral, e disso é prova o roteiro de 1703, de Domingos Filgueiras. As incursões dos bandeirantes paulistas são fabulosas, bem como os heroismos do Capitão-mor da Laguna, sendo que até este não esteve no Rio Grande nas duas vezes em que foi mandado a diligências neste litoral, em 1715 e 1724. A melhor prova de que aqui nada fizeram os lagunenses é a ata de sua Camara, de 10 de novembro de 1727, em que confessam que, "aqui nada se podia habitar ou povoar, porque a Laguna era pobre de pessoal e a vida na campanha impossibilitada pelas incursões dos indios".

Diz-se que Luiz Pedroso de Barros fez caminho de S. Paulo ao Rio Grande do Sul, quando êsse caminho era o *Rio Grande* ou rio Paraná, terminando na casa do Registro do Ouro, onde vinham ter — por lei — todos os transeuntes entre S. Paulo e Mato Grosso.

Outro erro dizer-se que o bravo paulista Manoel Dias da Silva erigiu na Vacaria um marco de dominio luso: a façanha é exata mas a Vacaria não é a do Rio Grande, e sim do Matto Grosso. A fundação do porto miiltar do Rio Grande em 1737 deu-se com baianos, mineiros, fluminenses e lusos; em poucos anos mais entravam os casais ilheus, açorianos e madeirenses.

.....

Quando sobre as desoladas areias da barra erguia-se o primeiro fortim — de Jesus-Maria-José —, além, na serra, elevava-se já uma cidade de 8.000 habitantes, S. Miguel, a capital das Missões do Uruguai. (Simões Lopes Netto — "Terra Gaucha").

Um ensaista riograndense acentuou a influência quasi negativa do nosso litoral no tocante á conquista (4). E disse que os exploradores do Século XVI, depois de terem feito escala nos excelentes portos do Rio e São Paulo, talvez ainda nos de Florianopolis e Laguna, ao velejarem para o Sul, em vão estendiam os olhares a procura de um repouso para as suas cansadas quilhas: primeiro, uma praia baixa, precedida a grande distancia por águas rasas, e fechada, ao fundo, por espessa serrania, impedia a aproximação; depois, restava apenas a linha branca das dunas a se perder no sul, não só destituida de tudo quanto seduz o navegador, mas positivamente repelindo os navios pela largura crescente da plataforma submarina; emfim, o reaparecimento do granito no litoral uruguaio, indicando, qual um marco de estrada, o estuario do Prata. Uma vez conhecido, êste porto agiu como um iman sôbre a navegação. Neste fato reside a razão principal — segundo o cientista — embora não a única, por que o Rio Grande constituiu *uma zona neutra* entre as irradiações da esfera portuguesa ao norte e da castelhana ao sul, — ocorrência que se refletiu em tôda a história de sua formação.

Não obstante a imigração, mais tardia, dos contingentes etnicos da Italia e da Alemanha, os redutos demográficos primitivos conservaram os caracteres peculiares de sua origem.

A influência castelhana emprestou uma fisionomia inconfundível ao tipo humano das Missões e das zonas

---

(4) Pe. Balduino Rambo "Fisionomia do Rio Grande do Sul" — 1942.

de Campanha. A ascendência do "caipira" paulista é ainda sensível nas regiões do Planalto Medio e do Nordeste e as lembranças profundas do açoriano teimam e permanecem, evocativas, na vida e feição das nossas cidades fluviais e marítimas.

"E' curioso notar como o portoalegrense, apesar do contacto crescente que vem tendo com as mais variadas culturas do mundo, conserva no fundo a marca iniludível do seu passado. Êle se adapta, não há dúvida. ás novas condições que lhe possam ser impostas, mas resiste, na essência, ao poder transformador das novidades. Olhando para trás, vemos como somos parecidos com os nossos antepassados. Parecidos em tudo. Por dentro e por fora. Da fachada ao caráter. A sociedade portoalegrense atual não perdeu nenhum dos traços capitais que caracterizaram a sociedade colonial, de tipo açoriano, que está nos pródromos da nossa formação social." (5).

O negro foi o único elemento inexpressivo, entre os lastros etnicos do nosso surgimento. Por um motivo explicável: o Rio Grande só conheceu, de início, a indústria pastoril, para a qual o africano foi elemento secundário.

Caio Prado Junior, analisando o povoamento da nossa região litoranea, deu-lhe como base principal o açoriano, que nos assegurou a permanência de uma pureza de sangue que as condições de outras capitanias tornaram precária. Doutro lado, diz o sociólogo, o baixo nivel econômico destas capitanias meridionais até

---

(5) Athos Damasceno — "Imagens Sentimentais da Cidade".

a data que nos ocupa, impediu o afluxo numeroso de negros. (6).

Não abundaram, por aqui, os escravos porque a nossa única indústria, naquele tempo, não reclamava grande quantidade de braços. (7).

Nos hábitos, costumes, linguajar e no próprio folclore musical riograndense do litoral e das zonas mais visinhas ao mar, encontram-se as marcas lusitanas, inapagaveis, permanentes, resistindo, já na vigência do Século XIX, aos poderosos influxos dos teutos que se fixaram nas muralhas recortadas da encosta da serra, talvez por força daquela atração psicologica do germano pelas matas, tão semelhantes aos vales e montanhas de onde vinham, Hunsruck e Eifel, e dos italianos, que procuraram as bordas meridionais dos planaltos que o alemão desbravara, infiltrando-se pelo curso dos rios, para tornar mais facil o plantio de suas vinhas. (8).

Mas, para explicar-se os hábitos e costumes, tradições, música e linguajar dos riograndenses da fronteira com o Uruguai e a Argentina, é necessário o exame de fontes e origens mais remotas. Se o lusitano, ilheu ou continentino, penetrou naquelas regiões, nos primeiros séculos, fe-lo como soldado do Reino, combatendo pela fixação das divisas portuguesas na América. Sua permanência, nessa fase, não deixou, porém, vincos profundos. Na sua precariedade numérica foi, pelo contrário, absorvido pelo meio e integrado nos hábitos e costumes que lhe eram estranhos.

---

(6) Caio Prado Junior — "Formação do Brasil Contemporâneo".

(7) João Pinto da Silva — "Hist. Lit. do Rio Grande do Sul — Globo — 1900 — pág. 67.

(8) Pe. Balduino Rambo — Obra citada.

Oliveira Viana observou que o temperamento rural do nosso campeiro é de pura formação americana, temperamento oriundo da ação combinada de várias particularidades nossas, particularidades do nosso meio e da nossa história. Os lusos, que nos colonizaram, diz êle, não o possuiam — pelo menos com a nitida e exclusiva feição que nos é própria. Das suas aldeias, traziam os portugueses certas tradições de vizinhagem e urbanismo, explicaveis ali pelo regime da pequena propriedade e pela natureza do trabalho agricola, que é quasi uma jardinagem. Essas tradições dissolveram-se totalmente, á medida que aumentou a nossa penetração para o interior. Daí o tipo diferencial do brasileiro, do "natural da terra" surgir com um caracter essencialmente rural. (9).

A localização de elementos castelhanos — fazendeiros, colonizadores, padres e fidalgos a serviço real — ás faixas da Cisplatina e na fecunda bacia hidrográfica do Uruguai, provocou um contestavel dominio dos Reinos da Peninsula. Portugueses e espanhois julgavam-se senhores da terra.

O espanhol, é evidente, servido pela obra catequista do jesuita, dominou horizontalmente, até 1801, a vasta região que posteriormente as armas riograndenses reintegraram no mapa do Brasil.

E João Simões Lopes Netto, no seu livro inédito "Terra Gaucha", não foge ao comentário incisivo:

"Com a creação da Provincia de Tapes em 1639, que foi a primeira divisão politico-administrativa que

---

(9) Oliveira Viana — "Populações Meridionais do Brasil".

teve o Rio Grande, prova-se que apenas por menos de um século esteve ele descurado do governo espanhol, ao passo que por dous séculos esteve-o do português, pois só em 1737 é que Silva Paes fundou o presidio do Rio Grande; e quando tal se deu, habitante luso é que nenhum foi encontrado, pois os que havia — brancos, cristãos —, eram os jesuitas e funcionários castelhanos das Missões."

No Arquivo Histórico Colonial de Lisbôa, Manuel de Paiva Boléo encontrou um mapa das Freguezias da Ilha de Santa Catarina e seu Continente, que menciona o número de casais açorianos ali existentes até 5 de Novembro de 1756, de onde se irradiaram, mais tarde, para o Rio Grande do Sul. O mapa estatístico registra: "casais das Ilhas — 1804 — Filhos das Ilhas — 3421 — casais da terra — 1097, Filhos da Terra 3446." (10).

Anotando as memórias de Pizarro e Araujo relativas ao Continente do Rio Grande, Antônio Alvares Pereira Coruja informava que "no ano de 1742 não havia no Continente de São Pedro freguezia alguma canonicamente criada e que se havia não podia ser senão na povoação do Rio Grande único lugar então existente, mais ou menos regular e com uma Ermida dedicada a Jesus, Maria e José." Na sequência documentária da época encontra-se o ofício que o Vice-Rei Luis de Vasconcellos e Sousa dirigiu, em 20 de Agôsto de 1789, a seu sucessor Martinho de Mello e

---

(10) Manuel de Paiva Boléo — "Filologia e História" (a emigração açoriana para o Brasil) — Coimbra — 1945.

Castro, dizendo que não obstante o direito que tinha a Corôa de Portugal sobre estas vastas campanhas, seus elementos humanos apenas haviam dominado "as distancias circunvizinhas à costa do mar ou do Brasil" e que, tanto os embaraços da Guerra de 1762 como os repetidos insultos dos indios *Tapes*, com "a ambiciosa pretenção dos espanhois, constituiram os mais poderosos obstáculos que sempre tiveram os portugueses para levarem seus estabelecimentos para o Ocidente."

"Só depois da suspensão das armas e das hostilidades que se experimentaram, é que os estancieiros — impelidos da fertil e numerosa criação de animais, se foram estendendo e povoando novas fazendas — com sumo vagar e não pouco receio, — para o Poente. Na mesma situação estava a fronteira do Rio Pardo que estendendo-se em 1761 pela parte do Norte e de Leste do Jacuí, para o Ocidente até os limites da presente demarcação na distância de 20 léguas, não estava povoada, não obstante serem estes terrenos aqueles em que os Portugueses se tinham mais adiantado para o Poente; sendo certo que, da parte do sul do Jacuí com o nome de Guahiba, as estancias que se achavam habitadas não se avançavam para o Poente mais que na direitura e em linha paralela do Rio Pardo, por se acharem tão somente cultivados nesta conformidade os terrenos mais proximos á Lagôa dos Patos e no lado inferior do Rio Camaquam" (11).

---

(11) Ofício do Vice-Rei Luiz de Vasconcellos e Sousa ao seu sucessor, etc. — Revista do Inst. Hist. e Geográf. Brasileiro — N. 13 — Abril 1842 — Vol. IV.

Não errava, evidentemente, Pizarro e Araujo quando supunha, em 1742, a existencia de uma unica freguezia canonicamente criada na povoação do Rio Grande. A carta escrita pelo Padre Melchior Strasser, missionario do Chile, ao Padre Santiago Dedelley, da Alemanha, em data de 15 de Setembro de 1744, informava que a "cidade de São Pedro, chamada tambem Rio Grande de São Pedro, pelo rio sobre o qual se localizara, havia sido fundada recentemente, isto é, ha sete anos, por ocasião da guerra entre portugueses e espanhois e que fora defendida com baluarte, paliçada e canhões." E ampliava seus comentarios: "Os habitantes do povoado de São Pedro me contaram o que segue: a comarca em que eles vivem, atualmente, era, ha sete anos, uma densa selva emaranhada, na qual se refugiavam passaros e féras. Junto a este rio, para o Norte, ha outra povoação, porem formada por gente pobre. São todos cristãos que, por sua pobreza, não podem manter um paroco especial. Por isso são atendidos, no que se refere á vida espiritual, pelo sacerdote de São Pedro que, anualmente, pela quaresma, lhes ouve as confissões, transladando-se para lá numa viagem de oito dias, à moda portuguesa, isto é, a cavalo. No outro lado dessa povoação estão os limites das reduções do Paraguai, das quais a mais proxima é a de São Miguel. Mas esses povos não mantêm comercio algum entre si, porque tudo quanto passa, de um a outro lado do rio, é considerado por ambos como manifestação de hostilidade.

São Pedro conta com 1400 almas e dista duas leguas da foz. O sitio é são, a terra é fecunda e tudo

cresce ali facilmente, sem grande trabalho do lavrador."

"Toda a costa, entre este Rio Grande e o sitio em que naufragamos, não tem nome algum quer nas cartas terrestres como nas cartas maritimas, por ser muito desconhecida; mas, sem agravo algum, bem se lhe poderia chamar Costa Brava e Desastrosa por ser sempre borrascosa e haver deitado muitas naves a pique."

Teschauer, estudando o mapa de Caraffa e inumeras cartografias de 1720 a 1770, argumentou que o Rio Grande só aparecia nos documentos dos primeiros seculos como terras da provincia do Paraguai e, mais tarde, incorporado ao territorio sob a jurisdição de Buenos-Aires.

Na Carta de Millau, de 1770 (12) lê-se esta inscrição: "Mapa que demuenstra una parte de la provincia del Rio de la Plata, com algumas tierras y pueblos de los Indios Guaranís, el territorio que posseen los portugueses con sus poblaciones de Viamon, Rio Pardo y Vaqueria y una linea divisoria que separa sus terminos."

Teschauer reconstituiu, depois, o grafico das fazendas espanholas que se estendiam por toda a vasta extensão das Missões, Campanha e partes do Planalto Medio e Depressão Central.

Mas dos documentos da epoca se infere, sem esforço, a convicção dos proprios espanhois da ilegitimidade dessa posse. O que ressalta insofismavel é a ambição castelhana de incorporar aos seus dominios tro-

---

(12) Constante do Depósito Hidrográfico de Madri.

picais o territorio que ficará de permeio, entre as zonas demarcadas do Norte português e do Sul castelliano.

O unico titulo de que mais tarde se serviram e de que ainda se utilizam os polemistas do Prata é o do Tratado de 1777, data em que as Missões Orientais já eram portuguesas e, portanto, brasileiras.

Em 1715, pelo Tratado de Paz firmado entre as Cortes de Espanha e Portugal, D. Phelipe, Rei de Castela e Aragão, expedia ao seu Capitão Geral da cidade de Trinidad e Porto de Buenos-Aires uma cedula-real, ordenando-lhe que desse posse da Colonia do Sacramento a S. M. Portuguesa "ó persona que disputasse para ello". (13).

No inadimplemento da ordem, em 29 de Junho de 1723, o Rei de Portugal escrevia a Ayres Saldanha, Governador e Capitão General da Capitania do Rio de Janeiro, dizendo-lhe que pela Fragata de Guarda mandasse vigiar as costas do sul "com ordem expressa de chegar a Montevideo e, não achando ali castelhanos, tomar posse daquele sitio, ficando este ocupado com alguns soldados e um cabo que os governasse, levando armas, munições e mais instrumentos de levantar terra". Acontecimentos como estes já haviam determinado os protestos de Fray Juan de Andosilla, da Companhia de Jesus, junto ao Conselho das Indias, em Madrid, contra a *politica absorvente* de Portugal que mandava incluir em seus dominios, em mapas fabricados na Holanda, quasi todo o território do Perú,

---

(13) C. Ç. Luna — "Campaña del Brasil" — Vol. I,

alterando a situação dos cabos e enseadas da América Meridional.

Entretanto, pelo Tratado de Madrid, de 1750, voltou a Colonia do Sacramento á soberania da Espanha, enquanto Portugal incorporou aos seus dominios todo o Território das Missões. E são curiosas as diversas fisionomias que toma o acontecimento segundo a paixão de cada comentarista. Padre Cardiff, no Prefacio do Diário de Cardiel (14) profliga o Tratado dizendo que jamais a história colonial do Rio da Prata registrou um fato mais descabelado nem mais prejudicial aos interesses da Espanha. Nega-se a historiar seus trágicos efeitos, mas repete as palavras de José Juan Biedma, afirmando que a Espanha lutou contra os indigenas das Missões e contra os jesuitas porque uns e outros defendiam os interesses espanhois enquanto a Espanha fazia, inconcientemente, o jogo de seu adversário e astuto inimigo. Para conservar a Colonia do Sacramento entregava Espanha a Portugal uma imensa e rica franja de terra, com sete povos em franca prosperidade, pontilhada de estancias e fortalezas. Aos portugueses se lhes permitia permanencia na Colonia, se assim o desejassem, ao passo que aos trinta mil indios dos referidos povos se lhes obrigava o abandono completo de suas cidades e a herança sagrada de seus avós. (15).

Oliveira Lima, pelo contrário, afirma que foi este, depois de dois séculos de incompreensão, o primeiro convenio de alcance geral que procurou definir no Novo

---

(14) Padre Cardiel — "Mission al Rio del Sauce" — B. Ayres — 1930.

(15) Idem — idem.

Mundo a legalidade geográfica das duas metropoles ibéricas nas suas possessões, e que, de uma vez durante a primeira metade do século XVIII, entravam em contacto, em diversos pontos na America do Sul. (16).

Essa constante alternativa de posse e dominio provocou entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai uma interpenetração luso-espanhola que serviu para dar ao gaucho das duas parcelas territoriais quasi que uma só fisionomia. Portugal deixou profundas influências na vida uruguaia como o Uruguai deixou profundas influências na vida riograndense.

O Tratado de Madrid consentindo na permanência dos portugueses na Colonia do Sacramento consolidava a fusão dos dois povos. Como uma predestinação histórica, o Tratado era obra política de um brasileiro, Alexandre de Gusmão, um dos mais famosos diplomatas da sua época (17). O princípio aceito como fundamental para o traçado de limites entre os dois reinos foi o do direito romano, internacionalmente consagrado, do *uti possidetis*. O Tratado abria caminhos à própria independência das colonias, eximindo-as da solidariedade á metropole em caso de guerra e soldava o primeiro elo da política panamericanista que daria, séculos mais tarde, esta magnífica unidade de espirito que caracteriza o Novo Continente.

Denunciado o Tratado de 1750, consumou-se, em seguimento, o pacto político de Pardo. Mais adeante, celebrou-se o iniquo Tratado de Santo Ildefonso, em

---

(16 Oliveira Lima — "Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira" — Ed. Leitura — 1944 — Rio — pág. 86.

(17) Pandiá Calogeras — "Formação Histórica do Brasil" — Ed. Nacional — S. Paulo — 1935.

1777, que restituia à Espanha o Territorio das Missões. Nenhum deles conseguiu porem anular as beneficas consequencias do Tratado de Madrid que traçára uma linha funda e irretocavel para os destinos da America.

Os polemistas apaixonados, de uma como de outra lingua, negam-se, mutuamente á evidencia destas verdades historicas: no Brasil, ao reconhecimento da influência castelhana numa extensa faixa de fronteira que, indiscutivelmente portuguesa, foi, no entanto, por dois seculos ocupada por espanhois — como um territorio neutro que era, entre as esferas de influencia, castelhana ao sul e portuguesa ao norte; no Uruguai e Argentina ao reconhecimento dos direitos de Portugal, os mesmos que a Espanha se arrogava, para se considerar senhora destas campanhas.

A sequencia dos Tratados Politicos está a provar a ilegitimidade da posse espanhola, tão eloquente que ressalta na propria mobilização de um exercito que marchou do Prata com destino aos Sete Povos para fazer respeitar, pelos indios miguelistas, o que preceituava o Tratado de Madrid, de 1750. Tão insofismável era o direito português que se deslocava, definitivamente, das Missões Orientais, uma população de mais de trinta mil habitantes, enquanto se consentia na permanencia dos lusitanos na Colonia do Sacramento.

Os defensores acerrimos da Espanha fazem do Tratado de Santo Ildefonso a base de suas conclusões, sempre unilaterais, esquecidos de que tanto o Tratado de Santo Ildefonso como o famoso Tratado de Tordesilhas foram frutos da violencia e da força. Jamais

o Tratado de 1777 poderia sobreviver em face do espirito de justiça que inaugurára para as contendas territoriais da America de origem latina o Tratado de Madrid.

Mas essas disputas, essas controversias, essas polemicas não se originaram apenas na incerteza das divisas desse territorio de permeio. Vieram de mais longe. Vieram do tropel constante das guerras na Peninsula, quando Portugal procurava libertar-se do jugo de Castela. E quanto ao desrespeito aos Tratados, de que acusam Portugal, não foi, sem duvida, Portugal quem abriu o precedente. A invasão na Lusitania, comandada pelo proprio Rei de Castela, em 1385, por Santarem, era uma flagrante violação dos pactos diplomaticos e politicos assumidos pela Espanha com Portugal. E a Espanha jamais haveria de esquecer a epopéia nacionalista que a espada de Nun'Alvares escreveu nos campos de Aljubarrota...

Partindo de uma extremidade do Atlântico europeu, as nações rivais na Peninsula vieram reencontrar-se na extremidade oposta, na América, donas de imensos territorios cuja vizinhança serviria de estimulo ao recrudescimento desses velhos ódios.

Enquanto desbravavam as regiões virgens do Novo Mundo tratando de povoa-las, empenhavam-se entre si numa guerra de rudes embates, procurando cada qual apossar-se da maior e da mais rica extensão. Em defesa destas ambições usavam de toda sagacidade política e da força das armas, destacando-se, sem dúvida, como o demonstrou Cardiff, o lusitano na habilidade dos lances diplomáticos.

Povo pequeno em território, Portugal acostumou-se a não confiar demasiadamente na estabilidade de suas conquistas pela força, pois que, embora valentes e audazes, eram reduzidos os seus soldados e si o heroismo lhes assegurava a vitória, o número lhes condenava á precariedade da posse. Essa há-de ser, sem dúvida, a razão porque seus homens de guerra sempre se fizeram politicos, que aprimoraram o cultivo dessas virtudes á medida que Portugal foi estendendo o "seu Império — mais vasto que o da Roma antiga". (18).

Deflagrado o conflito de 1801, entre as potências ibéricas, insuflado pelas intrigas politicas da Corte de Napoleão I, são novamente invadidos os Sete Povos das Missões mas, desta vez, por forças nativas brasileiras, constituidas de voluntários. Na correspondência histórica de José Borges do Canto com o Tte. Cel. Patrício José da Camara, José de Anxieta da Fontoura e outros, de 1801 a 1805, verifica-se que só as armas riograndenses é que vieram decidir o que a diplomacia não conseguira placitar. E à reconquista lançaram-se os homens mais poderosos da Capitania do Rio Grande, que pediram licença ao Governador para "levantar companhias de gente de a-cavalo e arma-las á sua custa para sairem contra o inimigo; e os mais pobres se juntavam com ranchos e faziam o mesmo; e como todos levavam facil concessão concorreu para o exercito gente inumeravel e resoluta, com facilidade de passar adeante e fazer hostilidades possiveis ao inimigo. Destarte se apresentou naquela fronteira um exército for-

---

(18) Francisco Bauzá — "História de la dominacion Española en el Uruguai" — Tomo I — Fls, 4-5,

midavel não tanto pelo número dos individuos, como pela disposição dos animos, e isto sem despesas do Estado." (19).

Em 1805, o Major Engenheiro e Astronomo de Sua Alteza Real, José de Saldanha, respondia a uma interpelação do Gerreral Governador, Paulo José da Silva Gama, dando-lhe contas da façanha dessas armas e procurando ressaltar o que custára de sacrificios a fixação definitiva dessas fronteiras. (20).

---

(19) Gabriel Ribeiro de Almeida — (Lisboa) 18 de Setembro de 1806 — Revista de Hist. e Geograf. JORNAL do Inst. Hist. e Geogr. Brasil. — n.º 17 — Abril 1843 — Vol. V.

(20) Da Revista do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul — 1.º volume — fls. 71-75: "Tenho a honra de responder ao "oficio de V. Excia. datado de 15 do corrente, pelo qual he servido "determinar-me que informe Eu até que paragem se pode com proprie- "dade dizer que chegarão as Conquistas das nossas Armas na Fronteira "de Missões e a próxima passada Guerra; Expondo quanto me for "constante neste Assunto, o meu parecer e Expecificação dos Lugares "competentes para se postarem ou fazerem subexistir as nossas Guardas "avançadas nos Confins da mesma Fronteira.

"Para ser mais intellegivel a minha presente Contextação e suscep- "tivel da devida e prudente Decisão de V. Excia. principiarei pela "resumida Narração d'aquella Conquista, anterior a vinda de V. Excia. "para o Govêrno desta Capitania.

"Tomada por assalto a desprevenida Guarda Hespanhola, de S. Mar- "tinho e logo depois o Acampamento Hespanhol, situado nos suburbios "do Povo Guarany de S. Miguel se entregou êste por uma incoerente "capitulação no 3.º dia de Sitiado, a cujo exemplo se submeterão sem "resistência alguma ao Dominio Luzitano todos os Indios Naturais dos "seis Povos do Norte deste lado do Uruguay, com seus Terrenos e "Pertences. Restava o de São Francisco de Borja, o mais meridional "destes sette orientais o qual resoluto a seguir o Partido do Vencedor "se subjeitou a Deliberação dos Portugueses, tanto que Estes se lhe "aproximarão ao momento do Desemparo dos Hespanhoes que se cui- "davão em persuadir-lhe a Emigração e em mudar as alfayas da Igreja "para o Lado Occidental do Uruguay. Conquistados estes Povos Expul-

O documento ressalta a deficiencia de elementos com que os subditos do Rei Português contavam para manter inviolavel o territorio que haviam reincorporado a espada, "extendendo um cordão de tropa de cento e cincoenta belegerantes", numa extensão que mais tarde haveria de separar três paises. A maior obstaculo á preservação dessa posse era, evidentemente, a reduzida percentagem do elemento colonizador, convertido em elemento de guerra, pois o Reino não podia dispensar seus contingentes humanos, sem enfraquecer o proprio organismo nacional. Daí a razão por que lançou mão, por vezes, de aventureiros que, beneficiados pela tolerancia da lei, aqui se entregaram á franca expansão de seus instintos, provocando os celebres e veementes protestos dos missionarios da Companhia de Jesus.

"sos os Espanhois de maior graduação para o outro lado do Rio reme-
"tidos os da Plebe Combatente como Prizioneiros para esta interior
"Villa; e naturalisados os que se quizerão subordinar á Corôa de Por-
"tugal, tratou-se de defender com o adjuctorio dos mesmos Indios Na-
"turais a Restauração que pertinazmente intentavão os Hespanhoes por
"meio das suas frequentes avançadas nos Passos do refferido Uruguay,
"nos quais extendemos o Cordão da Nossa Limitada Tropa de cento e
"cincoenta Belegerantes.

"As Estâncias ou Fazendas de S. Luiz e Sto. Anjo, denominada esta
"de Sto. Antonio, situadas no sul do Ibicuhy-grande, forão logo mane-
"jadas debaixo da nossa Direção como evidente Conquista Portuguesa:
"As desertas do Povo de S. Francisco de Borja, igualmente ao sul do
"mesmo Ibicuhy, e ao ocidente do Ibirá-Puitã, presestindō já
"dantes em abandono da Nação Hespanhola, por causa das hostilidades
"dos Indios Charruas e Minuanos, não deixarão contudo de ser explora-
"das durante a guerra, por motivos da mais conveniente precaução pelas
"nossas repetidas Patrulhas, assim de Millicianos, como de Naturais,
"combinados com aquelles indomesticaveis Indios, moradores nas Solitarias
"Serranias intermedias e declarados Inimigos dos Hespanhoes. Seguio-se
"a Paz e com ella o estabelecimento das nossas Guardas mais indis--

O Brasil era o exilio, a terra destinada ao castigo dos degradados, dos indesejaveis que o Reino deportava. A India, com suas riquezas fabulosas, arrastava os conquistadores pelos caminhos ousados que Vasco da Gama traçara nos mares orientais.

No primeiro seculo da descoberta do Brasil, em 1615, Fragoso de Albuquerque recebia as instruções que deviam regular os entendimentos, na França, com o Embaixador da Espanha, para um tratado de treguas entre os dois reinos ibericos e que diziam: "as terras do Brasil não estão despovoadas porque nelas existem mais de tres mil portugueses."

"pensaveis nos Passos do próprio Uruguay, vezinhos e fronteiros aos "Povos Ocidentaes Hespanhoes e na referida Estancia de S. Luiz, á "imitação da qual se poderia collocar outra na medeania da *Campanha* "*do Jaráo,* se estivesse esta povoada, e se alçando para isso as Praças "da Tropa regular; que apenas se poderão conservar finalisada a Guerra "anuisse igualmente o falescido Brigdr.º Francisco João Roscio, nesse "tempo Governador Interino desta Capitania, a participação que lhe "propoz d'officio, o Major Joaquim Felix da Fonseca; o qual em "resulta do meu regresso havia ficado comandando tão bem as Armas "naquella invadida Fronteira. Para suprir a falta desta Guarda, se "continua ou com o methodo das Patrullhas expedidas assim da de S. "Tiago da Cruz como da de Mbororé, ao Norte da Barra do Ibicuhy "e do Acampamento de S. Francisco na margem do mesmo lado além "da seguida frequentação dos Naturais auxiliados dos Portuguezes com "o fim de utilizarem dos Gados alsados oriundos de suas antigas Fa-"zendas. Histo mesmo he o que se praticou pelo decurso de todo o ano "próximo preterito do meu segundo commando, sem que os hespanhoes, "jamais se oposessem ou entrassem com Partida, na d.ª campanha de "Jaráo, athé os fins de outubro antecedente em que se apresentaram "com o preteisto de virem contra os Charruas, por lhes haverem rou-"bado quatro centos cavallos de S.M.C. segundo constava da Portaria "do Exmo Snr. Vice-Rey de Buenos Ayres de que vinha monido o "seu Tte. Commandante. D. José Rondeau: pois que nem a desorde-"nada peleja com a nossa Partida foi motivada por violação de Terrenos "nem officialmente a estribão nesta causa como primaria ou fundamen-

Era um flagrante contraste o numero reduzido da povoação branca com a imensidão territorial do mundo descoberto.

Vicente Licinio Cardoso em seus comentarios á margem da historia do Brasil traça uma critica definitiva sobre a nossa formação. Para o sociologo a história brasileira dos arquivos portugueses era a "história da costa". Nem podia ser outra, escassa que foi a penetração oficial da terra brasileira. Demais perigosa. Duas vezes perigosa. Uma, por incidir no

---

"tal. Á vista do refferido me persuado que temos todo o Direito de "Conquista na Fronteira do Sul de Missões pelo menos athé a Serra "dos Infieis inclusos todos os Terrenos entre a d.º Serra e o Ibicuhy-"guaçú, Estancias de S. Luiz e de Sto. Anjo; aos intermedios dês o "Arroio Issaca athé o Sta. Maria, transitados quasi diariamente no "tempo da Guerra, pelos nossos Combatentes, Destacamentos e Patru-"lhas e, na Paz pelos nossos Viajantes e Commerciantes, alem dos "Estabelecimentos Portugueses, que logo ali se colocarão; E ao Occi-"dente do Ibirá-puitã com um juiz de preferência em que ficamos dês "a mesma guerra, a toda Campanha, que se extende da Barra do pró-"prio Ibicuhy-guacú, até o Jaráo, Ponta Ocidental da menceonada "Serra. Em consequencia do que se me afigura, estarem bem situadas "as duas nossas atuais Guardas Meridionais de S. Rafael ou St.º Es-"taquio, e de Pareró; aquella na Forquetta dos Iberá-puitãs cobrindo "os extremos austrais das espressadas Estancias, e explorando a Oeste "até *Iguarapá*. E esta trez legoas ao Sul do d.º Ibicuhy-guaçú, decor-"rendo athé as Cabeceiras do Arroyo Nanduy. Talvez que o patriotico "zello com que me honro, junto ao meu debil Discernimento, concor-"rerão a illudir as minhas tenues ideas; E pelo tanto me propuz á "supra d.ª Exposição dos Factos accontecidos; sem que possão ser-"vir-me d'aresto, ou contradição, algumas outras Dicções minhas com "que n'um Lapso de Penna pretendi resumidamente dirigir a Alta e "Superior Atenção para os Lugares Conquistados pelos seus nomes "mais genericos e athé ali conhecidos; Na certeza de que ao ditozo "tempo da futura Concluzão da nova Demarcação de Limites, se de-"verá atender antes ás individuaes e posetivas Contas, e aos exactos "Planos, que as aclarem, do que a Periodos semeados em objectos-"etherogeneos."

ajustado pelo Tratado das Tordesilhas, aceita como fôra a "raia" limitrofe com os dominios da Espanha; outra, por não ser rendosa, desesperançados que ficaram aqueles que mandaram que se fizessem as primeiras "entradas" no norte pela terra a dentro.

A conquista da terra no Brasil foi antes de tudo "particular". Contrastando com o oficialismo regio dos descobrimentos e a repartição régio-feudal da terra descoberta em nome da Corôa, o nucleo mestiço de habitantes, concentrado no planalto de Piratininga, executou a sua grande epopéia aventureira por conta própria, particularmente, independentemente dos desejos da mãe-pátria.

As capitanias haviam sido doadas: nelas, pois, instalados os aulicos com suas nobresas, títulos, escravos, direitos, privilégios e regalias. E apesar da enormidade da terra naquela costa imensa, sobre que se contaram as léguas de doação, acomodaram-se mal tantos direitos e posses em tão vastos latifundios... Cedo vieram, sem despacho, de Portugal, o "drama" e a "tragédia", como opinou João Ribeiro, fundindo no seu relato aquilo que a inteligencia de Oliveira Martins com mestria havia observado, anteriormente, como resultado dos primeiros tempos de dominio ibérico: o "drama" para as colonias espanholas e a "tragédia" para as terras portuguesas.

Estava toda a costa praticamente tomada... As capitanias porém não vingaram. De Portugal vinham poucos colonizadores, presas que estavam as melhores energias com o encantamento natural das riquezas esplendidas da India. Escassa a contribuição de ilheus

julgada, aliás, oportuna desde cedo, por vir experimentada da cultura da cana e não do trigo ou do centeio. (21)

Daquela faixa de terra jogada ao extremo da Peninsula Iberica, estreitando-se sobre a Espanha, não restava, porém, aos portugueses outras rotas de expansão do que o mar. Impossibilitado de se estender na Peninsula, Portugal viu-se forçado a embarcar. Ceuta foi a primeira viagem: Alcácer Quibir a ultima. (22).

O desconhecido era um desafio ao seu animo heroico e desbravador. Perlongou a Africa e a Asia. Depois, os caminhos inaugurados por Colombo puseram á prova a sua tenacidade. A preparação para tão grande destino não era, no entanto, um fruto apenas da sua coragem, da sua audacia e da sua ambição. Era, sobretudo, a conquista de uma longa aprendizagem, de disciplina de estudos e de severas experiências nas aventuras dos mares. Desde 1290 que Lisbôa conhecia uma famosa Universidade que, mais tarde, se transladou para Coimbra e de onde sairam nomes imortais na ciência como na literatura lusitanas.

Portugal desfrutara de altos niveis de cultura sob o govêrno de grandes príncipes, a começar por Dionisio de Borgonha até D. João II precursor do mais ilustre de todos eles. Da sua nobreza de espirito e desse cultivado orgulho nacional surgiu a gloriosa pleiade de marinheiros e soldados que no periodo de 1420

---

(21). Vicente Licino Cardoso — "À Margem da História do Brasil" — Ed. Nac.

(22) Oliveira Martins — "A Vida de Nun'Alvares".

a 1498 dobram o Cabo Não, descobrem o Arquipelago dos Açores, o do Cabo Verde, as Ilhas de São Tomaz e outras, firmando pé nos territórios continentais da Africa e da Asia e flanqueando pelo Cabo de Bôa Esperança o caminho das Indias. (23)

Mas se o pequeno reino estendia seus braços tentaculares pelo mundo, a Espanha, fortalecida pela união de dois poderosos principes e a conquista de Granada aos mouros, depois de oito séculos de dominio sarraceno, não poderia ver, sem temor, a glória e a expansão do rival.

A unificação dos Reinos de Castella, Aragão e Navarra ao antigo dominio mouro de Andaluzia, constituiu, desde logo, a poderosa monarquia espanhola, que era uma ameaça aos planos expansionistas de Portugal. E as velhas pendências do Continente se transladaram às colônias. ' O tratado de Tordesilhas, celebrado pela fôrça, a 7 de janeiro de 1494, havia dividido em duas partes iguais o mundo desconhecido, por uma linha ideal que, partindo de 370 léguas das Ilhas do Cabo Verde, devia atravessar o Atlântico de polo a polo.

Tudo quanto até aí se havia descoberto ou vir-se-ia a descobrir, partindo da linha do Levante, pertenceria á Coroa de Portugal e tudo quanto em identicas condições se desvendasse á linha do Poente, á Coroa de Espanha.

O Tratado era arbitrario e ilogico, mais uma imposição da violencia do que um documento juridico, de feição perduravel.

---

(23) Bauzá — Obra citada.

A linha determinada para a execução no espaço de dez mezes nem em vários decenios seria exequivel, pela precariedade de meios, na época, ás próprias soluções elementares de nautica e cosmografia. Pelo Tratado das Tordesilhas o Brasil sofreria uma absurda mutilação geográfica, infensa à sua formação natural e aos seus próprios interesses políticos e econômicos.

Sob o dominio da Corôa da Espanha, as lutas serenaram, por espaço de sessenta anos no Corntinente e nas Colonias. Portugal e Espanha tinham, então, um só Rei, um único Soberano.

Vicente Licinio Cardoso afirma que, no sul, foram grandes as vantagens decorrentes da unificação das coroas ibéricas.

Raciocinemos, diz êle, friamente sobre os fatos, com a calma de espírito exigida por mais de tres séculos de sedimentação histórica.

Lembra que as investigações a respeito foram sempre escassas, medrosas e isoladas e que se deve a Afonso de E. Taunay a revelação de documentos interessantíssimos sobre a influência espanhola nos sertões paulistas, clandestina até 1850 e franca e pública, depois, com o aproveitamento comum dos caminhos de penetração ao Paraguai, no sentido inverso àquela trajetória ousadissima com que o alemão Schmidel alcançou o Atlântico, partindo das margens do Paraná. Das provas compendiadas por Taunay, registra Licinio Cardoso as seguintes: "a visita em 1603 de Villa-riquenhos a Piratininga para ajustarem a conservação de um caminho comum entre as duas povoações; contacto interessantissimo entre Luiz Céspedes Xéria (1628) e

os bandeirantes paulistas, acompanhado que por êles foi até Guayrá por ocasião de sua viagem para Ciudad-Real e Villa-Real; notabilissima a efusão de sangue castelhano em S. Paulo (24), documentada pelos próprios nomes de bandeirantes paulistas de origem espanhola; falta de hostilidades por parte dos colonos espanhois do Paraguai, aos ataques dos paulistas ás missões jesuíticas (João Ribeiro, Rocha Pombo), incentivando e aplaudindo indiretamente aquela penetração e a notavel proteção de Céspedes, Capitão Geral do Paraguai, aos paulistas, impedindo não só aos indios *mas também aos jesuitas o uso de armas de fogo.*" O largo relato de Taunay vem ainda mostrar que as missões jesuiticas foram sempre assaltadas, quando desprovidas daquele elemento imprescindivel de defesa. E a exceção começa apenas em 1639, preambulo do "tremendo desastre paulista de Mbororé" (1641), em que os bandeirantes encontraram os jesuitas armados até mesmo de um canhão. Mas que melhor argumento, conclue Licinio Cardoso, poderia haver do que esse relativo á *afirmação de que a história das bandeiras paulistas dos sul foi arquivada em documentos espanhois,* vazios que ficaram sobre o assunto os arquivos portuguêses?

"E que outra contraprova melhor poderia existir do que aquele desejo de *autonomia,* em 1640, com a tentativa malograda do governo oferecido a Amador Bueno? Pois não ficou nisso flagrante a influência espanhola até então exercida sobre as gentes dos planaltos paulistas? Há, porém, mais.

---

(24) A. de E. Taunay — "Historia Geral das Bandeiras Paulistas".

Foi a própria influência espanhola que orientou e estimulou as bandeiras paulistas na conquista do sul ao longo do vale do Paraná e do Uruguai. Raciocinemos com isenção. A alma dos *bandeirantes* viera formada da peninsula ibérica: era a ousadia latina em seu pleno apogeu de glória, em terra e no mar, era o mesmo ardor em desvendar o mistério, em fecundar a virgindade das florestas, ou em desvirginar até o mistério dos oceanos. Tanto assim que os primeiros bandeirantes brasileiros foram portugueses ou espanhois, como Bruno Spinosa nos sertões baianos. Foi espanhol ainda o primeiro bandeirante que encontrou ouro em Minas Gerais. Foi português João Ramalho, o precursor da investida no sertão; foi luso, ainda, Antonio Raposo Tavares, uma das maiores figuras do século XVIII, aquela mesma que, por ironia da sorte, ficou deslembrada, confundida até 1905. Apenas em S. Paulo, *aquela alma bandeirante* logo e aclimatou, se abrasileirou, tornou-se em suma fecunda, ampla e vivaz, cruzada que fora com o próprio sangue da terra". (25)

Ao fim do século XVII — independente Portugal da Coroa espanhola, — reacenderam-se, com mais violencia, os ódios, as paixões e o desejo do predominio. Enquanto o trono era um só, as próprias arrancadas bandeirantes tinham o aplauso dos espanhois. O mesmo ponto de vista já não poderia subsistir a partir de 1640, quando Portugal reconquistava sua plena soberania. E os lusitanos vincu-

---

(25) Vicente Licinio Cardoso — "A margem da Historia do Brasil" Edit. Nacional — S. Paulo.

lados aos mamalucos brasileiros, lançaram-se com maior furia aos combates e ás razias. Tentaram prolongar as divisas da America Portuguesa ás margens do Rio que Solis havia descoberto. Mas essas correrias e algaras, invasões e revides, terminaram por esgotar os erarios de ambos os reinos, enfraquecendo-lhes o poder e causando o empobrecimento das colonias e o lamentavel retardamento de seu progresso. Não haviam deixado, no Sul, lavouras, fabricas ou escolas. Apenas o aprendizado da guerra e o clima propicio ao caudilhismo que mais tarde proliferou. Diminuidas as violencias armadas o elemento colonizador procurou estabilisar-se.

A navegabilidade precaria do Uruguai e a fundação da Colonia do Sacramento — creando uma rivalidade á soberania do Prata — e, ainda, as penetrações bandeirantes abriram possibilidades amplas á luta portuguesa para reincorporar uma grande parte de São Pedro do Sul ao patrimonio territorial de Lisboa, na América. Apesar de, mediante o Tratado de Santo Ildefonso, toda a Campanha ficar pertencendo á Espanha, já não cabia duvida que a linha artificial da fronteira traçada sobre o divisor de águas, um dia haveria de retroceder até a linha natural do Uruguai. (26)

Felix de Azara (27) que pisou o chão americano para dar cumprimento ás determinações do Tratado de 1777, é o primeiro critico a asseverar a ne-

---

(26) Padre Balduino Rambo — "Fisionomia do Rio Grande do Sul" — 1942.

(27) Felix de Azara — "Descripcion y Historia del Paraguay y del Rio de la Plata",

gligencia da Espanha na defesa dessas terras, o pouco interesse consequente da posse e domínio ilegais, enquanto exalta o talento, a astucia e a ousadia dos portugueses.

Rubens de Barcelos, no seu famoso esboço da formação social do Rio Grande, comenta: "Pela mesma data contavam-se tão somente quinhentos e tantos proprietários de estâncias no interior. Era o deserto. Só depois da incorporação da Banda Oriental em 1821, (um ano antes da independência do Brasil) e relativa seguridade consequente desenvolveu-se esta população rural, entremeada de elementos castelhanos e em tudo identica a eles. Os hábitos e costumes desses campeiros em nada se distinguem das usanças e praticas dos gauchos orientais." (28)

Mais longe, escreve o ensaista: "a sua existência transcorre *asiaticamente*, entre a ociosidade e a violência. *E' como o arabe e o beduino*, para quem a vida se sucede entre a correria das algaras e o repouso das cabanas."

Um sociologo uruguaio, falando dos nossos primeiros séculos, argumentou sobre os motivos que haviam arrastado fidalgos e ricos peninsulares das grandes metrópoles, á procura dos campos inospitos da jovem América. E' que a riqueza pastoril punha a região em condições analogas ás das comarcas tropi-

---

(28) "Nessa estancia (refere-se à estancia do CURRAL GRANDE) vejo já alguns espanhois. Trazem o *chiripá*, espécie de cinto que desce quasi aos joelhos, à guisa de uma pequena sáia que é feito do mesmo pano grosseiro dos ponchos". S. Hilaire — "Viagem ao Rio Grande do Sul" pág. 119. "Mostrarei em outras paginas que a promiscuidade entre indios e brancos resulta, *mormente* entre espanhois, em produzir habitos mistos, conduzindo os brancos à barbarie". Idem pág. 191.

cais, onde a natureza por si mesma oferece ao homem o fruto em tal abundancia, que lhe bastará, apenas, estender a mão para apanhá-lo. O trabalho quasi inutil fez o homem ocioso e livre, como os ricos da vida civilizada. A abundância do gado e a ausência de toda propriedade permitiram ao habitante do pampa — no século XVIII — viver sem esforços. O cavalo lhe assegurou a rapida mobilidade, o couro proporcionou-lhe os arreios, as botas, as redeas; deu-lhe também o chapéu, a cama e a habitação. Laçada ou boleada a rez, em pleno campo, dela se retirava o couro e o melhor pedaço de carne para o churrasco e o resto ficava na coxilha a atrair os milhares de corvos que negrejavam em bandos saltitantes ou em revoadas turbulentas.

Em toda a vasta região do pampa indiviso, que na constância das suaves ondulações não aceitaria futuras raias políticas, criando entre homens de tres patrias os mesmos hábitos e os mesmos costumes, perdiam-se os rebanhos selvagens, de cavalares e vacuns, a desafiar o espírito aventureiro e jovial do gaucho.

Já em 1748 Padre Cardiel anotava em seu diário de viagem (28) que, em quarenta léguas de solitárias campanhas, sem arvores e sem arbustos, encontrara infinidade de cavalares silvestres, "chimarrões" ou "baguais", como diziam no nativos, e abundância de veados, cervos, avestruzes e perdizes. E João Simões Lopes Netto (30) anota que esses rebanhos de gado alçado — vacum e cavalar — perse-

---

(29) Pe. Cardiel — "Diário del Viaje y Mission".
(30) J. Simões Lopes Netto — "Terra Gaucha".

guidos pelos *changadores*, disseminaram-se nas coxilhas para cá do arroio Arapehi e pontas do Rio Negro e alí multiplicaram-se admiravelmente. Nessas paragens, até o Ibicuhy, que desagua no Uruguay, por um lado, e o Vacacahy-Jacuhy, que desagua para o Quarahy, por outro lado, era o ambito das vastas estâncias das Missões. As principais foram ao Sul, as de Japejú, Santa Tecla e S. Xavier; ao Centro as de S. Borja, da Conceição, S. Nicolau, etc., ao Norte, as do Carmo, S. Vicente, Bororé, Santo Cristo, S. Donato, S. Gabriel, Itaroquem e outras.

Nessas dilatadas e ferazes campanhas pastavam não menos de quinhentos mil animais bovinos, cavalares e muares da mais correta estampa e aproveitaveis qualidades. Em cada estância havia um grande arranchamento, de quinze e mais casebres para alojamento do pessoal de trabalho, tirado dos próprios indios que vinham revezadamente fazer um certo tempo de destacamento. (31).

"Havia, outrossim, em cada estância missioneira a capela de material e no altar a imagem do padroeiro respectivo; junto á capela o cemitério. Percorriam os padres seguidamente as estâncias, fiscalizando os serviços e atendendo o culto religioso. O gado desses colossais rodeios é que fornecia carne para toda a população das reduções; as cavalhadas serviam ao transporte entre os povoados e para remonta militar, e de ambos, a courama era utilizada para condicionamento da erva-mate (surrões), para arreiamento e correame das milicias é ainda muitos

---

(31) J. Simões Lopes Netto — "Terra Gaucha".

milhares eram exportados, vendidos em Buenos Ayres, bem como os sebos, os cabelos e até plumas dos inumeraveis bandos de nhandús (avestruzes) que os indios tão habilmente sabiam bolear e deplumar." (32)

A criação de gado vacum tornou-se de uma importância notável. Emilio Coni observou que os campos de Corrientes e Rio Grande povoaram-se de estancias com vinte e trinta mil cabeças cada uma. (33)

Fray Pedro José Parras, no ano de 1753, deu testemunho da abundância e fartura das campanhas platinas dizendo, com certo exagero, que "era necessário espantar muchas manadas de los caminos para poder transitalos. Era todo el gado montez, y nadie lo tenia domestico, sino que cada uno cogia y mataba lo que queria". (34)

Esta abundância mais tarde fez do proprietario rural um homem aberto á mais franca hospitalidade. Nas cozinhas havia sempre a "manta" de carne gorda, á disposição de quem chegasse e pedisse. A campanha constituiu, assim, para o imigrante, o mundo espetacular da riqueza e da aventura. Caldcleugh em sua viagem de 1821 acentua que a quantidade de gado e o pouco preço da carne era um assombro para todos os estrangeiros e que esta abundância devia influir no caracter e nos hábitos da gente de campo. Mas, diferente da ociosidade tropical — sensual e sedentaria — a opulência e a liberdade crearam aqui hábitos viris, rudes e sobrios. Apanhava-se, nas bo-

---

(32) J. Simões Lopes Netto — "Terra Gaucha".

(33) Emilio Coni — "El Gaucho" — 1945 — pág. 166.

(34) Fray Pedro José Parras — "Diário y derrotero de sus viajes" — Buenos Ayres — Ed. Solar.

leadeiras ou nos laços, o *cavalo chimarrão* e a *rez alçada.* (35)

E' quando surgem, então, os *cortadores* que usavam lanças de taquara encimadas por uma lamina na forma de meia-lua, com que, em plena corrida, no pampa, desgarronavam as rezes ou cavalos, vibrando-lhes um golpe na perna trazeira, "com tal destreza, diz o padre Cattaneo, que le cortan el nervio sobre la juntura; la pierna se encoje al instante, hasta que despues de haber cojeado alguns pasos, cae la bestia, sin poder enderezarse mas." (36)

Conduziam, a gritos, a boiada para a volta acentuada de algum arroio forte e aí "desgarronavam" as rezes. Simões Lopes Netto informa que se chamavam *cortadores* aos que desempenhavam este ofício. Em seguida sangravam o animal, tirando-lhe apenas o couro, o sebo e a lingua, e abandonavam o resto aos urubús e aos cachorros chimarrões. (37)

Fray Parras, em 1749, surpreendeu-se de ver numa estância de sete léguas apenas de extensão, matarem,

---

(35) "Tendo sob as vistas um artigo de Azara, a respeito dos cavalos selvagens, vou consignar aqui algumas observações, decorrentes de sua leitura: as tropas desses animais que os portugueses denominam *bagualadas,* foram de tal modo perseguidas, que hoje não se aproximam dos viajantes. Contudo, no dia em que poisamos junto ao rio Ibahá um grande número de animais veio rodear a carruagem. Galopavam dando saltos e aproximaram-se tanto, que o Matias poude matar um jumento, com uma facada". Os estancieiros fazem-lhes guerra com a dupla finalidade de afugentá-los e de aprisionar os potros para domestica-los. Alguns mesmo, caçam-nos para vender o couro. Entre êles e os cavalos mansos da região não há diferença alguma". S. Hilaire — Obra citada — pág. 248 (Ed. Ariel — 1935).

(36) Padre Cattaneo, citado por E. Coni no livro "El Gaucho" págs. 42-43.

(37) João Simões Lopes Netto — "Terra Gaucha".

em poucos dias, dois mil touros e novilhos somente para tirar-lhes o couro, o sebo, e a graxa, abandonando a carne pelos campos. E faz idêntica descrição á do Padre Cattaneo, do processo de que usavam os *cortadores*. (38) Viu um só homem matar, na jornada de um dia, mais de uma centena de touros. Era pois uma necessidade adestrar-se no *manejo da adaga de gancho* (39) ou aguçar os sentidos, para fazer-se vaqueano nas travessias dos campos sem estradas e na luta constante com a policia do Reino. A vida equestre, a alimentação carnivora, a rude intemperie, os ventos tonicos do Oceano e do Pampa, fizeram o homem magro, duro, agil e de contextura biliosa. (40) Sua ocupação exclusiva na vida pastoril, no cuidado dos rebanhos, era uma constante expedição conquistadora á qual não faltava nem mesmo o caracter bélico, nas pugnas com os rebanhos bravios e com o selvagem que os disputava. Os campos fiscais formigavam de gados sem dono, aos quais, todos os anos, iam as *partidas* de trabalhadores — que enriqueciam as estâncias. Tinham estes homens uma denominação específica no Prata — o que empresta ao fenomeno pruridos de indústria organizada. Chamavam-lhes *gauderios*, vocabulo cuja alegre etimologia denuncia o caracter de semelhantes empresas: *gaudeiro*, de *gaudere*, provavelmente gozar, divertir-se. (41) No ano de 1744, dos dez mil habitantes da Argentina, só

---

(38) Fray Pedro José de Parras — "Diário y derrotero de sus viajes" pág. 130.

(39) Arma semelhante ao "alfange" do arabe.

(40) Alberto Zum Felde — "Processo Histórico del Uruguay".

(41) L. Lugones — "El Imperio Jesuitico" — págs. 273-275.

trinta e tres eram agricultores. Viviam em suas colonias como os senhores feudais em seus antigos castelos, rodeados de perigos porque a autoridade não lhes podia amparar e defender. (42) Pelos campos de Montevideo e Maldonado, Azara deparou com uma "casta" de gente comumente escapada aos carceres e á perseguição das tropas de linha da Espanha e do Brasil, a que se chamava de "gauchos" ou "gauderios". (43) Alguns prendiam os cabelos duros, espetados, com a "vincha" — um lenço ou larga fita branca que o indio vulgarizou. Outros, punham sobre a solta melena o *sombrero* que o espanhol importára da Ibéria. Alguns traziam nú o torso cor de bronze, e outros se vestiam com camisas de chita e, quando favorecidos pela fortuna, com palas de seda ou de vicunha. Todos usavam porém *botas de potro* e *chiripá*.

O deserto e a solidão fizeram-nos taciturnos e silenciosos. Lugones interpreta esse mutismo — que é o mutismo imponente do pampa com o qual nem o mutismo do Sahara rivalisa — para dizer que todo aquele que viajou pelas planuras conhece essa particularidade, a cuja impressão de deserto se ajunta um bem estar filosófico.

A esta espécie de misticismo poético, acresçam-se o mutismo peculiar do indio e o não menos caracteristico do arabe — sangues que, na própria frase de Lugones, leva o gaucho em suas arterias. No ano de 1795

---

(42) Ramos Mejia — "Historia de la Nacion Argentina" — 1946 — pág. 17.

(43) Felix de Azara — Ob. citada anteriormente — pág. 202 — n.º 15.

Francisco Rodrigues do Prado escrevia, no Real Presidio de Coimbra, a história dos Indios Cavaleiros ou da nação Guaicurú, notando a semelhança que os aproximava dos JUDEUS, dos GUEBRES ou GUARIS. Eram chamados, em outras eras, os PARECIS, homens quietos e melancólicos, diferentes dos outros selvagens da América. "Senhoreavam, antigamente, mais vasto terreno, o qual pouco a pouco foram perdendo com as povoações que formaram os Portugueses e Hespanhois, estes forçando as correntes do Paraguai e aqueles acompanhando as suas águas. Com os cavalos se fizeram temiveis aos outros selvagens e aos mesmos paulistas, que não saiam ao sertão senão em grande levada, receando encontra-los em campo limpo, pelo modo como que eram acometidos."

A liberdade e abundância fizeram-nos, ainda, altivos, hospitaleiros e leais.

Receberam dos padres a religião, nos povos reduzidos, e o demais que passou a constituir sua vida, tomaram do conquistador. Nem o cavalo, nem o rancho, nem o poncho, nem o chiripá, nem o facão, nem a bota de potro, nem a guitarra, nem o arado eram deles, porque os indios andavam a pé, guarneciam-se em toldos e viviam nus. Não conheciam instrumentos de música nem armas, além da flecha e das *boleadeiras*.

Sua língua, uma mistura de vozes arcaicas e vozes selvagens. Seu gênero de vida exigiu-lhes uma qualidade primordial: "a coragem, que é o Deus dos povos bárbaros". O valor tornou-se um culto supremo. A maior ignominia: a covardia.

Como não havia em sua existência nem lei nem juizes, a justiça era feita por suas próprias mãos. Todas as questões pessoais se resolviam a faça, como naquele duelo que Juan Carlos Davalos surpreendeu no pampa e transladou para as paginas vivas e coloridas de "Los Gauchos". Mas essas condições sociais não perduraram por muito tempo. O aumento da população foi creando novos problemas. As aglomerações em torno dos "Fortes" ou das "Capelas", improvisaram as primeiras cidades do pampa. Antes de 1800, a família quasi que não existia, na forma legal e regular de hoje. Homens e mulheres ligavam-se e separavam-se sem tropeços. Zum Felde ainda explica que quasi todos os frutos dessas ligações foram aqueles *guachos*, que se crearam sob a autoridade de uma espécie de matriarcado doméstico. Levavam nas veias dois sangues bravios: o do iberico e o do aborigene; mestiços que, reproduzindo-se entre seus mesmos elementos, formaram uma nova raça com as vantagens do caracter, disposições guerreiras e defeitos de seus ascendentes de ambos os lados; mestiços que atuavam ora como civilizados, ora como selvagens. Rudes, mas espertos como o primeiro e valentes e desconfiados como o segundo. *Guacho*, filho bastardo, sem origens legais. Esse tipo, com pequenas cambiantes, vamos encontrá-lo no Chile, no Perú, na Bolivia, na Venezuela, na Colombia, na Argentina e no Uruguay, derivando diretamente do espanhol e da india americana e sofrendo as pequenas diferenças de cada tribu — todas, porém, no fundo, pertencentes á mesma família indigena. E'

a legitimidade, pois, o traço importante da sociedade das Indias. O filho ilegítimo nasce com um motivo de queixa não só contra o pai, sinão contra a própria sociedade em que se integra. Madariaga, afundando-se na investigação destes primeiros tempos da América do Sul, diz que havia nas Indias, que era a America dominada pelos iberos — tantos filhos ilegitimos que o estigma social da bastardia perdera, em grande parte, o seu labeu. Mas, outros motivos vieram anular a tolerância. O filho espurio creava-se num lar privado da autoridade paterna o que, por si só, deveria produzir efeitos incalculáveis nos mestiços e, portanto, na sociedade onde eles proliferavam. E nada mais complexo do que a alma do mestiço. Comparada à alma de um tipo de sangue puro — seja branco, indio ou negro — esta ressalta transparente como uma lâmina de cristal. O traço tipico da alma mestiça é o cambiante da sua cor, que lhe dá o aspecto dessas tintas iridescentes, capazes de passar do azul ao verde e do verde ao amarelo á menor incidência da luz. Muitos ensaistas encontraram nesta instabilidade do caracter a justificativa de uma certa hibridez moral dos mestiços. E Madariaga lembra um curioso episodio. Certa vez um Ministro visitou a um Presidente de uma outra República sul-americana. O Chefe de Estado dirigiu-se ao diplomata nestes termos: — "Queiram sentar-se, senhores." Estupefacto, o Ministro contestou: "Mas, senhor Presidente, eu venho só". Ao que acrescentou o Presidente: "Sim, mas os homens de seu país são, sempre, pelo menos dois em cada um". E' eviden-

te que o dizia como visinho e com a peor das intenções. No entanto, á parte a malicia politica, a observação era justa. Um mestiço é sempre dois, pelo menos. No caso um branco e um indio. O mestiço leva consigo toda a força do conquistador, toda a ociosidade honrada do *encomendeiro*, toda a caridade creadora do padre dos primeiros tempos, toda a ambição do Corregedor, todo o direito de mando que a estirpe mais ativa assumia sobne os subditos que avassalava, emfim todas as virtudes e todos os vicios do europeu. Mas não os levava em seu estado natural e espontâneo. Na sua alma todos estes vestígios do branco pulsavam sob o ataque permanente que, de seu íntimo, lhes movia o outro — o indio — objeto de preferencia, e, com frequência, vitima da luta. O indio dentro do mestiço é tão rico e complexo em matizes, como o branco. A tensão entre uma e outra estirpe não podia ser mais aguda em nenhum tempo e lugar que dentro da alma do mestiço, onde ambas convivem dentro da mesma envoltura humana. Tensão que Madariaga julga que poderia ter sido alguma coisa de novo e maravilhoso si amadurecesse num clima moral perfeitamente sadio. Mas, por desgraça, comenta o pensador, não era sadio o clima moral das Indias. Os dois homens, o branco e o indio, vindos de dois continentes do espírito tão distantes, teriam que respirar numa atmosfera social antagonica, que a ambos humilhava, impelindo o mestiço á margem da sociedade, sempre como *casta* e com frequencia como bastardo. Por esta pressão social, as ricas vibrações da alma mestiça foram tomando agressividade, respondendo ao antagonismo com um contra-

antagonismo e dando assim ensejo a uma espécie de guerra endemica contra o ambiente. Indio, para o branco, era o mestiço branco para o indio. (44).

Felix de Azara (45) que os surpreendeu no momento em que começavam a tomar um lugar nos destinos do mundo, proclama-os astutos, sagazes, atividos, de luzes mais claras, de maior estatura, de formas mais elegantes, e ainda mais brancos não sómente que os creoulos e filhos de espanhol e espanhola na América, senão também que os próprios espanhois da Europa.

O gaucho apareceu em condições sociais que nele determinaram a ausencia de um conceito inerente á vida civil: o conceito da propriedade. Para ele a terra era de todos, como o ar e como a luz. O gado que pastava sobre os campos indivisos, tambem a todos pertencia. Adjudicar-se uma extensão de campo ou considerar-se dono de uma parte do gado chucro, era, para o gaucho, um crime de apropriação indébita, só toleravel sob a força militar, mas, assim mesmo, contrário ás suas prerrogativas naturais.

Criado na liberdade absoluta da natureza, não concebia a propriedade sinão como um atentado a seus fóros e direitos. Mesmo porque as terras e os gados nunca foram adjudicados aos homens nativos, mas, sim, aos senhores do Reino que vinham tentar, na terra selvagem, a fortuna facil.

---

(44) Salvador de Madariaga — "Quadro Historico de las Indias" — pág. 558 — Ed. B. Ayres.

(45) Felix de Azara — "Descripcion e Historia del Paraguay y del Rio de la Plata".

Assim, á proporção que as terras se recortavam á imposição dos novos donos, diminuia a propriedade comum do gaucho. E' Azara (46) quem acusa, nos albores da vida americana, que "no hay ejemplar de haber pretendido merced, quien tenga menos de diez mil cabezas de ganado o mucho dinero", politica suicida, estranguladora do trabalho e da produção. Os pobres, não tinham diante de si outra perspectiva do que a de se converterem em arrendatarios e ver esfumadas as esperanças de uma independencia economica.

As *encomendas* ou concessões de sesmarias transformaram-se em instrumentos da politica imperialista da Metropole pois, alem de incluirem o trabalho servil do indio, eram, também, motivo de um contrato feudal entre o agraciado e o benfeitor ou a subordinação tacita, deste ao Rei.

Desde então, o sesmeiro passou a ser feudatario, sujeito ás rigidas obrigações contraidas e estipuladas no proprio juramento que prestava ao receber a mercê. E em todos os casos, obrigava-se a seguir o real estandarte, o que subrogava toda a sua independencia politica.

Outorgadas as sesmarias, por estes contratos feudais, ficavam os concessionarios subordinados á autoridade da Corôa e, mais proximamente, á autoridade do representante do Rei na Colonia.

Foi assim que a America, por longo tempo, ficou incorporada aos feudos das corôas ibericas.

---

(46) Felix de Azara — "Descripcion e Historia del Paraguay y del Rio de La Plata" — Ed. Bajel — B. Ayres — MCMXLIII.

A propriedade e a fortuna se adquiriam ou se perdiam pelo livre arbitrio do Monarca, fonte de todo o direito e em cujas mãos estava o privilegio de dispor dos indios e das terras.

A carencia de liberdade na fase da estrutura economica da America, acompanhava-se, logicamente, da carencia de liberdade na ordem juridica. Daí esse sistema, em que o Monarca regulamentava, em seu beneficio, as relações de produção e propriedade, e a razão consequente do entorpecimento economico da América Colonial.

Os homens do campo foram forçados a renunciar á existencia socialista a (47) que se haviam afeiçoado, para trabalharem de peões nos fogões dos senhores europeus, na propria estancia que havia sido deles, pelo uso e a vida em comum. Chegou, dessa forma, o gaucho a uma alternativa fatal, em face da autoridade que lhe era excentrica e hostil: ou trabalhar para o

---

(47) Padre Peramás e Padre Varniere cometam também que nas reduções missioneiras a vida dos indios obedecia ao mesmo sistema socialista. E Padre Domingos Muriel acentua claramente: *socialismo* cristão. No entanto, Padre Serafim Leite em sua grande História da Cia. de Jesus informa com segurança: "Nas Missões do Paraguay nunca houve REPUBLICA, nem ESTADO, nem TEOCRACIA, no sentido autonomo da palavra, isto é, INDEPENDENTE. O titulo de CONQUISTA ESPIRITUAL dado pelo P. Ruiz de Montoya, no Século XVII ao seu livro, indica a natureza RELIGIOSA das Missões e catequese ou conquista dos indios para a RELIGIÃO Cristã. REPUBLICA. ESTADO, TEOCRACIA são noções politicas. Aqui houve apenas a organização da catequese, adaptada às condições sociais e mentais dos indios e do isolamento da selva, numa experiência particular de COMUNIDADE, na verdade surpreendente para o tempo, tudo porém enquadrado dentro do regime *político,* da Monarquia Espanhola. (Serafim Leite, S. J. "Hist. da Cia. de Jesus no Brasil" — Vol. VI — Imprensa Nacional — 1945).

patrão ou converter-se em *matreiro*. *Matreiro,* o gaucho que tinha contas pendentes com a Justiça, cousa frequente no seculo passado, e que fugia ás penas do castigo, particularmente ao serviço obrigatorio das "tropas de linha" que guarneciam os fortins; denominação que teve origem no costume imposto pela necessidade de armar a cama, pela noite, com as prendas do *apero* ou do *recado*, cujas *matras* substituiam ao colchão.

Unicamente uma colonização que aspirasse ao engrandecimento pessoal pelo trabalho teria podido influir sobre o tipo conquistador até modificá-lo; mas a conquista era, antes de tudo, uma operação de força e dominio, que só se propunha á exploração do natural. Si esse espirito dominante não houvesse excluido o creoulo dos postos publicos de mando, a independencia talvez se houvesse retardado por mais tempo, em diversas parcelas da America meridional. "A exclusão fez do creoulo um patriota, sem melhorar-lhe, porem, a consciencia e assim, ao emancipar-se, a unica virtude que possuia era o patriotismo de caracter militar". (48).

O conquistador imprimiu-lhe, no entanto, a feição combativa e animou-lhe o espirito de aventura. O *conquistador* do pampa nos séculos XVI e XVII, segundo Blanco Fombona, (49) era simplesmente o europeu aventureiro. Nele se descobriam, facilmente, as virtudes e se denunciavam os defeitos do país e da epoca

---

(48) L. Lugones — Obra citada.

(49) Blanco Fombona — El conquistador español del siglo XVI.

a que pertenciam. Visto sem o calor entusiastico dos panegiricos e sem o odio das condenações nativistas, o conquistador não nos parece o bandoleiro do cantico de Heine nem tão pouco o terno Irmão de São Francisco de Assis...

Os invasores da Iberia eram guerrilheiros e alguns de talento singular como Cortez ou de grandes projetos como Balboa. Á parte Bolivar, Miranda, Artigas, San Martin, que foram os caudilhos da emancipação, na América espanhola, sinão guerrilheiros, alguns estupendos e fabulosos como Paez? (50)

Os mestiços ibero-americanos herdaram de Espanha e Portugal a aptidão guerreira e a forma de combater.

Lugones (51) fez-lhes a defesa nas paginas sobebas de "El Payador", reivindicando, para o gaucho, a gloria de ter dado às patrias americanas o seu sangue nas lutas de redenção politica. O Brasil não foge á referencia. O gaucho riograndense foi como todos os gauchos sul-americanos, tambem uma vitima da prepotencia politica. De espada em punho incorporou ao patrimonio territorial do Brasil as vastas regiões missioneiras, que tanto agitaram a diplomacia dos seculos XVII e XVIII; enfrentou todas as consequencias advindas das lutas que, nesta parte do mundo, separaram Espanha e Portugal, até o conflito quasi continental do Paraguai. Participou de todos os exercitos, de todas as expedições militares, disposto sempre ao

---

(50) Blanco Fombona — ob. citada.
(51) Lugones — El Pyador".

sacrificio da vida, onde quer que o Brasil fosse atingido na sua honra, na sua paz e na sua soberania. O Brasil mesmo exigiu-lhe, antes de lhe dar as plenas prerrogativas de cidadão, a condição de soldado. (52) Enquanto outros Estados da União erguiam para o alto as torres de suas chaminés empenachadas de fumo, ensaiando suas primeiras industrias, ao gaucho se lhe exigia a vigilancia, de arma embalada, da tranquilidade que a nação desfrutava e necessitava para o trabalho de suas fabricas, de suas lavouras e da vida dos salões rumorosos da Côrte.

Só nos ultimos tempos do segundo reinado é que a voz do Rio Grande se ergueu, tão retumbante, altiva e esmagadora, que não lhe resistiram os bastidores do Conselho da Corôa. Levou-a ao Parlamento Gaspar Silveira Martins. E foi imprescindivel que o Tribuno, cuja eloquencia abalava a estabilidade dos Ministerios, dissesse ao país inteiro que o Rio Grande não era uma provincia bastarda. Com a Republica, ainda fomos o campo das novas experiencias democraticas, numa revolução que, por quase quatro anos, cobriu de sangue as nossas coxilhas. Pago, pelo gaucho, o tributo da nacionalidade em sangue e vida, ainda os homens que

---

(52) "No momento em que esta Capital possa gosar os beneficios da paz *talvez não seja mantida em armas toda a mocidade da região.* Será dada baixa aos soldados, para irem cultivar a terra e manter suas famílias. *E' extremamente necessário diminuir o aspecto militar desta provincia* si não querem destrui-la completamente. Toda a mocidade guarani acha-se em armas: as terras das aldeias estão incultas e os moços são hoje estranhos os trabalhos do campo, não aprendendo nenhum ofício". Saint-Hilaire — "Viagem ao Rio Grande do Sul" — pág. 183. Comentário feito no ano de 1821.

lhe deviam as mais justas reivindicações faziam a seu respeito considerações falsas e nada lisonjeiras, não escapando ao ritmo das apressadas referencias o proprio Euclides da Cunha, tão grandioso no estilo como na forma e tão inseguro no julgamento definitivo do nosso homem, ao considerá-lo "fragílimo nas apertu-ras de uma situação inferior ou indecisa".

A politica que tanto explorou a bravura e o idealismo do gaucho, nada fez pela melhoria de sua vida. Os estadistas só se lembravam dele, da sua coragem e da sua abnegação, da grandeza de sua alma e da sua renuncia, quando se abriam, aos apetites desmesurados, as bocas das urnas para os votos que os levariam ás posições cobiçadas.

Já não "lhe decorre, agora, a vida variada e farta..." E o que resta da gente altiva, nobre e desprendida, vai a caminho da extinção.

A civilização foi cruel com o gaucho. Teve todos os deveres a cumprir, como filho da terra. E como filho da terra, nunca lhe reconheceram os direitos, apesar da mascara das leis democraticas. Sua liberdade, sempre que ele a reivindicou, consistiu na força e resistência de seu cavalo e na eficacia de seu facão. Foi o aspero fruto da barbarie, rediviva no matreiro pela necessidade vital contra a injustiça. Esqueceram que o homem que chegava de fora era tão somente o conquistador da fortuna e que o gaucho para defronta-lo devia aprender a lição da liberdade, gozar a vida ali onde havia nascido e educar-se no amor da patria que fundara com as armas na mão. Não viram o que

havia de justo em suas reivindicações contra o imigrante industrioso e avaro e contra a truculenta autoridade rural.

Não tentaram conciliá-lo com o elemento europeu, cuja rudeza, exaltada pela necessidade do meio estranho, oferecia, no entanto, as virtudes do trabalho metodico.

A estancia enriqueceu o patrão e depois o colono. Mas empobreceu o gaucho, cujo desprendimento foi explorado sem escrupulos. Os filhos do pampa tiveram o tremendo destino da bastardia social e politica. E aceitaram (não fossem eles altivos!) a sua derrota, com o reservado pessimismo dos homens superiores.

Deixaram-no partir, por traz das canhadas, ao tranco do cavalo, de vagar, sem pressa e sem medo, com a ultima tarde e o poncho pendente dos ombros como numa bandeira a meio-pau (53). Talvez esteja neste crepusculo todo o simbolismo daquela figura de Alcides Maya, em seu romance RUINAS VIVAS, personificando o gaucho quase derrotado, a desaparecer nas dobras de uma coxilha fronteiriça...

---

(53) Lugones — Ob. citada.

I I

O BEDUINO

No tipo, nos habitos e nos costumes do gaucho vamos descobrir remotas influencias de uma raça que viveu nomade pelos desertos da Arabia.

Intuitivamente ou por meros efeitos expletivos, sociologos e estudiosos do pampa e do campeiro aludiram á semelhança do gaucho com o homem do deserto. Vamos encontrá-la, agora, mais próxima da verdade, pela investigação da história e o amparo da ciência.

O *Beduino* não é um cigano que vague, sem sentido, pelo simples prazer de vagar. Ao contrário, representa a melhor adaptação da vida humana ás condições do deserto. Onde quer que brotem as pastagens, no oasis, que é o fluir da água aprisionada ao seio da montanha, ali vai o beduino á procura de pousada. O seu nomadismo é uma maneira de viver tão natural quanto o é o industrialismo em Manchester. E' a forma razoável e estoica de adatar-se a um ambiente inospito, pois a superficie da Arabia é quasi um deserto completo, com somente uma tarja de terra habitável em sua periferia. (54) Si não progride, si permanece estranho ás mutações da vida moderna é porque, indiferente ao bem estar e aos gozos materiais, não troca seu destino por nenhum outro melhor. Guiado não por principios filosóficos mas por uma

---

(54) Philipp Hitti — "Los Arabes".

espécie de instinto, realizou a nobre divisa da Revolução Francesa: a liberdade, a igualdade e a fraternidade. (55)

"Eu não reconheço — diz o beduino — outro Senhor que o Universo" (56). Não admitem a desigualdade nas relações sociais, porque todos vivem de um mesmo modo, usam os mesmos vestidos e consomem os mesmos alimentos, nem a aristocracia da fortuna porque a riqueza a seus olhos não é um título de consideração pública. (57) Êles se julgam superiores não só aos seus escravos e aos artezãos sinão a todos os homens de outras raças.

"Os homens se dividem em duas classes — disse Hatim: — as almas inferiores, que só fazem amontoar dinheiro e as almas elevadas que buscam a glória na poesia e na generosidade." O Califa Omar (58) declarava que os reis dos arabes eram os poetas e os oradores, porque estes praticavam as virtudes beduinas; os outros, ricos ou não, deviam ser néscios e malvados — "porque as ignoravam." Numa tribu, todos os beduinos são irmãos. Nada pode dar uma ideia bastante clara e bastante viva desta solidariedade, levada até a vingança coletiva, sinão as azabias que se tornaram famosas. O arabe coloca acima da propria vida a prosperidade, a glória e a honra da comunidade que o viu nascer e que o verá morrer. Não é um sentimento semelhante ao nosso patriotismo que ao bedui-

---

(55) R. P. Dozy — "Hist. de los Musulmanes de España" — Emecê — B. Ayres — 1946.
(56) Burckhardt — "Notes on the Bedouins" — pág. 41.
(57) Caussin — Tomo II — pág. 627.
(58) Tabari — Tomo II — pág. 254.

no pareceria frio e inexpressivo. É uma paixão violenta e terrivel e ao mesmo tempo o primeiro e o mais sagrado dos deveres — a verdadeira religião do deserto. (59)

Por sua tribu o arabe está sempre pronto a todos os sacrificios. Comprometerá sua vida nessas empresas arriscadas em que somente a fé e o entusiasmo são capazes de realizar portentos. Dizem os arabes que sua terra é uma *ilha*. Quasi que o é de fato. Rodeada de água por três faces e de areia torrida por outra, é uma vasta peninsula coberta em parte de desertos e banhada por três mares.

As colinas estéreis estão em perpetuo movimento. Não são colinas doceis e quietas para os pés humanos: são a representação de um drama geológico. (60)

A luz do sol derrama na atmosfera reverberações metalicas. E o céu fica opaco como uma pedra queimada. A areia banhada de sol é um crivo de centelhas. As dunas ressaltam como pomos tumescentes. Só a noite cobre de suavidade e de branco a fornalha morena.

São estes os campos do nomade, onde, na planicie rugada, as tendas de tetos curvos, como quilhas abandonadas, se confundem com os camelos em repouso.

Das tribos que percorriam essas terras comburentes, esses vastos campos de areia, que giram em cosmica convulsão, uma se fixou, na lonjura dos séculos, ás margens fartas no Nilo.

O povo do Nilo é primitivamente africano. Evidencia grandes afinidades raciais com inúmeras tribus

---

(59) R. P. Dozy — Obra citada.
(60) Waldo Frank — "España Virgem".

do coração da Africa e seu sangue tem sido renovado, uma ou outra vez, pela pressão nubia ao Sul e a vizinhança libica ao oeste. Etnica e linguisticamente tem sofrido influencias dos semitas asiaticos. E' um povo de fronteira- que pela força do solo e do clima, chega a adquirir inequivoca individualidade, transfundido e fiel a si mesmo. (61)

Matias Rodrigues, historiador de Astorga, diz que há sessenta quilômetros de Siout, na provincia egipcia de Mudirieh, em Girgeh, na região do Nilo, existiu uma cidade que se chamou Maraghat. (62)

Dom Frederico Arago, Catedrático no Instituto de Lion, em longos estudos antropologicos, em que

---

(61) Veit Valentim — Historia Universal — B. Ayres.

(62) Maraghat (El) — Geogr. Lugar del distrito de Tahta, provincia de Mudirieh (Girgeh), situada á la isquierda del Nilo. Est. f. c. en la linea de *Siout* à Sohâg y es punto de escala de los vapores. (Da Enciclopedia Universal Ilustrada Europea-Americana — Epasa Calpe — Barcelona — pág. 1276). "Los coptos siguen la religion cristiana y no se ham cruzado nunca con los arabes. Viven en su mayoria en el Alto Egito, particularmente en algunas ciudades y villas como *Siout:* y su lengua es muy analoga a la de los antiguos egipcios". (Gustave Le Bon — "La civilisacion de los Arabes" — Tradução de Luiz Carreras — Biblioteca Clássica — Buenos Ayres, pág. 54).

(63) "Maragato" — Habitante de Maragateria, España. En dialecto montañes (Santander), es una mascara que representa al maragato de telas chillonas y de cintas coloreadas. (De Garcia Lomas — "Dialecto popular montañes" pág. 236).

"*Maragato*" — Se dice del nascido en la ciudad o departamento de San José (República O. del Uruguay) (De Daniel Granada — "Vocabulario Rioplatense Español" — pág. 274).

"*Maragato*" — El habitante de la Patagonia. (Segovia — Dicionário de Argentinismos" — pág. 306).

"Maragato", ta, adj. — natural de la Maragateria. U. t. c. s. Perteneciente a esta Comarca del reino de Leon. (Dicionario Manual

examina acima de trinta tipos "*maragatos*" (63), na intenção de afirmar sua exata procedência, argumenta, convincentemente, e com riqueza de informações, que os maragatos que se localizaram entre Astorga e El Teleno, Cambaros e Santiago Millas, na Provincia de Leon — numa extensão superficial de trezentos e cincoenta quilômetros quadrados — têm sua origem nos povos *berberes* que dominaram, na invasão moura, a Peninsula Ibérica.

Ilustrado de la Lengua Española" — Real Academia Española — (Madrid) 1927.

MARAGATERIA — F. — Conjunto de maragatos. Geog. Region de los maragatos situada en la provincia de Leon: abarca unos 350km.2, habitados por unas 12.000 almas; se encuentra al O. de Astorga y consta de una serie de colinas que se alzan poco á poco hasta las sierras de la Pobladura, Foncebadon y Manzanal, llegando á 2.188m. em el Pico Teleño; el terreno es pobre y quebrado, corresponde en la parte Oriental al silurico inferior, y en la occidental al carbonifero superior; le surcan algunos arroyuelos y sus cultivos se limitan á algunos cereales, especialmente el centeno, frutales y hortalizas; tampoco la industria está desarrollada y la arrieria decayó con el desarrollo de las vias de comunicacion, originando-se entonces la emigracion temporal é individual como comerciantes á Madrid, Galicia y America. Sus siete ayuntamientos son: Brazuelo, Castrillo de los Polvazares, Lucillo, Rabanal, Santa Colomba de Somoza, Santiago-millas y Val de San Lorenzo, pertenecientes todos al partido de Astorga. Los maragatos acostumbran vestir un caracteristico traje compuesto de sombrero ancho, jubom encarnado con botones afiligranados de oro, chaqueton que ha substituido al antiguo *chaleco* de cuero, y bragas de lana ó de merino ceñidas con cintas á las polainas. El erudito Dozy, en su obra INVESTIGACIONES SOBRE LA HISTORIA POLITICA Y LITERARIA DE ESPAÑA EN LA EDAD MEDIA, afirma que los maragatos descienden de unos berberiscos que en tiempo de Alfonso I, *El Catolico,* se quedaran entre Astorga y Leon cuando marcharon al Africa los otros berberiscos huyendo de la tirania de los arabes yemenies y del hambre que asolaba gran parte de España. Segun Dozy se les llamó primeramente MALAGOUTOS palavra que despues se transformó en MARAGATOS.

A conclusão é lógica e irrefutável. Das hostes aguerridas do Islam, das mais variadas origens da Arabia que penetraram a Espanha sob os estandartes de Mahomet, também partiram contingentes dessa pequena província nascida ás margens fecundas do rio sagrado que é toda a história do Egito.

As hostes do Islam, estendendo-se pelo Continente, atingiram a plenitude de seu poder dominador. Saltaram o estreito de Gibraltar e invadiram a Europa pela peninsula Iberica. Fizeram sua investida espetacular para o Leste e para o Oeste. Já haviam penetrado a Africa do Norte até os dominios de Cartago. Sob as ordens de um dos mais brilhantes generais do Islam — Muça-Ibne-Noçair, prosseguiram avançando pelas terras dos *berberes* que, na sua maioria, estavam há muito convertidos ao Cristianismo e de onde haviam saído grandes nomes da Igreja Católica, como Tertuliano, São Cypriano e, sobretudo, Santo Agostinho.

"Llamados asi por ellos, se han interpretado en cuanto a su nombre como "*mauri captus*", moros presos; como descendientes de los antiguos habitantes de MARAGHAT, cercano a la orilla del lago URMIAH; como naturales de una region de color *fusco;* como cabalgadores, por la palabra celtica "*marc'kekaat*", de cabalgar; como naturales de la marca ó frontera; como descendientes del *MAGHREB;* como "masbracata" ó varones con bragas, aludiendo á las *maragas,* tan caracteristicas, que todavia usan, como las de los bretones y que tan fuerte contraste hacen con los calzones ajustados de los charros. Son muy hospitalarios pero no lisonjeros, abiertos y vivos, sino serios y de pocas palavras. El doctor Aragon y Escacena (Estudio antropologico del pueblo maragato — Anales de la sociedad Esp. de Hist. Nac. XXX — 1902) los considera descendientes de una imigracion berberisca, probablemente de la epoca de la invasion arabe o de los esclavos importados por los romanos para las minas de oro de esta region. Pero el regimen familiar es acentuadamente patriarcal". (Da Enciclopedia Universal Ilustrada Europea-Americana — Tomo XXXII — Págs. 1275-1276 (Barcelona).

Mas o Islam exercia uma singular atração sôbre esses povos. Realizou uma vez mais o aparente milagre de arabizar a linguagem e islamizar a religião de uma horda semi-barbara.

Num crescendo de poder e de força regista-se nos anais militares da Idade Média a expedição vitoriosa contra a Espanha.

Tarique, á frente de doze mil homens, derrota o Rei Rodrigo, em Guadalete. Da Matança junto ao Lago de Jânda foge para as regiões inacessiveis das Asturias aquele Principe Pelagio que manteve na orla extrema da Espanha dominada o minusculo reduto de resistência néo-godo, como um pequeno foco de luz cristã em Covadonga.

O dominio da Espanha tornou-se facil, quasi como uma passeata triunfal. A conquista dilatou as fronteiras cobertas pelos estandartes da Meia-Lua, na Europa. Chegam de improviso os exércitos muçulmanos a Cordoba e Toledo e depois aos altiplanos das Asturias, de Leon e Galicia, como de improviso haviam caído sobre o mundo.

Spengler concluiu seus estudos sobre o fenomeno, afirmando que foi o gesto de uma alma que sentia a estreiteza do tempo; de uma alma angustiada que descobrira os primeiros sinais de velhice antes de haver percebido a juventude. Nada há de comparável na história a esta liberação da humanidade mágica: em 634 a conquista da Siria; em 635, Damasco; em 637, Jerusalem, em 641, o Egito e a India; em 647, Cartago; em 676, Samarcand; em 711, Espanha; em 732, Paris.

Na premência destes poucos anos, condensa-se toda a massa de paixões comprimidas, de esperanças sonha-

das, de façanhas realisadas que outras culturas, em lenta ascensão, teriam levado séculos para realizar.

A cultura arabe que despertara na época de Augusto, na paisagem compreendida entre o Tigre e o Nilo, o Mar Negro e a Arabia Meridional, já conhecia a sua algebra, sua astrologia e sua alquimia, seus mosaicos e arabescos, seus califas e suas mesquitas, seus sacramentos e os livros sagrados das religões persa, judaica, cristã, e até maniqueista.

Enquanto no Ocidente as sombras da ignorância se faziam densas, os califas abriam Universidades, rasgavam canais, projetavam jardins, reconstituiam a geometria e a geografia, enriqueciam a medicina, creavam a algebra e povoavam de serralhos, palácios e mesquitas as terras conquistadas. Anarquico porem uno, sem fronteiras morais ou materiais, o espirito arabe adatava-se ao genio dos povos dominados.

Coptos no Egito, berberes no Magrebe e na Espanha, persas na Persia, hindus na India, permitiram que as raças convertidas ao islamismo se manifestassem livremente, sem violar jamais o fôro de suas consciências.

Nas mesquitas, nos palacios, nos alcázares, nas alhambras de Andaluzia, o artista magrebino variava as formas dos arcos, e diferençava seus aspectos em cada sala e em cada alcova. Procurava romper a monotonia da visão plastica, combinando, sem cessar, as linhas que lhe eram familiares.

O meio-ponto foi aproximando seus extremos e tomou a forma de ferradura. A abobada alongou-se, estreitou-se e cobriu-se de estalactites e de alveolos,

igual a um favo de mel e recortou-se, por vezes, numa infinidade de encaixes e festões.

Ao exgotar-se a formula, sobreveio o arabesco para morder a pedra, talhar as molduras em gesso, que encaixavam os vitrais, invadir o marco retangular, fazer serpentear suas faixas até os introdorsos azuis, brancos, vermelhos e dourados dos nichos e das abobadas, graças aos quais era possivel fugir á desoladora uniformidade do céu e solo exteriores. (64).

O arabesco teve, assim, o seu momento culminante. Nasceu do retorcido das folhas e das flores e foi exibido, pela primeira vez á luz do dia, nos arcos da velha mesquita de Ibu-Tulun, no Cairo.

O espiritualismo arabe nascido do deserto sem formas, sem principio e sem fim, achava no arabesco a sua legitima expressão. O arabesco também não tinha começo nem fim. Nele jamais os olhos encontraram repouso.

O Islam cruzou a Africa do Norte e extendeu-se das barreiras do Iraque à culminância dos Pirineus. O nomade desfrutou, então, das terras conquistadas, ali refazendo suas forças e animando com seu espirito o genio plastico dos vencidos. Transformou os oasis que encontrou nos desertos da Africa e da Espanha em brancas cidades rodeadas de muros e ameias, dentro das quais ergueram magestosos palacios que abrigavam os Emires, depois das arduas jornadas pelas ardentes estepes solitárias.

A Hispania transformou-se, em pouco, numa simples Provincia do Califado. Recebeu o nome de El-

---

(64) Elie Faure — "Historia del Arte" — (El Arte Medieval) Vol. II.

Andaluz. Não havia sido conquistada, no entanto, por um só povo sinão por um mosaico de povos — arabes, sirios, berberes — unidos tão somente pelos frageis laços de uma fé comum.

Entre os conquistadores mouros, vieram também homens e mulheres daquela pequena provincia de Siout, que crescera e prosperara ás margens "do mais extenso dos rios solitários da terra".

Os homens e mulheres desta tribu, exquisita e singular por sua forma de vestir e viver, arrastaram-se, porém, sem imediata fixação, pelos altiplanos de Leon, até que, intimidados pela tirania dos Califas, refugiaram-se nas montanhas de onde nunca mais sairam e onde receberam — muito mais tarde — a proteção dos Reis Católicos da Espanha. Esta tolerância de Fernando e Isabel vai encontrar justificativas na procedência berbere dos maragatos, pois eram eles originários daqueles povos cristãos que Muça presumira integrar no corpo nacional do islamismo.

Bertrand Russell, em seu livro "Power", (A new social analysis)", examinando as doutrinas como fontes de poder, diz que o Islam é um exemplo clássico da conquista pelo fanatismo. Maomet não acrescentou nada á civilisação ou aos recursos materiais dos arabes e entretanto estes, poucos anos depois da morte do Profeta, haviam derrotado os seus mais poderosos vizinhos e conquistado um grande império. E' fora de dúvida que a religião fundada por Maomet foi um elemento essencial no progresso da nação. Mas não há negar que a fraquesa dos inimigos, sangrados por guerras constantes e debilitados pelas dissenções inter-

nas, facilitaram a expansão impressionante das hostes muçulmanas, na sua longa carreira de vitorias.

Dozy aponta na vida da Espanha os mesmos desvarios, os mesmos vicios, a mesma negligência e o mesmo sensualismo que Sidonio Apolinar apontava na vida da França sob a dominação dos germanos. (65). Entregues a um luxo desenfreado, em soberbas granjas situadas ás orlas dos rios, as elites dividiam o tempo entre os jogos, os banhos, a equitação e os festins de moldes babilonicos. Enquanto a plebe morria de fome, a aristocracia, desfibrada pelas longas orgias, embriagava-se nas salas forradas de tapeçarias da Siria e da Persia, vendo dançar as bailarinas e ouvindo os seus famosos coros musicais. A Espanha visigotica desagregara-se mais profundamente do que na fase romana. Bastaram doze mil homens, ajudados pela traição, para derriba-la, por oito séculos. (66).

As velhas raizes cristãs dos berberes fizeram-nos rebeldes, deante do poder do Emirato de Cordoba. E daí, talvez, suas lutas consequentes com outros povos da Arabia disseminados pelo sul da Espanha. Escaparam, dessa forma, ás vindictas das armas de Castela e Aragão contra os Mouros, levadas até as últimas serras nevadas de Andaluzia. Claudio Sanchez Albornoz diz que foram eles que salvaram o cristianismo ocidental, com suas rebeldias civis e que reduziram á impotencia os conquistadores islamicos da Peninsula.

---

(65) Faurile — "Hist. de la Gaule meridionale sous la domination des conquérants germains" — Tomo I — pág. 387.

(66) Dozy — Historia de los musulmanes de España — Tomo I — pág. 339.

Estrabão descobriu neles uma perfeita identidade com os arabes, tão profunda que a separação só se tornou notável por poucas e singulares virtudes. Eram nomades, na sua maioria; faziam a guerra usando de métodos comuns e viviam sob uma analoga estrutura política. Talvez fosse esta a razão porque os arabes jamais tivessem, em suas lutas internas, inimigos mais temiveis, muitas vezes mais ousados e violentos que os guerreiros da Persia e de Bizancio. Cada vitoria sobre os berberes foi sempre paga com a mais sangrenta das derrotas. Abdalmélique dizia: "E' impossivel conquistar a Africa; apenas se extermina uma tribu berbere quando outra surge, maior e mais feroz". Mas o orgulho e a vaidade do arabe jamais cederam à supremacia de outras raças.

Obaidallah, que possuia todas as virtudes da sua nação, não renunciou ao odio tradicional do arabe pelos coptos, pelos berberes e os espanhois. Os berberes, no entanto, só se deixavam conduzir pelos seus sacerdotes por ser um povo mistico, de caracter profundamente religioso. Enquanto o arabe era cético e irreverente com os ministros de seu culto, os berberes eram piedosos e veneravam os seus *marabús*. Um povo forte, bravo, temivel e numeroso — na exaltação de Ibn-Khaldoun não aceitou, na Peninsula, a situação a que o arabe o reduziu. Tárique — "homem de extração judia, da tribu de Simeão" — fora o verdadeiro vencedor da Espanha. Muça — "o Emir do Maghreb" — fora o usurpador da vitoria. Os arabes, na destribuição do botim, ficaram com a parte melhor e com todas as terras cálidas e ferteis do sul. E os berberes que vieram de Siout, inconformados e irredutiveis, ja-

mais abandonaram as suas montanhas. Voltaram, depois, ao cristianismo, com o mesmo fervor de sua vocação mistica.

Não escaparam ilesos, porem, á feroz perseguição alimentada por um odio secular e racial. Para satisfazer a orgia dos senhores de Damasco haviam dado seus rebanhos de ovelhas — sua unica riqueza. E das suas tribus arrebataram-lhes as mulheres jovens — as mais belas de toda Africa — que passaram a povoar os serralhos da Siria. (67). Interpelado por Sulaymão sobre a bravura dos povos que vencera, respondeu-lhe Muça: — "Os berberes, ó Emir dos Crentes!, são, entre todos os povos extrangeiros, os que mais se parecem aos arabes, no impeto, na força, na bravura, no sofrimento, na ciencia militar como na generosidade; mas são, ó Emir dos Crentes!, a gente mais pérfida da terra!"

Santiago Alonso Garrote, em seu livro "El Dialecto Vulgar Leones Hablado en Maragateria y Tierra de Astorga", depois de examinar as diversas origens que alguns historiadores atribuem aos maragatos, como a que lhes deu Frederico Aragão, dos celtas, vaga presunção sem fundamentos categoricos, afirma: "com personalidade mais racional e convincente que o celtico, acusa-se o avoengo *berbere* do maragato, que a antropologia e a antropometria determinam hoje com suficiente aproximação tecnica, apezar das evoluções com que o correr dos seculos transformou a raça primitiva".

Os maragatos formam ao que parece, diz o historiador e filologo, um povo de procedencia *berbere*,

---

(67) Ibn Adhari — Tomo I — pág. 39.

bem determinada em grande numero de individuos submetidos ao exame antropometrico pelo senhor Frederico Aragão, que, apoiado em repetidas observações e dados tecnicos, crê que o maragato é um tipo quasi puro da raça denominada *libioiberica* já classificado por Antão y Ferrandiz, e opina que a povoação atual é um resto de imigração verificada em época remota, talvez de uma tribu berbere feita prisioneira na Africa pelos romanos e conduzida ao país dos "astures" para a exploração das minas de ouro, de que tantos e tão importantes vestigios se conservaram nas imediações de Quintanilla e Somoza. O sr. Frederico Aragão, sem afirmar categoricamente que o povo maragato seja um representante substancial da raça *berbere*, mostra-nos, no entanto, no seu livro *Estudo Antropologico*, tal acumulo de pacientes observações recolhidas em tipos maragatos, que infunde, no leitor, uma serena convicção da verdade, sugerida pelos numeros, como sintese de operações antropometricas em oitenta individuos não selecionados, pertencentes a diversos povos da Comarca maragata e em edades que oscilavam entre vinte e dois e sessenta e seis anos.

Diz-nos, depois, que "no maragato encontra-se unidade fisionomica suficiente para reconhecer que constitue um tipo bastante caracteristico", descrevendo, minuciosamente, os principais traços antropometricos até chegar ás relações de semelhança com a raça *berbere*. E apresenta-nos a seguinte comparação, para que se aprecie o grau de afinidade entre o maragato e o *berbere*:

	BERBERE	MARAGATO
Diametro anteposterior maximo	190 m/m	190 m/m
Idem transverso minimo	147 m/m	146,9 m/m
Indice cefalico de latitude	77,3 m/m	77,3 m/m
Idem id. frontal	74,8 m/m	74,4 m/m

As medidas antropometricas precedentes são iguais em ambos sujeitos e si bem que elas não bastem para estabelecer de um modo definitivo a identidade da procedencia maragata e do berbere, dizem, porem, o suficiente para crer, afirma Santiago Alonso Garrote, na intrusão de numerosos progenitores berberes na Maragateria.

Aragão, estudando, no Vale de São Lourenço, na Espanha, o tipo que se mescla com o elemento puro de Sudoeste (Teleno), comparou-o ao berbere de Beni — M'Zab, dizendo, afinal: "Concorda em quasi todos os caracteres, tanto metricos como descritivos."

Precedendo a antropometria (lembra o autor do livro sobre o dialeto leonez) o erudito beneditino Fray Martin Sarmiento, em seu manuscrito ASTORGA, descripcion de Maragateria", supoz que os maragatos descendessem dos *mauritanos* ou *cartaginezes*, dedicados ao comercio e que, perseguidos pelo romanos, se refugiaram nas montanhas.

Monsieur Dozy (68), em "Recherches", Vol. 1, paginas 133-138, afirma que os maragatos provem de um grupo de berberes que se deixaram ficar entre Astorga e Leon, nos tempos de Fernando I, o Catolico.

Perfilha esta mesma opinião D. Miguel Morayta em sua "Historia de Espanha", acrescentando que na

---

(68) R. P. A. Dozy — "Histoire des musulmanes d'Espagne" — Ed. 1861 e "Investigaciones sobre la historia politica y literaria de España en la Edad Media", Madrid.

conquista da Peninsula pelos arabes, coube a região do noroeste espanhol á raça varonil dos berberes, que se fixaram nas montanhas de Leon e Astorga.

E Garrote acrescenta: podemos encontrar afinidades entre o maragato e o berbere si atentamente observarmos duas caracteristicas circunstanciais: a habitação e o vestuario. As leis do Alcorão não determinam como deve ser a moradia do muçulmano, mas tratam do recato de suas intimidades e isto basta para que todos os povos mouros tenham um identico aspecto reservado e misterioso, traduzido numa intensa vida interior, que se oculta aos olhares indiscretos que veem de fora e que a podem profanar.

Garrote confessa-se, afinal, partidario do avoengo *berbere* e diz que a etimologia da palavra maragato, por muito que haja sido explorada, jamais convencerá que tenha origens no *mauri captus*, no *maragotho*, no *Mauregato, no Maghreb*, ou mesmo em *margatos*, como pretendeu Roque Barcia.

Geograficamente, Maragateria pertence á Provincia de Leon, "partido judicial" e diocese de Astorga.

Dentro do territorio de Maragateria está igualmente a comarca de Somoza, com diversos povos. Maragateria tem, aproximadamente, quatrocentos quilometros quadrados e oito "ayuntamientos" com trinta e quatro povos e cerca de dez mil habitantes.

A analogia do vocabulo *maragato* com o nome primitivo da pequena cidade do Nilo não pode ser mais convincente.

Astorga, cidade que os romanos edificaram e denominaram de Asturica Augusta, em honra do Imperador

Cesar Augusto que governava em Roma, ostenta no balcão de sua Casa Consistorial duas figuras de maragatos, revestidos de seus trajes clássicos. Foi um industrial maragato que legou considerável fortuna á Catedral de Astorga e ao Ayuntamiento de Zamora que, em reconhecimento, lhe erigiu um monumento na entrada da cidade e sobre a ponte de acesso, ressaltando-lhe a estampa magnifica de velho descendente das tribus berberes, também vestido á maneira dos antigos bandos ciganos que um dia se radicaram ás margens do rio que embalou as galeras de Alexandria.

A escassa fertilidade do solo que escolheram na Espanha, reduziu-lhes consideravelmente a área lavradia, exigindo dos inquietos e bravos maragatos novos campos de atividade, mais favoraveis ao seu desenvolvimento e abastança. Recorrendo á velha indole nomade, dedicaram-se á faina de mensageiros e ligaram, comercial e socialmente, distintas cidades da Peninsula, levando de uma a outra correspondência, mercadorias e valores, quer de Castilha á Galicia, como de Madrid a La Corunha. Primeiro, com tropas de mulas e, mais tarde, em carros chamados "carromatos". Foram tão populares na Espanha que a sua honestidade se tornou proverbial na linguagem comum, pois jamais os registros policiais do país acusaram uma queixa contra estes arrieiros morenos e altos, de lenços e coletes bordados de vermelho. Outros, improvisaram-se comerciantes, pescadores em Madrid ou vendedores de vinhos em Castilha. Ultimos remanescentes dos invasores sarracenos ainda hoje, diz Oliveira Martins, que dez séculos são decorridos, os "*maragatos*"

constituem um nodulo distinto no meio da população lecneza. (69).

"São ainda os berberes antigos; usam a cabeça raspada, com uma mecha de cabelo na parte posterior, falam uma linguagem que não é bem castelhana, tem uma pronuncia dura, lenta e arrastada, e são geralmente arrieiros-nomades."

---

(69) "Os berberes afeiçoavam ao Koran o culto dos seus Marabus e não se submetiam com facilidade ao imperio dos generais muçulmanos. Nomades, independentes por genio proprio e insubordinaveis, punham na liberdade o fanatismo constitucional da raça; e o progresso religioso ganho com o Koran era mais uma causa de resistência, como o demonstraram as ulteriores revoluções sectarias e ao mesmo tempo politicas. Setenta anos durou uma guerra em que se derramaram rios de sangue arabe. O berbere valia incomparavelmente mais do que as populações abastardadas do litoral, e dava maiores trabalhos do que os pobres vassalos do imperio persa ou do imperio de Bizancio. No ano de 711 Taric ibn Ziyad, com forças superiores, desembarca em Gibraltar e toma Carteya. Eram sete mil berberes com os quais vinha o Conde Juliano e que foram reforçados com mais cinco mil recem-chegados de Africa".

"...no rapido esboço que fizemos da existencia da Espanha sob o dominio sarraceno, vemos a preponderância dos *berberes* sobre os *arabes*, a ponderação das duas forças e afinal a decisiva vitoria dos primeiros. A raça mosarabe proviria pois do cruzamento com *berberes*, não com *arabes*. Essa especie de cruzamento, que de fato se deu, tem apenas um valor secundário sob o nosso ponto de vista de agora e, qualquer que fosse a porção de sangue *hamita* ou *arabe* que entrou no corpo da raça peninsular, é facto que esta já tinha uma constituição assaz robusta para o assimilar, sem se transformar. O mesmo sucedera antes com a invasão germanica; e, se depois d'ela vemos uma aristocracia de sangue em que se revela patente a origem extrangeira, é porque o próprio d'essas aristocracias é conservarem-se isoladas no meio de uma população que dominam. Isto não quer dizer porem que, no meio das populações peninsulares não ficassem isolados muitos *nodulos* de gente muçulmana, não *mosarabes*, mas sim verdadeiramente *arabes, sirios*, ou *berberes, ainda hoje reconheciveis à primeira vista, como são para não falar da Espanha austral, os nossos ribatejanos e mais ainda OS MARAGATOS DE QUE ADEANTE NOS OCUPAREMOS.* (Oliveira Martins — "Historia da Civilisação Iberica" págs. 78-82-84. 116 Edição da Livraria Antonio Maria Pereira — Lisboa).

E o historiador português não percebe somente na Espanha os rastros desse acentuado predominio. Quando fala do Algarve diz também que o sombrio trajecto do Guadiana divide duas regiões caracteristicamente diferençadas e que o algarvio é um andaluz. Ao calor de um solo já africano, durante o estio, e no seio de uma constante primavera, durante o inverno, o algarvio desconhece as asperezas da vida: nem os frios o obrigam á industria para se vestir, nem a fome ao duro trabalho da enxada para comer. A cidade de Silves com suas velhas muralhas rubras e seu casario branco e tranquilo a espelharem-se na curva do Arade, conserva para os que a compreendem um inesquecivel elemento de poesia e de lenda que paira sobre ela como uma poalha dourada e a envolve num profundo mistério de idades (70). Silves foi sobretudo notavel no tempo dos arabes. Como todo o Algarve ela vive dessa magia que apresenta sempre novos fulgores. E de tal maneira Silves e Algarve vivem de seu velho esplendor que é quasi impossivel invoca-los sinão dentro da época de fausto e grandeza muçulmanicas. A indumentaria do algarvio, tão semelhante ás vestimentas das velhas tribus berberes, a forma de selar o cavalo e o uso preferido da *cordeona* lembram as maneiras arabes que são, ainda, as maneiras do espanhol. Como o arabe, troca, facilmente, o *b* pelo *v*. Para as populações de Silves e Algarve tudo quanto tenha a marca do tempo é mourisco. E' que o tempo não apagou na sua lembrança a época magnifica dos principes *taifas*,

---

(70) Garcia Domingues — "Historia Luso-Arabe" e Armenio Nogueira — "Panorama" — Numero 23.

em todo o seu longo periodo de dominio, que foi de 713 a 1250. Silves, o mais alto centro cultural de todo o Garbe, "retalho de Africa fendido pelo Mar do Calpe", representa, no território que Affonso III incorporou ao Reino de Portugal, o que Sevilha significou para a civilisação andaluza.

Al Edrisi, neto de El Edris II, soberano de Malaga, em sua Geografia, publicada na Corte de Roger, em Secilia, faz o elogio da cidade lusitana dizendo que "tinha um lindo aspecto, belos monumentos e mercados abundantes. Os seus moradores assim como os habitantes das aldeias em volta, eram arabes de Iemen e de outras partes.

Falavam uma lingua arabe pura. Eram versificadores e eloquentes e os habitantes dos campos, extremamente generosos, como nenhum outro povo".

Alexandre Herculano escreveu que comparada a Lisbôa, Silves era muito mais forte e em opulência e suntuosidade, dez vezes mais notavel. E tratando de seus habitantes, ressalta-lhes a eloquencia, o genio poetico e o caracter hospitaleiro e generoso. O clima e a flora não são bem europeus; e quem, no fim do Século XII, visitasse Silves — a Xelb muçulmana — dir-se-ia transportado a uma cidade asiatica, uma cidade acentuadamente Oriental. Em 1016, Soleimão vence, em Cordoba, o Califa Hixeme II e entrega todo o Garbe ao poder absoluto de Ibne Hárune, um berbere que converte o território de seu dominio num legitimo centro de cultura de sua tribu. E Santa-Maria de Faaron, do Ocidente ou do Algarve, passa a irradiar sua influência por toda a costa ocidental da Peninsula que seria mais tarde a Lusitania. Quando Almo-

tâmide conquista Silves, concede à capital do Algarve o luxo e os fóros das grandes cidades orientais. O Xaradjibe — Palacio das Varandas — vive, desde então, da poesia e da musica do Rei e de Ibne-Ammor que deram á cidade o titulo de berço da lirica arabico-andaluza (71). De facto, nenhum rei muçulmano teve na alma tanta sensibilidade e tanta poesia. Durante os quarenta anos de seu poder, Algarve e Andaluzia estiveram estreitamente ligadas pela cultura e pelo espirito. Depois de Almotâmide. Silves só conheceu um periodo de semelhante esplendor e inteligencia e que foi o de Ibne-Caci, poeta, historiador, filosofo, teologo, general e diplomata.

A historia da Espanha sarracena é a propria historia do Algarve, o que significa dizer que Portugal, como a Espanha, sofreu, identicamente, as profundas irradiações da cultura islamica.

Aarão de Lacerda, em sua recentissima Historia da Arte em Portugal, observa que a tradição muçulmana é bem seguida no Alentejo e no Algarve, na habitação, tão flagrante em pormenores e na acentuação geral, principalmente dada pelo emprego do tijolo, no grande partido que dele o artifice sabe tirar dispondo-o em fiadas de desigual espessura, ora saliente, ora reintrante, a produzir efeitos de luz e sombra e desenhar verdadeiras rendas, finas adufas de janelas e mirantes, arcas de agua, arcarias, torres, pombais, chaminés de tão variados aspectos, a propria casa, numa palavra, a casa de terraço, do Algarve, de "arestas nitidas (segundo João Barreira) como um enorme

---

(71) Garcia Domingues — "Hist. Luso-Arabe" — Lisboa, 1945.

dado de cal, de cuja linha superior apenas se levanta a delicada renda da chaminé ou perfil da sotéa, como uma cabeça embiocada e curiosa que olhasse ao longe para o mar turqueza."

Leite de Vasconcellos registrou a lenda da "Cova da Moira" e falou da "Fonte do Moinho do Sino", onde os sinos badalavam pelas manhãs de S. João *no tempo da moirama. Alcairal dos Moiros* é do tempo dos arabes. Alcaria é palavra arabica, que significa povoação. (72).

Por *mina* entende o povo tesouros escondidos pelos Mouros. Muitas casas de OLHÃO têm terraços ou açoteias em vez de telhado — sistema arquitetonico que provem dos arabes. (73). Quem vê em OLHÃO — diz Leite de Vasconcellos — as açoteias e as mulheres com a cara oculta por *biocos*, cuida de-repente estar em terras de Arabes. (74). Cunha Brito menciona a lenda do Rio Mouro, perto de Tangil (Monção) onde haveria uma Moura encantada, no fundo dum poço. Claudio Basto descreve longamente o "Auto da Floripes", representação popular que se faz no lugar das Neves (Viana), ao ar livre, e que simula uma luta entre Mouros e Cristãos. "Em Panacal,

---

(72) J. A. Pires de Lima: "Mouros, Judeus e Negros na Hist. de Portugal" — Porto — 1940.

(73) Idem idem.

(74) Armando de Lucena "Arte Popular, usos e costumes portugueses", 1945 — "Está neste caso o velho uso do "bicco", forma indumentaria de grande expansão por todo o Portugal durante séculos". O bioco é uso possivelmente originario dos arabes que entre nós se fixou, alastrou-se não só pelas provincias do sul, onde o contagio se tornava mais facil, mas estendeu-se a todas as regiões, nortenhas e do centro do pais, de onde, só a custo e muito mais tarde, foi possivel bani-lo. (pág. 50 vol. 3.º).

nos termos de Alfaião e S. Pedro de Serracenos, há uma caverna mui comprida, onde ninguém entra, porque se apaga a luz que levar. Vive lá uma moura encantada, a tecer em tear de ouro". Pires de Lima refere-se ao Museu Etnologico Português, onde existe — diz ele — uma notável Secção, "Epoca dos Arabes", em que se pode estudar a sua influência desde o Século VII ao Século XIII. Do pitoresco romanceiro popular relativo aos Mouros, apanhou a canção:

"Canta, Moiro; canta Moiro,
canta pela tua vida.
— Como cantarei, senhora,
Eu nesta prisão metido?

— Quanto darás tu, ó Moiro,
a quem dela te tirasse?
.. ..

Diz-me tu agora, Moiro,
Ó Moiro da Moiraria,
Se me levas por esposa
Se me levas por amiga"

Na Provincia do Douro, Tomaz Pires colheu esta quadra popular:

"Eu tenho quatro navios
Encostados á Moirama;
Amor sustenta os teus brios,
Longe chega a tua fama".

Gilberto Freyre, em "Casa-Grande & Senzala", aponta os traços da influencia moura na Peninsula Iberica, que abriram predisposições mais fundas no

caracter e na cultura do povo português para a colonisação vitoriosa dos tropicos. E comenta que na invasão da peninsula, os mahometanos vindos da Africa teriam tido o concurso de hispanos contrarios aos visigodos — circunstancia que assinalamos, diz ele, para destacar o fato de que desde o principio confundiram-se ali interesses europeus e africanos. "Foram essas populações — os moçarabes — gente impregnada da cultura e mesclada do sangue do invasor, que se constituiram no fundo e no nervo da nacionalidade portuguesa". E completa seu estudo dizendo: "O fato é significativo; como significativo é o verbo mourejar ter se tornado sinonimo de trabalhar em lingua portuguesa; significativa a frase, tão comum em Portugal e no Brasil: "trabalhar como mouro". É que foi o mouro a grande força operaria em Portugal. O tecnico. O lavrador. Ele quem deu ás cousas sua maior e melhor utilisação economica. Quem valorisou a terra. Quem a salvou das secas por meio de inteligente irrigação. Não só a oliveira foi aumentada de valor e utilidade pela ciencia dos mouros; tambem as vinhas. Alem do que foram eles que trouxeram á Peninsula a laranjeira, o algodão e o bicho da seda. Desempenharam a função de tecnicos e não apenas de energia principalmente animal (como mais tarde os escravos da Guiné) ou de simples mercantilismo como os judeus. E não só o algodão, o bicho da seda e a laranjeira introduziram os arabes e mouros na Peninsula: desenvolveram a cultura da cana de açucar que, transportada depois da Ilha da Madeira para o Brasil, condicionaria o desenvolvimento economico e social da Colonia Portuguesa na America, dando-lhe organisa-

ção agraria, possibilidades, permanencia e fixidez." Das Ilhas dos Açores (Miguel Asin Palacios em sua "Toponimia Arabe de Espanha" registra o vocabulo AZORES como de pura origem arabe, com o significado de MUROS) teriam tambem chegado ao Rio Grande do Sul, como da Ilha da Madeira ao Norte brasileiro, certas tradições de origem moura. Luiz da Silva Ribeiro, em sua monografia "Formação Historica do Povo dos Açores", acusa a influencia dos arabes na formação daquele nucleo racial, repetindo observações de Gaspar Frutuoso, que afirmou terem sido os primeiros habitantes da Ilha de São Miguel tambem mouros e que ali viveu um regente mourisco, vindo de Africa e um outro, famoso Jorge Velho, o Mouro. Na toponimia terceirense ha a Ribeira e a Canada do Mouro. Em São Miguel subsistem costumes que o sr. Luiz Bernardo Leite de Athaide diz serem puramente mouriscos.

Santiago Alonso Garrote ainda informa que Portugal estava na zona de influencia direta do berbere. E os povos maragatos, por longo tempo, mantiveram exclusivo comercio com a Galicia. E tão intimo foi este entrelaçamento, dos maragatos com os povos portugueses, desde o dominio arabe, que os maragatos, em seu dialecto, conservam uma inumeravel quantidade de palavras que são comuns aos galegos e aos demais povos lusitanos da Peninsula.

E argumenta o filologo: o fato de que Portugal e Galicia pertenceram ao antigo reino de Leon nos dará a nota originaria do dialeto leonez, português-galelo ao principio e regional depois do desmembramento. Isto,

sim esquecer a fonte comum nem desdenhar da aproximação politica da velha Castilha.

E não será superfluo que registremos alguns dos inumeraveis vocabulos que Garrote colecionou e que, transpostos da Peninsula, se tornaram tambem comuns no Rio Grande do Sul.

Nas interjeições usuais do povo maragato ha esta exclamação: "diájule", que se transformou no "diacho!", de uso habitual do gaúcho riograndense.

O maragato não diz, como a generalidade do espanhol: *montar* a cavalo. Diz na forma como se expressa o gaúcho riograndense *amontar*.

Para eles, as epidemias tambem têm a nossa designação de "andazos".

"Apalpar" — palpar, tocar ás tontas.

"Aparar" — recolher um objeto que cáe do alto. /" Apara esse pañuelo/.

"Aperios" — Aperos, do cavalo, das carroças, dos arados.

"Arrecadar" — diferente do "recoger" do espanhol — reunir objetos dispersos e animais extraviados.

"Azucra" — do espanhol azucar. A mesma pronuncia dos gauchos do Rio Grande do Sul.

"Barbaridad" — Grande quantidade, abundancia. "Una barbaridad de gente!"/"Tiene una barbaridad de dinero."/

"Bermeyo" — Côr que na lingua espanhola é definida como "rojo". Diz o gaucho "vermeio".

"Cavalhada" — Conjunto de animais cavalares.

"Cachola" — "La cabeza".

"Cambas" — "Cambões", na linguagem do gaucho/Peça de madeira da carreta de bois.

"Cepo" — do espanhol *cepa*, O mesmo "cepo" da linguagem gaucha.

"Corredor" — Nas casas e nos campos — o mesmo significado.

"Cuido" — cuidado, esmero. A mesma expressão que por vezes surpreendemos na linguagem dos homens de campo: "Estar em *cuidos* com a saude."

"De-mi-flor" — expressão para elogiar a bondade ou a excelencia de uma coisa. Usada no Prata e na fronteira do Rio Grande.

"Estromento" — instrumento. O gaucho o diz *estromento* ou *instormento*.

"Facendera" — "Hacendera" em castelhano. Fazendeira em português.

"Facienda" — a nossa fazenda de gados.

"Farrapo" — O "harapo" espanhol.

"Forqueta" — a furquilha.

"Fumaza" — "Humo" do espanhol.

"Gadanho" — A gadanha. Do arabe *cobdan*.

"Gumitar" — Vomitar. É a mesma pronuncia da nossa gente de campo.

"Jugo" — o mesmo aparelho de madeira com que o nosso carreteiro une os bois à carreta na forma de canga.

"Lomba" — Da *loma* espanhola. Cerro.

"Mondrego" — Mondrongo. Tosco, inculto, grosseiro.

"Morico" — Diz-se do gado vacum de pelo negro. O "mouro", no vocabulario gaucho.

"Nascencia" — De nascimento. A mesma expressão usada pelo gaucho: "Este cavalo é torto de nascencia".

"Orcia — "Oreja" em espanhol e orelha em vernaculo. A mesma pronuncia, em ambos os povos — gaucho e maragato.

"Paia" — palha, *paja*.

"Pelar" — Queimar, abrasar. /"Esta sopa está pelando"./
"Peleia" — Briga, luta. Vem de *pellejo* — pelego.
"Rabiça" — Parte extrema dos animais ou do arado.
"Tio" — Aldeão ou *paisano* velho.
"Oveia" — Ovelha.
"Val" — Vale.
"Véio" — Velho.

Sabendo-se da identidade do dialeto que se fala quer na Maragateria como na Galicia, é logico que poderiamos anotar um longo vocabulario, como aquele que Garrote reuniu num esplendido volume. Nossa intenção, porem, foi a de salientar certas semelhanças de termos usados quer na Maragateria como nas campanhas do Rio Grande do Sul.

De Portugal como da Espanha vieram para o Norte e para o Sul do Brasil habitos e costumes que aqui permaneceram, vivos e fieis á tradição, muitos deles hoje deslembrados e anacronicos nas proprias terras de origem.

N' "Os Sertões", Euclides da Cunha referindo-se á vida sertaneja — pintando-lhe o dramatico cenario — diz que, quando se afasta do vaqueiro o fantasma da seca e o chão exsicado se entrega aos exageros da fertilidade, seguem os vaqueiros para as vilas, se por lá se fazem festas de *cavalhadas* e *mouramas*, divertimentos anacronicos que os povoados sertanejos reproduzem, intactos, com os mesmos programas de ha tres seculos. E entre eles a exotica *encamisada*, que é o mais curioso exemplo de aferro ás mais remotas tradições.

É uma velhissima copia das vetustas *quadras* dos fossados ou arrancadas noturnas na Peninsula, contra os castelhanos arabes, diversão dispendiosa e interessante, feita á luz de lanternas e archotes, com seus longos cortejos de homens a pé, vestidos de branco, ou á maneira de muçulmanos, e outros a cavalo em animais estranhamente ajaezados, desfilando rapidos, em escaramuças e simulados recontros.

Na sua "Antropologia Brasileira" Arthur Ramos estudou as origens de muitas tribus de negros maometanos que vieram para o Norte Brasileiro, como o grupo *Malé* e afirmou que a influencia do Islam na Africa foi poderosa principalmente no Sudão, pelos *berberes*, nomades do deserto.

E diz o antropologista brasileiro que foi atravez desses povos que o Islam chegou ao Brasil.

Esses negros mahometanos foram chamados, no seu conjunto, MUÇULMI ou MALÉ, na Bahia, e ALUFÁ, no Rio de Janeiro. A origem do termo MUÇULMI é clara; trata-se, evidentemente, de uma corruptela de Muçulmano. Alufá significa *marabú* (doutor, teologo) e foi colhido já no seu tempo por João do Rio. Trata-se de uma ampliação do termo que de "sacerdote" passou a designar a propria cerimonia ou o grupo religioso, como aconteceu com outras expressões como *xangô* (macumba) em vez de *xangô* (orixá). Ao constatar o predominio na Bahia dos HAUSSÁS, até 1813, diz Arthur Ramos que suas casas de conspiração eram templos mahometanos e que os donos das casas e ao mesmo tempo cabeças do movimento, eram *alufás* ou *marabús*, que exerciam autoridade absoluta sobre os seus subordinados e que os documentos apreendidos

eram papeis escritos em caracteres arabes, *mandingas* contendo versiculos do Corão e rezas cabalisticas.

Nas montanhas do norte castelhano como na faixa ocidental da Lusitania, as tribus da Asia e da Africa se degladiaram na ancia de uma pretendida hegemonia militar e politica, porem, como no norte castelhano, podemos ver que os *berberes* imprimiram na linha de Portugal as marcas mais fundas e mais perduraveis de seu espirito, de suas tradições, seus habitos e costumes.

Não temos elementos, diz Gustave Le Bon, que nos permitam dizer qual foi a proporção reciproca dos elementos arabes e berberes durante os oito seculos de dominio muçulmano na Iberia, porem, tudo nos indica que o ultimo chegou a ser, numericamente, o mais importante.

O sonho da America com suas promessas tentadoras de fortuna facil, a vastidão sem limites da terra, fecunda e virgem, e as possibilidades de grandes aventuras, estimularam o espirito inquieto dos homens que traziam no sangue o nomadismo de seculos. E os espanhois e portugueses, descendentes de berberes e arabes, agitados pela ideia e a febre das descobertas e surpresas do novo mundo, embarcaram, certo dia, entre as levas de imigrantes para as planicies do Novo Continente, chegando sob as bandeiras de Malta ás costas brasileiras e sob as flamulas de Castela e Aragão ao grande rio-mar que Solis havia descoberto e onde, sobre o sangue do grande navegador, a Espanha erguería uma das suas intransponiveis muralhas na America.

Desceram estes ás terras da Cisplatina e as planuras ermas, o grande deserto verde que só as tribus

ferozes haviam percorrido, encheu-lhes os olhos de luz e distancias. Nas savanas de pasto lustroso e baixo, onde vinga o trevo e onde a flechilha desabotoa flores lilazes, encontraram os berberes-maragatos o seu novo *habitat*. A mesma extensão solitaria, os mesmos horisontes sem paredes, daqueles desertos aridos que seus avós haviam perdido, porem, aqui, o verde cambiante do pampa, a monotonia das ondulações sem arrojo, de longe em longe quebrada pelo relevo mais alto de uma coxilha ou pelo boleio sensual de uma canhada.

O cavalo completou-lhes a adaptabilidade.

A rudeza das novas tarefas não lhes poderia atemorisar o espirito indomavel. Acostumados á vida de arrieiros, na Espanha, sujeitos á inclemencia do tempo e á aspereza das estradas de montanha, a natureza agressiva e ainda inviolada da America não lhes poderia constituir obstaculo á prosperidade e ao bem-estar. E mesmo o Novo Continente não lhes era estranho. Outros maragatos haviam levado á Asturia e a Leon noticias do Novo Mundo. Nos barcos de Colombo não teria sido estranha a presença de um desses aventureiros. É certo, porém, que acompanharam a Hernan Cortez na conquista do México, a Pizarro na entrada do Pará, a Valdivia nas lutas do Chile e a Mendonza nas investidas do Prata. Nos "Catalogos de los Fundos Americanos del Archivo de Sevilha" alude-se a contratos de inumeros filhos da provincia montanhesa da Espanha com os famosos navegadores da India e da América.

Muito antes da emancipação americana os maragatos verificaram o pouco resultado das explorações

de ouro do Rio Duero, no território de sua Província, — veios já esgotados pelos romanos no seu domínio. E rumaram em pequenos grupos para o Pacífico, perseguindo a miragem das riquezas fabulosas dos Incas, á caça do ouro do Perú.

Muitos ficaram em Cuba. Outros, em Porto Rico. Nos meados do século XVII começou a imigração para o sul da America.

E no século XVIII intensificou-se a chegada de inúmeras familias maragatas que, dispersando-se pelo interior próximo, fixaram-se de preferência, em São José, Santa Luzia, San Felipe e Santiago. Sáura, prestigiado por Don Juan de La Piedra — colonisador oficial da Patagonia — entregou-se ao trabalho de localizar os montanheses espanhois na Cisplatina. Conseguiu do Vice-Rei do Rio de la Plata, Don Pedro de Ceballos, regalias especiais para ultimar os seus planos, amparando os imigrantes com rendas excepcionais da fazenda de S. M. C. Muitos dos colonisadores traziam consigo material agrário da Espanha.

Pedro Henrique Ureña (75) examinou exhaustivamente os arquivos de Indias e reuniu uma série de estatísticas sôbre a época e o carater da emigração espanhola na América, chegando á conclusão de que foi, aproximadamente, de 42% a percentagem do elemento colonisador do Norte, restando as medias de 34% para o do Sul, de 15% para o das zonas intermediárias e de 9% para os das zonas laterais da Espa-

---

(75) Pedro Henrique Ureña — "Comienzos del Español en America" — Revista del Colegio Libre de Estudios Superiores — Año IV — IV.º — 12.

nha. Mas, dentro dessa verificação genérica, especialisa a referência de que predominou a imigração de Leon e Castilha sôbre todas as demais. E Alberto Jones Brown, citado por Vicente Caputi (76), informa que essa imigração se repetiu em 1782, por dois barcos que tiveram o mesmo nome de "Santana" e que chegaram a Montevidéo, procedentes de La Corunha, conduzindo, o primeiro, 46 famílias e todas maragatas, que fundaram o departamento de São José.

Na Argentina, a influência maragata foi mediocre. E' que à Argentina afluiram, de preferencia, os andaluzes e demais povos do sul da Espanha, onde foi total o predominio do tipo arabe. Daí talvez a razão porque Rugendas ao fixar, em 1845, o carreteiro de Tucuman e o paisano de Cordoba, não lhes caracterisasse com os chapeus de abas largas e outras peculiaridades já comuns aos gauchos da Cisplatina e do Rio Grande do Sul. Daí, ainda, certas diferenças que se acentuaram entre os dois tipos de gaucho, do que surgiu ao sul do Rio da Prata e do que apareceu nos pampas orientais —, em terras da antiga Cisplatina e Rio Grande do Sul.

No Uruguai permanecem, ainda hoje, nomes de familias da mais pura procedência maragata. Industrias, casas de comércio, empresas de transporte, fabricas de laticinios, xarqueadas, foram batisadas com nomes originarios do norte da Espanha. E' facil encontrar-se na heraldica uruguaia arvores genealogi-

---

(76) Vicente Caputi — "Investigando el Passado" — 1923 — Biblioteca Nacional de Montevideo — Vol. I (Departamento de S. José).

cas com suas raizes nas cidades alterosas da velha Castilha como: Barredo, Mallada, Garcia, Mendez, Dominguez, Vega, Leon, Lomera, Callorda, Medina, Espinosa, Ledesma, Maciel, Carro, Blanco, Alonso, Botas, Martinez, Varella, Fernandez, Muniz, Pereira, Pando, Peña, Higueras, Dias, Gonzales, Prieto, Rodriguez e muitas outras. (77).

Os maragatos dominaram, com sua influência, diversas zonas do Uruguai. Inúmeras fazendas do

---

(77) *NOTA.* Por uma monografia anonima que devemos ao médico espanhol Amador Florez, podemos arrolar aqui alguns nomes, dos principais, de origem maragata que se notabilisaram na vida do Uruguai, quer no comercio, nas industrias como na sociedade e na politica: Francisco Martinez Nieto, que fundou em Montevideo uma grande fabrica de sabão e introduziu o uso de máquinas a vapor na industria saladeril; Manuel Criado Perez de Quintanilla de Somoza que inaugurou a carreira fluvial entre Colonia del Sacramento e Montevideo, com seu barco EL MARAGATO; D. Vicente Medina que inaugurou às margens do Rio Colla (Rosario Oriental) um dos mais importantes saladeiros da epoca; Nicolau Crespo natural de Santiago Millas que organisou a mais importante casa de fumos e cigarros em Montevideo, com o batismo de "LA MARAGATA"; Santiago Fernandez de Quintanilla que instalou na cidade de Colonia a maior barraca de couros e frutos e que forneceu à lavoura uruguaia as primeiras maquinas modernas para o amanho da terra, importando-as do EE. UU. do Norte; Francisco Crespo, que instalou em Montevideo o famoso café Astorga; José Maria e Santiago T. de Quintanilla de Somoza, que iniciaram em Soriano o cultivo das vinhas e do linho; Antonio Crespo de Santa Colomba que iniciou em grande escala a cultura do fumo; Santos Martinez Cuitiño que se tornou conhecido actor dramatico; Tirso Martinez natural de Turrienzo que ocupou relevantes funções públicas: D. Miguel Alonso Criado que iniciou em B. Ayres o comercio de roupas feitas e fabricou um famoso tecido com a marca EL MARAGATO. A lista preenche paginas inumeras, o que seria fastidioso transcrever. Para finalisar, citaremos D. Alonso Criado, fundador de bibliotecas, de escolas, jornalista, jurista, organizador de inumeras sociedades espanholas, diplomata, membro de diversos congressos no Continente e que foi, na Espanha, secretário intimo do grande tribuno Emilio Castelar.

Rio Grande do Sul pertenceram a descendentes de maragatos.

As constantes penetrações de portugueses e mamalucos do Brasil nos territórios onde a Espanha cravara sua bandeira, fizeram com que Madrid intensificasse, na fronteira da América portuguesa, a colonisação, creando, dessa forma, sérios obstáculos aos planos expansionistas de Lisboa.

A Colonia de Santo Domingo de Soriano foi, assim, um baluarte erguido pelo espírito de resistência de Castela, no Sul.

Bauzá (78) refere-se à fundação de Soriano em 1624, relatando que ali se ergueu um templo segundo as leis de Indias e se fez a destribuição de terras, adquirindo o vilarejo ares de civilisação europea, com elementos da raça primitiva. Agregaram-se paraguaios mestiços, indigenas puros e espanhois, muitos destes das zonas montanhesas da Espanha. Foi em Soriano que José Maria e Santiago Turienzo de Quintanilla de Somoza, ambos maragatos, iniciaram, no começo do século XVIII, a cultura do linho e das vinhas, que seriam, de futuro, duas riquezas da Colonia.

Zum Felde, ao relatar, no "Processo Histórico del Uruguai", a luta de supremacia entre portugueses e espanhois, cita a Domingo Ordoñana que fixou em Soriano a base e cimento da nacionalidade Uruguaia, porque seria injusto, sinão impossível, afastar dessa modesta congregação o inicio de uma pátria, onde se amanhou a terra por vez primeira, onde rodaram os primeiros teares, onde se trançaram os primeiros *tentos*

---

(78) Bauzá — obra citada.

e onde se ensinaram as primeiras letras. Afirma que foi nesta redução que se começou a operar a mestiçagem de indigenas e espanhois, em boa parte obrigados pela escassez de mulheres brancas. "Como os espanhois não trouxessem consigo mulheres da peninsula, sua união poligamica com as indias produziu numerosos mestiços, que eram livres, segundo a vontade real". (79). E conclue Zum Felde que foi o elemento hispano-paraguaio quem introduziu no Uruguai os hábitos e praticas indigenas, de procedência quichúa-guarani, como o *poncho*, o *laço*, a *erva-mate*, o *rancho de barro* e grande parte do lexico que se incorporou ao castelhano já falado pela população indo-ibera.

Mas a identificação de certos elementos espanhois com o meio e os costumes da terra barbara vem de mais longe, E o que muitas vezes somos levados a atribuir á exclusiva origem quichúa-guarani, como o *chiripá*, o *laço*, as *casas de barro*, não remonta aos primordios da civilisação do indio mas a um determinado elemento colonisador, no caso — o maragato, diferente, fisica e psicologicamente de quasi todos os lastros humanos da conquista.

Os indios da América Meridional, deste lado da Cordilheira dos Andes, andavam nús, não conheciam o laço sinão as *boleadeiras* e habitavam cabanas de um primitivismo inconfundivel. O *chiripá*, o *laço*, e as *casas de barro*, que são os nossos *ranchos*, vieram com o colonisador espanhol, os *centauros* de Salamanca e os *maragatos* de Leon.

---

(79) Leopoldo Lugones — "O Imperio Jesuitico" — pág. 136.

No confronto dos fatos, desfalecem os argumentos de Emilio Coni que defende a ideia do aparecimento do primeiro gaucho nos pampas de Santa-Fé. Serve-se da referência de Zabala y Gandia á acta do Cabildo de Buenos Ayres, de 7 de fevereiro de 1642, para levantar a tese de que é o primeiro documento que menciona "quatreros" e "vagabundos" que seriam, fatalmente, homens rurais, adestrados nos trabalhos do gado e do campo. Mas em 1624, na colonia de Soriano, processa-se a primeira mestiçagem e inicia-se o comércio de gado com as Missões do Paraguai, pelas vastas campanhas que seriam depois do Rio Grande do Sul. O gaucho surgiu no "periodo soriano" nas terras comuns ao Uruguai e ao Rio Grande do Sul, pela necessidade da *doma*, das *volteadas* e das tropas que se conduziam das estancias missioneiras ás reduções, com os primeiros "cortadores" e os primeiros "vaqueanos".

Mas se isso ainda não bastasse, pelo próprio livro "El Gaucho", de Coni, chegarianos à certeza de que, documentalmente, o "Changador" apareceu na Banda Oriental em 1729 só se revelando, na Argentina, em 1748. "Changador" era o gaucho que carneava a rez alheia para vender o couro ou trocá-lo nas "pulperias". (80). Aurélio Porto alude que na época das demarcações de Limites, de 1750 e 1783, fez-se, aqui, pela primeira vez, referências escritas a "gauchos do campo", egressos das tropas de linha, desertores dos regimentos de dragões e blendengues.

---

(80) Emilio Coni — "El Gaucho" — pág. 59.

Os maragatos tiveram, no Uruguai, com inevitaveis irradiações no Rio Grande do Sul — que era terra comum e integrada nos mapas de Castela — uma especial relevância, acentuada até hoje na industria e nos costumes. Saladeiros, fábricas de sabão e laticínios, empresas de transportes e toda a complicada aparelhagem de carros e carroças, foram trazidos pelos *berberes* espanhois á America do Sul. Seus costumes não sofreram grandes transformações. Sua maneira de vestir, até principios do século passado, conservou-se fiel á tradição: chapeus de abas largas, com cordões e borlas de seda — o tipico *sombrero* espanhol — camisa pregueada ao peito e colarinho baixo; colete encarnado, sem gola, com botões de prata filigranada, trabalho de ourivesaria deixado pelos Mouros e que se converteu numa industria comum á Espanha e a Portugal; gibão de seda e mangas estreitas, bragas de tela, baeta ou merinó, muito semelhantes á bombacha e amplas como esta, cheias de pregas laterais e ajustadas aos joelhos. Informa Alonso Criado, em artigo inserto na imprensa de Montevideo, que o maragato, ao ter que substituir a indumentária com que imigrou, não encontrou facilidades na importação nem artifices locais que a soubessem fazer. Socorreu-se, então, do seu próprio engenho. E foi assim que as maragas ciganas deram lugar aos panos soltos e ás ceroulas de crivo, facilmente acomodaveis á montaria e que se chamou o *chiripá* — que o mamaluco do pampa recebeu e divulgou. (81).

---

(81) João Cezimbra Jacques em "Assumptos do Rio Grande do Sul", no caotico porem valiosissimo conjunto de informações que reuniu, conclue desta forma: "quanto a *bombaixa* assassina do *xeripá*, como a gaita o é

Nicolau Dreys, aludindo ao laço no uso da vida campeira do Rio Grande, diz que "o laço não é arma pertencente exclusivamente á moderna população do Rio Grande: os primeiros povoadores a tomaram dos indigenas; e de quem a receberam estes? Thevenot encontrou o laço entre os povos da India e o Padre Verbiest viu-o nas mãos dos guerreiros da grande Tartaria".

Os maragatos usavam polainas compridas de pano negro, sem mais aberturas do que aquelas em que entra e sae o pé, seguras por baixo dos joelhos por ligas de seda, que traziam sempre uma legenda e legenda que denunciava, pela riqueza do feitio, a situação econômica do homem que a levava. Nelas predominava a cor verde e as legendas mais comuns, eram estas: "Es la maragata gente noble y valiente" ou "Quien te regala esta liga, te diera toda su vida".

---

da viola, e que forma hoje uma parte do traje gaucho incompleto dos nossos dias, não é um artigo de vestimenta caracteristica do verdadeiro gaucho, pois que êle não é originário da América do Sul e muito menos do "pampa". É antes uma vestimenta turca, que da Turquia foi importada para a Espanha e desta para o Prata e dali para o Rio Grande do Sul" — pág. 32. Castilhos Goicochêa, em estudo recente que só conhecemos ao encerrar este livro, defende identicos pontos de vista quanto à origem das bombachas gauchas, por influência das *maragas,* dos berberes de Leon e de Astorga, na sua imigração para a América do Sul. E cita trabalhos de Sylvio Julio sobre o mesmo assunto. Do ensaio de Castilhos de Goicochêa destacamos duas observações originais: a do "tranco" dos cavalos gauchos que êle só verificou semelhantes nos desertos da Libia e da Arabia e uma peculiaridade comum aos dois povos cavaleiros — arabes e gauchos — que é o lado de montar, o lado esquerdo "usado obrigatoriamente pelos homens das duas origens, quando ninguem obedece essa regra". 1) — Castilhos Goicochêa — "Maragatos e gauchos" — Provincia de São Pedro — N.º 3 — Dezembro de 1945.

As maragatas usavam á cintura faixas ataviadas de lantejoulas e franjas douradas. Sapatos baixos, com saltos redondos. Nas faixas, que pendiam da cintura, não faltava a legenda tão do agrado maragato: "Viva mi dueño!"

Estas faixas, quasi sempre vermelhas, eram comuns aos homens e deram lugar ás *bandas* coloridas, com franjas pendentes, identicas ás que usam os toureiros de Espanha e nas quais os gauchos se envolviam com a rara maestria e elegância com que ainda o fazem os paraguaios e argentinos de Missiones e Corrientes. Estas faixas, com os coletes e os lenços vermelhos, motivaram a *charge* política que o situacionismo do Rio Grande criou sobre os revolucionários de 1893, dando-lhes o nome de "*maragatos*" pelo uso extravagante e excessivo não só do vermelho, simbolo universal das rebeliões mas, principalmente, das legendas sobrepostas em fitas nos chapeus e nas pontas dos lenços também vermelhos. Os maragatos adaptaram, habilmente, ao meio, seus trajes e costumes. O chiripá evoluiu da pomposa "cherual" asiatica para as bombachas, de pregas laterais com botões de madreperola ou pequenas moedas de prata. A faixa colorida cedeu lugar á guiaca de couro, coberta também de moedas de prata — "bolivianos" e "onças" mais tarde. (82).

---

(82) "A indumentaria (do gaucho) era a mais bizarra: *chiripá* flutuando, o pala que lhe cobria o desalinho da roupa, a bota de garrão de vaca ou de potro, lhe retovava o pé e pernas. deixando os dedos de fora para melhor se adaptarem ao estribo. Chapeu de vastas abas, preso pelo barbicacho, ora quebrado na frente ou derrubado para os olhos. *Lenço colorado (vermelho)* amarrado folgadamente ao pescoço, adaga pendente à esquerda, com um lencinho vermelho à moda de fiador no punho retovado a tanguari, ou de puro metal ou chifre, atravessada à

O chapeu permaneceu inalterável, apenas as abas mais flexiveis pela exigência do clima. Os cordões de seda dos chapeus, transformaram-se no caracteristico "*barbicacho*", também de borlas trançadas. As polainas de pano preto foram precursoras das "*botas de potro*" que, como as anteriores, também só tiveram uma entrada e uma saida para o pé. (83). Fernán Silva Valdez num de seus estudos sobre o folclore uruguaio diz que é possivel que alguns gauchos primitivos houvessem visto botas de couro nos soldados da conquista, sem atender no entanto ao precedente destas "*polainas*" maragatas. Nas páginas da revista "Nativa" (84) Lehmann Nitsche comenta que observou, com surpresa, em 1908, na biblioteca do Museu da História da Arte, em Berlim, quando estudava assuntos relacionados ao folclore argentino, que a bota de potro ou de vaca, aparece como calçado primitivo em todos os povos da antiguidade clássica. Os gregos usavam-na, dando-lhe certa forma e elegância e são frequentes nas iconografias da Idade Média. Num código conservado na Biblioteca Nacional de Paris, vê-se o Rei Carlos, o Calvo, recebendo uma bíblia na abadia de San Martin

---

frente na *guaiaca* ou no cinto do *tirador* que trazia sempre; esporas de enormes rosetas obrigando o seu portador a andar quasi na ponta dos pés, e um relho ou *mango* de avantajadas proporções, eis o retrato do gaucho de dantes". Luiz Carlos de Moraes — "Vocabulario Sulriograndense" — págs. 110-111-114.

(83) Estas botas são, de ordinario, fabricadas de pele crúa, tirada inteira da perna de hum cavalo ou de hum boi, seccada sobre huma forma grosseira e amarrada fortemente na extremidade inferior para formar a ponta do pé" — Nicolau Dreys — "Noticia Desc. da Prov. do R. G. de S. Pedro do Sul" — 1927.

(84) "Nativa", 31 de agôsto de 1926.

de Tours, "vestindo botas que deixavam os dedos livres" (85).

Felix de Azara, que esteve na América no último quartel do século XVIII, conta que os "jornaleiros" quasi não usavam camisas, não lhes faltando, no entanto, o poncho, o sombrero, ceroulas de crivo e o chiripá. Viu-os com botas de meio-pé, tiradas de uma peça inteiriça das pernas dos *potros* ou das *terneiras*.

Taine disse que o fim da história não é o de submergir na multidão dos detalhes sinão o de remontar-se àquela força inicial de onde promanam os fenômenos epidérmicos da sociedade, para determiná-los e relacioná-los, dentro de cada época, de cada século e de cada povo. Queria que a história fosse uma ciência, embora reduzida a uma *geometria de forças*, porque o seu fim não é divertir. Nos métodos propostos pelo pensador francês encontram-se as bases das novas ciências sociais. Mas, Gilberto Freyre, com rara clareza, explicou, nos preâmbulos de sua "Sociologia", que no estado atual das ciências ou dos estudos sociais, dificilmente pode fazer-se obra mais ousada e menos pedante de criação ou interposição social ou sociológica — o estudo de uma região, de uma época, de um movimento, de uma instituição, o levantamento do perfil social e cultural de um grupo — guardando-se da primeira à última página rigidez ou exclusividade de método, castidade sociológica, pureza científica absoluta. Mais de uma vez o sociólogo, entregue a tal aventura, terá de valer-se de estudos ou de ciências vizinhas da sociologia e até de outras formas de expe-

---

(85) Fernan Silva Valdez — "Temas del Folklore".

riência humana — a histórica, a psicológica, a filosófica, a folclórica —, de métodos extra-sociológicos de aprofundá-la, para melhor exploração e compreensão de matéria virgem ou complexa. Yung, no capítulo "Alma e Terra" de seu livro "A Psiquê e seus problemas atuais", fala sobre a influência psicológica — sem mescla de sangue, é claro — do negro no homem americano do norte, acentuada na expressão emotiva do riso, no caminhar, na dansa, na música, na religião, na ingenuidade e até nos esportes. E conclue seu longo estudo dizendo que o ianque oferece uma figura estranha: europeu, com maneiras de negro e alma índia.

Correu o americano a mesma sorte reservada aos usurpadores de terra alheia, pois certos australianos afirmam que ninguem se pode apropriar impunemente de uma terra em cujas entranhas vivam os manes de seus antepassados... Isto, diz Yung, encerra uma grande verdade psicológica. O país novo assimila o conquistador. O gênio de um povo por mais que se dobre sob a influência estrangeira, levanta-se, pois ela é temporal e ele é eterno; está na sua carne e no seu sangue, no ar e no solo, na estrutura, no grau de ação dos sentidos e do cérebro; são forças persistentes, incessantemente renovadas, por toda parte presentes, que a admiração passageira de uma civilização superior não pode nem destruir nem desgastar (86).

Assim como no processo evolutivo as condições da terra formaram a alma humana, de certa maneira este processo pode repetir-se hoje, diz Yung, diante de nossos olhos.

---

(86) Taine — "Philosophie de L'art"

"As condições exteriores atuam gravemente sobre as próprias sociedades constituidas que se deslocam em migrações seculares aparelhadas embora pelos recursos de uma cultura superior.

Ao calor e á luz adicionam-se, então, a disposição da terra, as modalidades do clima e essa ação de presença inegável, essa espécie de força catalítica misteriosa que difundem os vários aspectos da natureza." (87). Como o inglês nas Barbadas, na Tasmânia ou na Austrália, afirma Euclides da Cunha, o português no Amazonas, se foge ao cruzamento, no fim de poucas gerações tem alterados os caracteres físicos e morais de uma maneira profunda, desde a tez, que se acobreia pelos sóis e pela eliminação incompleta do carbono, ao temperamento que se debilita despido das qualidades primitivas. Imaginemos uma considerável invasão de raça europea num solo e clima desconhecidos. Sem fusão alguma com a raça autônoma, no curso de algumas gerações terá essa raça experimentado certas modificações circunstanciais, às vezes psíquicas e até mesmo de natureza física. E' o fato curioso dos judeus, nos diferentes países da Europa, o que se pode explicar pelas peculiaridades dos povos a que se acham ligados. Não será difícil distinguir o judeu espanhol do judeu norte-africano, assim como o judeu alemão do judeu russo. E até mesmo dentro de um próprio país sofrendo influências de suas regiões, como na Rússia os polonêses do norte e os cossacos do sul. Apesar de sua uniformi-

---

(87) Euclides da Cunha — "Os Sertões" — pág. 86 — 15.ª edição — 1940.

dade racial, existem entre eles diferenças assinaláveis, cujas razões nos parecem fugir (88). O berbere, ao passar para a Espanha, sofreu o trabalho secular do meio, do espírito da terra e sobretudo do clima — que é "como a tradução fisiológica de uma condição geográfica." Transposto o Atlântico aqui se adaptou, por um complexo de circunstâncias, às exigências do meio, sob o império daquela força motriz da história, de que falou Gumplowicz.

Assim o homem da fronteira riograndense apresenta — como o americano para Yung — estas singularidades: é um índio, com maneiras europeas e alma asiática.

---

(88) Yung — "A Psiquê e seus problemas atuais".

III

GAUCHOS E BEDUINOS

O território do Rio Grande, nas vastas zonas onde o espanhol defendia a bandeira de seus reis, foi talvez o primeiro a receber a marca da tradição hispano-arábica. Informa Granada que na Cordilheira dos Andes, nos vales do Uruguai, nos taboleiros do Paraguai, jamais faltaram as *salamancas*, cavernas encantadas, guardando no sombrio profundo de seus mistérios, riquezas de ouro e prata. O nome vem, como prefere Teschauer, da própria cidade de Salamanca, na Espanha, onde a tradição localisou famosa escola de magia na época do domínio sarraceno. A Argentina não faltou igualmente à tradição. San Juan tem, como todos os povos sulamericanos, a sua *salamanca* e a lenda, menos rica e menos colorida que a riograndense, foi escrita por Juan Pablo Echagüe.

O Rio Grande celebrou a sua *salamanca* naqueles algares do serros de Jaráo, a que se refere o Major Engenheiro de Sua Alteza Real José de Saldanha, em sua correspondência de 1805, com a lenda maravilhosa de poesia e simplicidade que João Simões Lopes Netto imortalizou. A lenda, em todas as terras da América, é a mesma, com as variantes e tonalidades que lhe imprimiu o temperamento de cada povo. No Rio Grande, como em nenhuma outra unidade americana, a lenda conservou, irretocável, o raro e pitoresco colorido da imaginação oriental. Lembra as fantasias de Mil e Uma Noites, toda a extravagante policromia dos con-

tos e dos poemas que embalaram a preguiça dos poderosos príncipes do deserto, em suas redes de damasco e sob a fumaça azul de seus cachimbos de porcelana.

Na epiderme rugosa da terra não escaparam ao sortilégio hereditário as nossas melancólicas lagoas paradas — aquelas lagoas que encantaram os olhos adolescentes de Alcides Maya, sempre solícitos na descoberta dos motivos de beleza de sua querência, aquelas lagoas "caladas, solitárias, arrastadoras, atraentes, moldes informes de baldadas aspirações de guerra e amor."

Como na Espanha dos Mouros, assim os mestiços da América formaram a sua tradição, o seu *ciclo do ouro* (89), vendo palácios rutilantes entre as cortinas das selvas, onde jamais o pé do homem branco deixou impunemente um sinal ou no fundo de cada lagoa sonhadora correntes de ferro presas a baús monumentais, repletos de ouro, de prataria e esmeraldas — correntes que gemem às horas quietas da noite, aterrando o viandante solitário.

---

(89) "O ciclo de ouro enrola em seu aranhol reluzente os motivos mais longinquos. Neles revivem as "salamancas", carbunculos, a casa branca de Mbororé, cheia de joias, rondada pelo último fiel, vista apenas pelo olhar tenebrante de Zaori, nascido numa sexta-feira da Paixão.

.....

Na região Missioneira do Rio Grande do Sul as lendas são comuns ao Uruguai e Argentina. Vêm todas do ciclo das grandes guerras quando os jesuitas foram obrigados a ir deixando terras e posses onde haviam imprimido o inapagável acento de sua atividade inesquecível".

.....

E a influência espanhola e indigena é bem maior que a portuguesa. Talvez se dê unicamente no Rio Grande do Sul". Luiz da Câmara Cascudo — *"Seis mitos gauchos"* — "Anais do III Congresso Sul Riograndense de História e Geografia". — 4.º vol. pág. 2276.

A superstição do árabe deixou na Espanha uma série de crendices que Madame d'Aulnoy incorporou à sua curiosa "Relacion". Si é verdade que não há povo, na face da terra, que não tenha seus duendes e fantasmas familiares, aparições e milagres — tudo com que o espírito ingênuo do homem procura explicar os fenômenos sobrenaturais — é também certo que nenhum apresenta, nesta particularidade, tanta semelhança, tanto parentesco, tanta identificação como o árabe ao peninsular e o peninsular ao americano do sul. À série imensa dessas fantasias pitorescas não escapou siquer o nosso popularíssimo "mau olhado" que Madame d'Aulnoy registra com este comentário: "y le hablaron de un sujeto que tenia veneno en la mirada, que mataba una galiña con solo ver-la." Nas ilhas açorianas permanecem também certas superstições de fundo mourisco, às que alude, de passagem, Luiz da Silva Ribeiro, tratando dos *cobrantos*. Estas tradições é possível que hajam sido levadas aos Açores pelos espanhóis, pois Leite de Vasconcellos, em seu livro "Origem histórica e formação do povo português", afirma que foram significativos os contingentes de castelhanos que se radicaram na Terceira, mormente no Século XVII, e que ali deixaram o gosto pelas touradas. Um fato interessante de verificar — diz Henry Thomas Buckle — é que país algum da Europa oferece tantos traços de semelhança com os paises tropicais como a Espanha. Nenhuma outra parte da Europa parece tão claramente designada pela natureza para a séde e refugio da superstição. Liga ás causas fisicas da superstição todas as calamidades como a fome, a epidemia os tremores de terra e os climas

insalubres — que abreviam a duração ordinária da vida e estimulam a invocação mais frequente e mais ardorosa do sobrenatural. Essas particularidades, tomadas em seu conjunto, são muito mais evidentes na Espanha que em qualquer outra parcela geográfica da Europa.

Mas a Espanha não mandou somente no sangue e no espírito de seus homens apenas o luxo dessa imaginação que Waldo Frank descobriria nos próprios artistas do Século XX, de origem espanhola.

Com os homens de Salamanca, de Leon ou de Castilha viriam velhos hábitos que os mouros transmitiram á vida de seus povos. Salamanca é terra de bois, que pastam e mugem sobre as veigas.

Seus prados não são de sementeiras. São prados de rebanhos. Os touros bravios escarvam nas extensões imensas, temiveis e famosos nas praças de Toledo e Madrid. Ainda um traço característico da Espanha, que interessa á longa analise de Buckle, é a vida pastoril que nela predomina, pelas dificuldades que impedem os hábitos regulares da industria agricola. "Em quasi toda a Espanha, diz o historiador, o clima torna o trabalho impossivel durante a maior parte do dia e êsse repouso forçado acoroçôa no povo uma irregularidade de conduta, uma instabilidade que o impele mais á vida errante de pastor, do que ao trabalho mais assiduo da agricultura."

Ustariz em sua "Teoria e Pratica do Comércio", de 1757, já aludia ao grande número de pastores que existia na Espanha, e Condé, em sua "História de la Dominacion", ao tempo dos arabes, afirma que "muchos pueblos sufriendo su natural inclinacion, se entregaron a la ganaderia". Enquanto durou a guerra com

os mouros, estavam os espanhois expostos ás surpresas e pilhagens do inimigo e, porisso, levavam consigo os meios de subsistência, preferindo o produto de seus rebanhos aos produtos da terra. Fizeram-se pastores em logar de agricultores, pela única razão de que menos teriam de sofrer no caso em que a guerra se voltasse contra êles. Tudo isso aumentou a incerteza da vida e fortificou, no espanhol, o amor á aventura.

Salamanca está na zona de influência dos berberes. E Waldo Frank diz que os *centauros berberes* foram prodigiosos soldados e capitães na Espanha, homens ageis no lombo dos cavalos, que *habitavam casas retangulares, com tetos de palha e paredes de barro, — geralmente erguidas á beira dos riachos.*

Vestiam bombachas de couro e uma *faixa rigida, também de couro* (90), e chapeus de abas largas, tipicamente castelhanos.

Não é preciso talhar um paralelo, nesta altura, entre os espanhois de Salamanca, de Leon ou de Castilha e o gaucho riograndense, para se descobrir, sem esforços, certa semelhança impressionante do homem espanhol do norte com o homem da nossa fronteira do sul (91).

---

(90) O *"tirador"*, do uso comum do gaucho, até a época contemporanea.

(91) Nossa observação fundamenta-se em fatos recentes para a longevidade dos povos e que se prendem à epoca da colonisação americana. No entanto, nos mundos controversos da antropologia e da paleontologia e dentro do conflito dos monogenistas e poligenistas, já se admitiu a origem asiatica do homem primitivo da América. Foi entre as hipoteses mais diversas, a mais acariciada, no comentário de Arthur Ramos em sua "Antropologia Brasileira", hoje reevidenciada com tintas cientificas. Arthur Ramos comenta: realmente a hipotese da origem asiatica começa com os exegetas biblicos. O que sem duvida

Nas savanas platinas, o espanhol encontrou um palco desmedido, semelhante ao que deixara com a imigração, nas terras do velho Continente.

Como em Salamanca, êle não veiu encontrar, aqui, nas planicies do Sul, onde a terra e o céu se fundem, um campo de sementeiras mas um campo de bois. Como em Salamanca êle se fez *centauro*. Como em Salamanca, êle escolheu a beira dos riachos para construir sua *casa de barro com teto de palha santa-fé* e continuar o uso não mais de suas *bombachas de couro*, porém de pano, mais adaptaveis ao clima, na forma inteligente do *chiripá* que o maragato creou (92).

Nas perdidas extensões solitarias do pampa, veio encontrar o *cavalo chimarrão*, em manadas que descendiam daquelas que o Adelantado Mendonza trouxera de Cádiz em 1535 e que, segundo Dionisio Schoo Las-

---

justifica também a hipotese da origem *fenicia*, bem como ao grupo das teorias pré-cientificas da origem do homem Americano". Na Asia varios autores corroboraram no ponto de vista hoje tão prestigiado, da migração dos mongois, tartaros, chineses. Mas, ainda é Artur Ramos quem nos informa que a Asia Meridional foi responsabilisada como berço dos indios americanos — por Brandford, Brancroft e muitos outros. J. de Lact, E. Elis, Couto de Magalhães, G. Mendonza e muitos outros, defenderam as origens asiaticas ocidentais. Neste grupo inclue-se a maior parte dos monogenistas, que admitem o berço da humanidade num ponto asiatico, variando apenas a localisação — India, Irak, Asia Central, etc."

(92) Refere a tradição oral e os cronistas que a retiveram, como o curioso Cezimbra Jacques, que os europeus "trajavam calção e jaqueta — esta, uma espécie de casaco muito ligado ao corpo e que não excedia da cintura (o classico *chalèco* maragato). Estes trajes eram feitos de fazendas, desde o algodão mescla, o brim, até o pano mais fino, segundo as posses de cada um". Nos campos, "a ceroula de crivo e o chiripá, tendo por cima uma espécie de couro curtido e sovado, conhecido como "tirador" e um cinturão também de coüro, com bolsos e solapas abotoadas e enfeitadas com moedas de prata ou ouro, que denominavam de *guaiacas*".

tra (93), "eran animales provinientes de la raza berberia cruzada con la asiatica de los moros". No lombo destes cavalos, transportava a familia e o toldo que constituia a sua habitação improvisada. Lançou-se ás planuras, atravessou os rios e torrentes e penetrou a Cordilheira. Tomou posse do deserto. Aos *mamalucos* que foram os primeiros gauchos, ensinou a arte de *cortar* os tendões das rezes alçadas, *desgarronando-as* com o instrumento em forma de meia-lua cortante que foi creação dos arabes na Espanha. (94).

Na procura da mais ampla argumentação para a tese que se desdobra, sedutora aos olhos do pesquisador, é necessário que se chegue ás origens remotas do berbere — avô do peninsular e se conclua pela semelhança iniludível da vida do beduino com a vida do gaucho. Um, do esteril e areento deserto africano. Outro, das verdes e imensas planuras desertas e melancolicas da America. Apenas á torrida extensão, onde a atmosfera junto ao lençol arenoso vibra como boca de fornalha — sucedem-se aqui os mansos rios, inflectindo pelas curvas dos vales fecundos.

Hermann Keyserling ao traçar o perfil psicológico dos multiplos povos da Europa, dedicou á Espanha um capítulo especial, talvez o mais profundo de suas meditações. No paralelo que o sabio estabeleceu entre o povo espanhol e o povo da Africa setentrional, vislumbram-se elementos de ordem subjetiva que permanecem inalteráveis, irredutiveis, inamolgaveis no tipo

---

(93) Dionisio Schoo Lastra — "El Indio del Desierto" — B. Ayres — 1930 — pág. 26.

(94) Idem — obra citada — pág. 31.

iberico que atravessou o Atlântico para fixar-se na América do Sul. Quanto mais encaramos o drama histórico da Espanha mais haveremos de firmar a convicção de que ali as convulsões raciais — em séculos de invasão e dominio extrangeiro —, não conseguiram cindir a estrutura profunda do espírito da raça. A Espanha, não obstante os varios cataclismos humanos, seguiu sendo em sua substância o que sempre foi. Daí as conclusões de Keyserling, para afirmar: "não vejo razão alguma para retocar minha visão originaria da Espanha eterna."

"En si misma", diz o autor da analise espectral de um continente, Espanha não pertence á Europa sinão á Africa. Quem atravessar os Pirineus, passará do jardim para o deserto. O que não for deserto, será a estepe ou o oasis. Madrid lembra a Karakorum, Túsculum, Genghis-Khan; a régia metrópole está emoldurada por uma paisagem que tem a rudeza, a magnificência e a amplitude da Asia Central. Aquele céu austero com suas nuvens sobrepostas, aquela estepe pardacenta com suas árvores escassas, aquelas serras vigorosas que servem de marcos monumentais, produzem um quadro total de sublime solidão, que só as paisagens desertas oferecem. E diz Keyserling: emprego expressamente a palavra extrema *deserto* para caracterisar primeiramente toda a Espanha, afim de concentrar, de início, o pensamento no essencial. Literalmente, é certo que só se pode dizer isto de Castilha. Mas, Castilha é Espanha. O determinante é o espírito castelhano e o que caracterisa a paisagem castelhana é o cosmico, o astral, a diferença do terreal,

o predominio do planetário sôbre o individuo cuja existência, do ponto de vista astronômico, não é mais do que uma anedota. O mesmo predomínio distingue ao africano. Caracterisa toda a paisagem africana. A Espanha pertence desde tempos remotos á esfera da influência africana. Sua cultura é uma expressão particular do espírito antiquissimo e persistente que animou os povos préegipcios e que se manifestou nos arabes com a mesma pureza que se manifestou nos espanhois. Entretanto, este espírito não é essencialmente europeu, sinão africano. Para compreendê-lo, é necessário comparar o espanhol ao beduino. Este espírito manteve-se durante milenios nos desertos. E' vigoroso e sério, de vontade potente e elementar. Fanático como as tormentas do deserto. E quando apareceu de outra forma o espanhol na sua grandeza histórica?

O rude peregrino dos desertos, por outro lado, deve ser fantástico de algum modo. Porque todo o morador do deserto é por natureza quixotesco. Sua vida é a imposição do mínimo. Obstinado, apezar de pequeno, torna-se ridiculo em face da imensidade cosmica. Mas, esta imposição só parece ridícula aos que o contemplam de fóra. Para os olhos espanhois, a figura de D. Quixote não é comica. E' pelo contrário a mais alta representação do homem e este em proporções muito maiores do que foi a figura de Goethe para os Alemães. E o que tem sido os feitos mais representativos dos espanhois sinão quixotadas, do Cid á galeria dos conquistadores?

Bolivar, no leito de morte, comenta seu trágico destino, murmurando: "Jesuscristo, Don Quixote e yo, hemos sido tres grandes majaderos". Cortez queimou suas naves ás orlas do Mar do México. Pizarro partiu rumo ao Perú com um punhado de homens... E o ensaista completa seu pensamento: todo espanhol é assim: unico e solitário como D. Quixote. Porisso, há de sentir-se no deserto. Vive isolado ainda que, como todo mediterraneo, sinta as exigências da comunidade — ao contrário do alemão que é introvertido. O espanhol, no entanto, sabe que só ele vive a sua vida, que ninguem o pode ajudar. Daí a forma como cultiva a virilidade, a dignidade e o desejo sempre manifesto de reinar sobre os outros homens. Daí também o seu conceito particularissimo da honra — o *honor* espanhol que descansa sôbre a paixão puramente subjetiva e que é *"a patética do único"*.

Contrapondo-se a um pensamento popular que Madariaga recolheu, ao traçar a figura psicológica do espanhol, Keyserling discorda que se dê ao peninsular a qualificação de cruel. Para o filosofo, o homem espanhol afirma com a vida, a morte. Junto á vida, ama o sangue que é o seu simbolo mais imediato, o que justifica que sejam inderrocaveis as tradições das praças de touros. Nessas corridas espetaculares desafogam-se o valor varonil e o prazer do sangue, mas, jamais a crueldade. O espanhol não é cruel. Os mesquinhos é que são crueis. Chamar de crueldade esse amor pelo sangue demonstra covardia moral e física

pois quem realmente afirma a vida também há-de afirmar a morte. (95).

A alma espanhola é a sintese da suprema manifestação da atitude primitiva e persistente do espírito humano, atitude de energia heroica, de exaltação espiritual dirigida não ao bem-estar e ao lucro, sinão á realisação dos feitos mais fundamentais da existência humana. (96). O povo espanhol não teme, sinão que ama a morte. Tem o conceito mistico e não o sensual da vida. Para ele a morte não é um fim — é um princípio, o fato mais profundo e grandioso de sua vida que se estampa eloquente neste lema que ilustrou os brazões de Zorilla de San Martin: "importa viver la vida de tal suerte, que quede vida en la muerte". E seus martires, seus santos e seus guerreiros, todos teem um ideal em comum: a gloria, e, por trajetoria fatal, os caminhos da morte. (97).

Não será facil confundir os santos espanhois com os santos de outras raças. O santo espanhol não será jamais, no comum, humilde e manso como o italiano Francisco de Assis ou o francez Vicente de Paulo. E' enérgico, batalhador e dinamico. E' um santo heroico. São Domingos de Gusmão, no Século XIII, revive em Santo Ignácio de Loyola, em São Francisco Xavier e Santa Teresa de Jesus no Século XVI. (98).

---

(95) Conde Hermann Keyserling — "Europa" Trad. de J. P. Bances — Espasa-Calpe — S. A. 1929 — pág. 78 a 95.

(96) Havelock Ellis — "El alma de España" — Madrid — 1909.

(97) Frederico Fernandez de Castillejo — "Andalucia".

(98) R. Blanco Fombona — "Los conquistadores del Siglo XVI — Madrid.

Henry Thomas Buckle em sua História da Civilisação na Inglaterra alonga-se no exame da evolução histórica da Espanha e pretende definir, em linhas gerais, o tipo psicológico do espanhol. Entre as conclusões a que chegou e á teoria de Keyserling, há expressas controversias, em que o pensador alemão leva suas vantagens sôbre o inglês. Buckle esqueceu que o espanhol é o homem que vive na clave da paixão e que seu fanatismo religioso, inflamado pelo atrito das lutas contra os mouros, creou sentimentos na Espanha "que em parte alguma se viu igual" (99). Daí, naturalmente, não haver nação alguma da Europa, para Buckle, que tenha produzido tantos missionários fogosos que sacrificaram com prazer a vida para propagarem as verdades que criam necessário fazer conhecidas. "Em parte alguma teem as classes religiosas gosado de tão grande ascendência; em parte alguma é o povo tão devoto, as igrejas tão frequentadas e o clero tão numeroso". E o historiador, mais adeante, refere-se ás conquistas militares e maritimas da Espanha no Século XVI, "que lhe deram tanto brilho, que não encontram exemplo algum no mundo desde os dias do império romano".

E' que ao serviço da Cruz ou ao serviço das armas, o espanhol é sempre o homem apaixonado, afirmando com a vida a morte, sob o signo do sangue. No século XVI toda a inteligência do país que não se achava empregada no serviço da Igreja se dedicava á carreira das armas. Em verdade essas duas vocações achavam-se muitas vezes reunidas. Os eclesiasti-

---

(99) H. Thomas Buckle — "Historia da Civilisação na Inglaterra".

cos continuaram, na Espanha, a combater como soldados, ainda por muito tempo depois de ter sido esse costume revogado na Europa. (100).

Poder-se-ia encontrar uma outra prova no fato singular de não ter país algum, desde a época da Grécia antiga, produzido tantos escritores eminentes que fossem ao mesmo tempo soldados. Calderon, Cervantes e Lope de Vega arriscaram a vida combatendo por seu país. Grande número de autores celebres adotaram, igualmente, a profissão militar e cita-se, entre êles, Argote de Molina, Acuña, Bernal Diaz del Castilho, Boscan, Carillo, Cetina, Ercilla, Espinel, Hurtado de Mendonza, Marmol Carvajal, Perez de Gusman e outros. E' um povo abrasado de ardor patriótico e religioso, ora obediente ás sugestões da Igreja ou cavalheiresco na defesa de seu Rei.

Alguns dos escritores mais ilustres da Espanha foram padres e soldados ao mesmo tempo. Toda a sociedade se resumia no dualismo da cruz e da espada. Calderon deixou as armas pela Igreja. Cervantes, fez-se monge franciscano tres anos apenas antes de morrer. (101). Lope de Vega era padre e membro da Inquisição. Moreto, um dos maiores autores dramáticos da Espanha, tomou hábito monástico durante os doze últimos anos de sua vida. (102). Montalvan, cujas peças são ainda desconhecidas, era padre e mem-

---

(100) Prescott — Hist. of Ferdinad and Isabella — Tomo 1.º — pág. 162.

(101) Navarrete — "Vida de Cervantes", pág. CII, prefacio de D. Quixote — 1839.

(102) Ticnor — "Hist. of Spanish Literature" — Tomo II — págs. 125-126.

bro da Inquisição. Tarrega, Mira de Méscua e Tirso de Molina, eram todos pertencentes ao Clero. Solis, o célebre historiador do México, era também clérigo e Bouterwek assegura que êle recebeu todas as ordens sagradas. Sandoval, a quem Felipe III nomeou seu historiografo e que foi também figura ilustre na Corte de Carlos V, foi, primeiro, beneditino e, mais tarde, bispo de Tuy e de Pampeluna. Davila, era padre. Miñana, era superior de um convento de Valença. Martim Carrilo, jurisconsulto e historiador, fez-se Cônego de Saragoça. Gracian, o mestre de Schopenhauer — era jesuita. Na poesia, manifestou-se a mesma tendencia. Paravicino foi, durante dezesseis anos, o pregador favorito das Cortes de Felipe III e Felipe IV. Zamora e Arcipreste de Hita, eram padres. Gongora, também. Todo o fanatismo espanhol tem suas origens nas lutas encarniçadas contra os Mouros. Calderon foi acusado de fanático e cruel. Calderon fez da Igreja, no entanto, o grande motivo de sua paixão creadora.

O velho e bravo Leão da Espanha não será um amigo da tragédia?

Não viu e desafiou as naves da Fenicia, os cavalos númidas de Cartago, e as aguias de Roma? Não moveu garras e dentes contra os invasores de todos os tempos e todas as raças? Contra os visigodos da Suécia, os vandalos do Báltico, os Suevos do centro da Germânia, os claros arabes da Ásia e os tostados berberes da Africa?

Povo de afirmações e negações categóricas, é sempre convicto de que suas crenças são as únicas verdadeiras. Sua luta de séculos contra o árabe invasor

não foi apenas uma luta política pela reconquista do território, sinão uma luta de raça contra raça e religião contra religião.

Individualista e orgulhoso, cada espanhol presume-se o centro do Universo. Os espanhois do século XVI admitiam a sua superioridade pelo fato de haverem nascido na Espanha. Nem a própria magestade do Rei dobrava-lhes a altivez e a arrogância. O Conde de Benavente ateou fogo ao seu luxuoso palácio de Toledo, porque o Imperador quiz obriga-lo a ceder sua mansão á residência do Condestavel. (103).

Juan Bravo, encarando o verdugo e pensando em Padilha, seu companheiro de lutas e martirio pela libertação de Castilha, exclama, no patibulo: "— Degueelleme a mi primero, para que el no vea la muerte del mejor caballero de Castilla."

* * *

Por outro lado vamos encontrar no povo português a mesma paixão e a mesma bravura, o mesmo quixotismo e a mesma renuncia que tanto caracterisaram o tipo espanhol. As linhas geograficas que hoje dividem os territorios de Espanha e Portugal — o BORTUKAL dos arabes — não servem para estabelecer uma separação absoluta no sentido etnico e psicologico entre os dois povos, emersos das mesmas fontes raciais. Cortando-lhes o cerne da alma achar-se-ia talvez a mesma fibra hereditaria do sangue originario da raça. (104). Portugal fora, apenas, um princi-

---

(103) Fernado de Castillejo — Obra citada.
(104) Oliveira Martins — "A Vida de Nun'Alvares".

pado de Castela até o dia em que, nos campos de Aljubarrota, afirmou-se como nação conciente de sua vontade coletiva, recebendo seu atestado de batismo na espada de Nuno Alvares. Nessas lutas de 1385, entre os Reinos de Castela e o Principado de Portugal, quando a Lusitania alicerçou com sangue a monarquia de Aviz, bispos e sacerdotes, escritores e juristas como João das Regras impunhavam suas armas confundidos aos besteiros, e juntos, expunham seus peitos aos azares das lutas de corpo-a-corpo. Eram os herdeiros dos Templarios e dos Espartarios da conquista de Alcacer no tempo de Afonso II.

Nun'Alvares, o Condestavel, com a famosa espada que o Alfageme lhe corregera em Santarem — com a qual venceu a Espanha em Aljubarrota —, o Iluminado que tivera a visão profetica da Tavola Redonda do Rei Arthur e se presumira um eleito, como a figura lendaria de Gaalaz — vestiu, depois das glorias imortais de suas batalhas, a samarra de grisé, o habito de donato e a murça da pobresa, partilhando entre seus guerreiros a imensa fortuna que abrangia quasi a metade do novo Reino e que D. João I lhe outorgara como premio ás homericas conquistas. É que renasciam nele as paixões dominantes nos cerebros dos santões e derviches africanos (105). No fanatismo e na paixão, na bravura como na renuncia, espanhois, portugueses e moçarabes escreviam, na Peninsula, as mesmas epopeias... "Nos tempos modernos, ninguem soube a Vida melhor do que nós, os povos da Espanha: isto é, ninguem afirmou tão superiormente a energia

---

(105) Oliveira Martins — ob. citada.

da vontade humana. Ninguem tampouco melhor soube morrer do que o povo que incarnou em si, paradoxalmente, a teoria da Morte no seio do Eterno: esse pensamento agudo como a lamina de uma espada que, dobrando-se e transpassando o mundo na sua redondeza, veio cravar-se-nos no coração para no-lo desangrar" (106).

No fundo eram o mesmo tipo humano — o arabe do deserto, insuperavel nas razias, no manejo dos alfanges, fanatico e idealista, dentro de um mesmo territorio que é, sem duvida "um retalho da Africa fendido pelo mar do Calpe"...

* * *

Para atravessar os vastos campos movediços no lombo dos camelos, forma o beduino a sua caravana. Solidariedade para enfrentar a solidão e as distâncias e solidariedade para a defesa comum. A fila de dromedários risca a face queimada da terra, traçando um caminho tão instavel como o próprio homem e apagavel ao primeiro sopro do vento. Decora os horisontes de turbantes e albornozes brancos. O gaucho, mais feliz no seu *habitat*, forma a sua caravana de carretas. De aguilhada em punho, segue pelas estradas do pampa, estradas que serpenteiam terras cobertas de verdura — em noites e dias de pacienciosas jornadas. É, como o beduino, um homem melancólico, nostalgico, ladeado sobre os pelegos do *lombilho* ou *serigote*, no lombo de um cavalo que acompanha, sonolento, a marcha tarda dos bois. Á noite pousa em acampamentos, como o arabe, sob a colcha das estrelas. E, como o arabe,

---

(106) Oliveira Martins — ob. citada.

canta suas cantigas nostalgicas ao som dos mesmos instrumentos comuns — a *cordeona*, a *viola* e a *guitarra* (107). A guitarra humanisou-se e foi o coração do homem nativo. O rancho primeiro, depois a "*pulperia*" e logo o acampamento militar, ouviram seus acordes, languidos e monotonos. Em cada "pulperia" há sempre uma guitarra e o que a faz vibrar bebe à custa dos ouvintes extasiados. Cantam *jarabis* ou *tristes* que são cantares inventados no Perú — os mais monotonos e sempre tristes, em torno das ingratidões de amor e dos que choram suas desgraças pelo deserto. A guitarra seguiu a sorte de seu dono, como a sombra segue o corpo, quer fosse no cavalo, na carreta ou nos galpões. (108). Enfeitada de fitas, com a mecha de cabelos da mulher amada, a guitarra foi sempre um fetiche de admiração e encanto. Chegou aos toldos de indios amigos e estes a tomaram, seduzidos, de principio, pelo ouro e prata de suas cordas e depois pela beleza dos sons, substituindo a fita que viera com os espanhois pela "vincha" das indias pardas. Tornaram-se músicos, com aquela facilidade que neles descobriram os jesuitas, quando as Missões improvisaram as suas grandes orquestras de orgãos, trompas, clavicordios, citaras e bandurras. (109).

Inácio Paica — indio guarani — revelou-se, além de notável interprete, um artífice capaz de trabalhar.

---

(107) "Kuitra" e "Urgun" (guitarra e orgão) como nomes de instrumentos e outros termos tecnicos de origem grega aparecem agora em lingua arabe. O orgão foi evidentemente uma importação bizantina". — Philip K. Hittis — "History of the Arabs".

(108) Domingos Sarmiento — "Facundo" — pág. 36.

(109) "Os instrumentos que tocavam eram de toda a espécie: orgãos, trompas, trombones, cornetas, cravos, rabecas e para algumas danças

de buril e construir para os padres da Companhia até "esferas astronômicas"... (110).

A "*cavalhada*" foi aqui instituida pelos jesuitas e tornou-se uma das nossas mais famosas tradições. Era celebrada no simbolismo das lutas havidas entre mouros e cristãos na Espanha, guardando-se até o rigorismo da indumentária e das armas. Padre Peramás revela os detalhes dessas festas pitorescas, que mais tarde todo o Rio Grande conheceu (111). Padre Cardiel lembra ainda diversas danças dramáticas e simbólicas, de caracter popular, onde os bailarinos se apresentavam com trajes típicos de diversas nações. E diz: "a primeira dança costuma ser de um só, que se apresenta vestido de espanhol. E' dança grave e séria e compreende dezesseis ou vinte evoluções ao som da cítara. Surgem, em seguida, oito ou dez arabes armados de *alfanges*, desembainhados, marchando ao compasso de clarins. Depois, alegorias divinas, em

---

a guitarra, citara, harpa, bandolim e bandurra. Estes instrumentos não só aprendiam a toca-los sinão que também os sabiam fabricar". — Jarque — "Insignes Missioneros" III — cap. 16.

"Mais geralmente sensiveis que os homens de nossa raça ás modulações musicais, indicam o compasso, quando marcham, por uma cadência mais notável. Em armas semelham-se singularmente aos cossacos regulares, e o Conde de Figueira, admirado dessa semelhança, melhorou-a dando-lhes uniformes azues com golas vermelhas, mais ou menos do feitio dos que usam os cossacos. Os guaranís possuem, entretanto, traços menos grosseiros e membros menos carnudos que os soldados do Don". Saint-Hilaire — "Viagem ao Rio Grande do Sul" — Ariel Edt. 1935, pág. 183.

(110) Padre Antonio Sepp — "Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostolicos" Ed. da Liv. Martins — São Paulo — pág. 234.

(111) Pe. Peramás — "La Republica de Platón y los Guaraníes" — Emecé — B. Ayres.

que São Miguel, com seus anjos, triunfa sobre Lucifer."

Os *tristes* — canções populares do pampa — são cantos frigios, ainda das eras primitivas desse país da Ásia Antiga. E' *plangente e natural no homem em estado primitivo*, diz Rousseau. Os *tristes* foram cantados em acampamentos campeiros e em acampamentos militares e invadiram os salões da aristocracia rural incipiente, do Prata.

Por êles multiplicaram-se os *pyadores* — cantores errantes, anônimos, de guitarra em punho, de galpão em galpão, de acampamento em acampamento, de fandango em fandango, como cigarras nativas, sem residência e sem lar, dormindo onde a noite os surpreendesse. Foi tratando destes *pyadores* e das guitarras, que Sarmiento fez estas considerações: não é fora de propósito recordar aqui as semelhanças notaveis que apresentam os argentinos com os arabes. Em Argel, em Oran, em Mascara e nos aduares do deserto, sempre vi os arabes reunidos em cafés, apinhados em derredor dos cantores, recitando canções nacionais, chorosas como os nossos *tristes*. Muitos dos nossos costumes revelam o contato dos nossos pais com os mouros de Andaluzia. Da fisionomia — nem se fale! alguns arabes vi que jurara te-los conhecido na Argentina. (112).

Mas não é somente o testemunho de Sarmiento que completa a nossa observação. Emilio P. Corbière — tão rude e tão severo na analise do tipo humano do pampa — também diz que o gosto americano pelo *pyador* é de origem arabe, que foi o primeiro san-

(112) Sarmiento — "Facundo" — Nota da edição de 1850.

gue dos andaluzes e que nos veio importado com os conquistadores da América, que muito copiaram daqueles, nos costumes como nos próprios objetos de uso comum. (113). Porisso já se disse que todo o beduino é um poeta.

Nenhum "xeque" ou régulo muçulmanico, principalmente da tribo de Kilab, deixava de se fazer acompanhar por um trovador. E é famosa na história sarracena a vida de Ziryabe, músico e poeta de Bagdad, árbitro de elegancia e inventor da quinta corda do alaud, grande da Côrte de Abderramão II e que influiu mais do que os próprios Emires nos destinos da Espanha pagã. (114).

Ibne-Haçama foi, até ha pouco, uma figura quasi desconhecida dos estudiosos da historia e cultura muçulmanas na Espanha. Deve-se á erudição de Asin Palacios a exacta interpretação do papel que representou, nos fins do Califado de Cordoba, o poeta, historiador, jurista e filosofo que escreveu a famosa "Historia Critica das Religiões". Depois de ser o Primeiro Ministro na Corte de Abderramão V, com a queda do monarca, retirou-se para a sua terra natal, proxima de Sagres, segundo o testemunho de Èdrici.

Era dono de uma imensa cultura e dominou tanto a enciclopedia muçulmana como a grega, hebraica e cristã. Sentiu na propria carne e no proprio espirito as irremediaveis desgraças de sua Patria, desmembrada pela guerra civil e aniquilada pelos tiranos. Foi no

---

(113) Emilio P. Corbière — "El Gaucho" — Ed. Buenos Ayres — pág. 206.

(114) Biografia escrita por Maccari — Tomo II, pág. 83 e seguintes.

Algarve que ele escreveu o "Colar da Pomba" e varios tratados de teologia dogmatica, mistica e ascetica em que defendeu, muito antes de São Tomaz de Aquino, a concepção de que se tem de estabelecer uma harmonia entre os dominios autonomos da fé e da razão, entre a religião e a filosofia. Embora este ponto de vista não fosse mais tarde seguido pelos arabes, representou, no entanto, uma bela intuição do grande espirito arabico-andaluz.

Garcia Domingues não dá somente a Asin Palacios a gloria dessa revelação como ainda a de notaveis descobertas que revolucionaram o mundo das investigações historicas na Espanha e a cujos subsidios se reporta Claudio Sánches-Albornoz em sua recente e magnifica historia da Espanha Muçulmana.

Asin, analisando a Divina Comedia, descobriu que a viagem do florentino atravez do Inferno, do Purgatorio e do Paraiso foi ideada na leitura dos romances, dos contos e das lendas da Espanha Arabe, em que se descreve a imaginaria viagem de Mafoma ao Paraiso de Allah.

Ibne Cafaxa deixou, tambem, um livro de "Poemas em louvor á Hispania". (115). Waldo Frank, que percorreu o deserto e as cidades da Arabia, conta que encontrou num luxuoso solar oriental um jovem arabe vestido de um branco albornoz de lã. Falaram sobre o Alcorão e sobre a terra. Encantado de suas palavras, Frank lhe perguntou:

— "V. é poeta? Qual a forma e o espírito de seu verso?"

---

(115) Eduardo Dias — "Vida dos arabes" — Vol. III — 238.

— "Temos dezesseis formas e um só Espírito" — respondeu o beduino — E acrescentou:

— "A poesia é mais rica do que as arvores do Islam: apaga a nossa sêde como um manancial e nos refrigera como uma floresta."

— "E qual o seu maior Poeta?" perguntou Frank.

— "O profeta" — respondeu o arabe.

Como no Rio Grande do Sul, não falta a um acampamento do deserto um cantor, uma cordeona ou uma guitarra (116). E os temas — quando fogem às "kacidahs" beduinas e aos motivos do Alcorão — são os mesmos temas do cancioneiro riograndense: o cavalo, a mulher e a lua.

O arabe canta quando sofre ou quando ri. Andaluzia conheceu milhares de trovadores que vieram do deserto, para celebrar em canticos a gloria da Allambra e a beleza do Generalife.

Continuaram e sistematisaram os *romances* que até o seculo VII sofriam, na Espanha, a influencia das écoglas dos gregos e latinos. E foram os cantores do deserto os primeiros agentes da cultura islamica que, com seus torneios, iniciaram a reunião das tribus que "Mahómet, poeta do mesmo genero, mais tarde confederou".

Oliveira Martins, na sua biografia de Nun'Alvares — ao descrever o encontro de D. João I com o Duque de Lencastre, nas varzeas dilatadas do Minho

---

(116) Kaita — originaria de Maghreb, na Arabia e usada tanto na Espanha como em Portugal. M. L. Queiroz do Santos — "Origem e Evolução da Música em Portugal, etc.".

— diz que no jantar oferecido pelo duque ao Rei de Portugal — festim deslumbrante de baixelas e tapeçarias — erguiam-se tablados, um com as trombetas e atabales, outro com os menestreis e cantores, que se alternavam durante o festim, atroando-o com o estampido agudo dos metais e o rufo surdo das caixas, ou embalando-o com os coros dos cantores e as *toadas rimadas, á moda arabe, das cantigas dos trovadores.* Explica-se a preferencia do gaucho por este tipo de poesia, pelo sangue arabe-espanhol que nele predominou. (117).

O gaucho do pampa, afirma Menendez y Pelayo, não é sinão o camponio andaluz, adaptado a distinto meio geografico e social e modificado pela vida nomade do deserto e pelo continuo exercicio do cavalo e do laço. Foi sempre guitarrista e cantador e tem, entre seus antigos poetas, os poetas populares que se dizem *pyadores.*

Jamais souberam o nome das notas musicais nem ouviram outra musica que o gemido monotono do vento por entre o "pajonal", ritmado pelo galope de seu "pingo". Nunca folhearam um livro sinão o da natureza rude e solitaria que os envolve. Assim devia ter sido, no tempo de Homero, a vida dos rapsodos que com ele cantavam as façanhas dos herois mitologicos. Assim cantaram os bardos gaulezes, os trovadores da Idade Media a vagar, de castelo em castelo, com seus romances impregnados do espirito guerreiro das Cruzadas. (118).

---

(117) Leopoldo Lugones — "El Pyador".

(118) Godofredo Daireaux — "Tipos y Paisages Criollos — Pyadores" — pág. 115.

A Argentina celebrou seus cantores nativos em Hilario Ascasubi, José Hernandes e Estanislau del Campo. O Uruguai conheceu Bartolomé Hidalgo, "El Viejo Pancho", Elias Regules e Santos Garrido. O Rio Grande, para confirmar sua identidade de espirito com o pampa e a gente platinos, tambem teve seus poemas campeiros que, como os poemas do Prata, foram, de preferencia, satiras politicas.

Nosso "Antonio Chimango", de Ramiro Barcelos (Amaro Juvenal) e nossa "Estancia Abandonada", de Zeca Blau, dão mostras dessa identificação. Assuntos do campo, habitos e costumes do campo, servindo á satira politica. O motivo, que é sempre transitorio, como os homens — desaparece, no tempo, e o que fica, indelevel, depois, é a beleza com que fixaram os poetas as particularidades que dão um caracter e uma fisionomia a cada povo.

Este é o caso de "Antonio Chimango" — o "Santos Vega" riograndense.

Para estabelecermos um paralelo quanto á similitude do proposito e a natureza dessa poesia popular, seja ela argentina, uruguaia ou riograndense, examinemos alguns grandes poemetos populares no pampa.

Comecemos por um retrospecto histórico.

Para se estudar a poesia campeira, desta parte meridional da America, é necessário recompor a genealogia lirica do Prata: Bartolomé Hidalgo, creando a escola e a escola tomando, depois, dois caminhos autonomos: o da poesia dramatica e satirica, ao mesmo tempo, e o da poesia descritiva ou pinturesca, com laivos filosoficos. No primeiro vamos encontrar Hilario Ascasubi e Estanislau del Campo. No segundo,

José Hernandes. A poesia campeira do Rio Grande não podia fugir á mesma fatalidade. E Amaro Juvenal — sua mais alta expressão — nasceu dessas coordenadas liricas. Procede da escola de Hidalgo, pelos caminhos inaugurados por Hilario Ascasubi.

E' Hidalgo, na ordem cronologica, o primeiro poeta campeiro dos paises platinos.

Menendez y Pelayo já escreveu que foram seus "Dialogos" o germe da poesia gauchesca. Não teve seu berço nos *llanos*. Nasceu em Montevideo. Não fez propriamente a vida dos campos, como mais tarde Ricardo Güiraldes, o romancista argentino de DOM SEGUNDO SOMBRA. Não era, no rigorismo do termo, um *gauchio,* como também não o foram seus continuadores — Hilario Ascasubi e José Hernandes, o primeiro, autor de "Santos Vega o los Mellizos de la Flor" e o segundo, autor de "Martin Fierro".

A experiencia da vida de campo, com os segredos de seus habitos e costumes e a riqueza creoula do vocabulário estranho ao genio da língua, eles, os poetas, recolheram do convivio da vida guerreira, com os gauchos, nas fazendas, nos acampamentos e nos fortins de fronteira. Mas, si não teve Hidalgo seu berço nos *llanos,* si não respirou, ao abrir os pulmões para a vida, a atmosfera pura em que respirava também o homem primitivo dos campos — já na transição acidentada do indio para o gaúcho e da taba para o galpão — não se lhe ha-de negar como não se negou a Hilario Ascasubi e a José Hernandes que o gaucho estava dentro de sua alma, em toda a pureza de sua forma, na bizarria de seus habitos, na originalidade de seus costumes e na trama complicada de sua psico-

logia de mestiço. Sua poesia foi, por isso tudo, eminentemente popular. Popular, porque espelhou, em toda sua rudez, a incoação das lutas rebeldes da independência. A novel consciencia americana despertava na sua própria linguagem, para expressar melhor seus anseios de liberdade politica. E toda vez que os poetas tiveram, depois, necessidade de penetrar a alma do povo — para exaltar-lhe o entusiasmo — a linguagem foi sempre essa, direta e agreste, mas exata e inconfundivel.

Si Hilario Ascasubi divergiu de Hidalgo no processo e na técnica do verso, como mais tarde José Hernandes do próprio Ascasubi, não se poderá jamais tratar de um desses poetas sem entrelaça-los e confundi-los, porque os tres cantores maiores do pampa uruguaio e argentino tiveram a sua inflamada expressão lirica nas *coplas* do *cielito*. Foi pelo *cielito* que Hidalgo reagiu, contrapondo-se á lirica formal e academica, pejada da eloquencia oratória da época, com o desembaraçado brio nativo que era, na frase de Jimenez Pastor, a "tendencia igualitarista do plebeu", inflada pelos alentos do fogão creoulo e pela rubrica espalhante do facão libertario...

"Cielito, cielo que si,
echen la barba en remojo,
porque, segun olfateo,
no han de pitar del muy flojo.
Aqui no hay cetro y coronas.
Ni tampouco inquisicion;
Hay puros mozos amargos
Contra toda expedicion."

Estes versos eram escritos em 1819 e dedicados á expedição espanhola daquela data. Depois Hidalgo celebraria toda a luta nacional contra os invasores aventureiros, com uma das suas páginas máximas, que foi sobre a batalha de "Maipú", onde surpreendeu o "entrevero", os choques de corpo-a-corpo, dizendo que "hubo tajos que eran risa";

a uno el lomo le pusieron
como pliegues de camisa."

Em Hidalgo, nos seus "Dialogos", está a origem de toda a poesia creoula do pampa. Ascasubi daria a Santos Vega o dramatismo pitoresco da vida da "Fazenda de la Flor" e José Hernandes conservaria melhor a forma primitiva, preferindo o "dialogo" nos moldes classicos.

"Martin Fierro" guardou muita semelhança com esses "dialogos" de Hidalgo, tanta semelhança que estes versos, escritos pelo mais antigo poeta creoulo do Uruguai, em 1822, poderiam estar nas páginas do "Martin Fierro":

"Si amigo, estaba de balde,
Y le dejé a Salvador:
Andá trae-me el Azulejo,
Apretamelé el cinchon
Porque voi a platicar
Con el paisano Ramon."

Mas Hilario Ascasubi, nascido em 1807, em campo aberto, quando seus pais faziam acidentado itine-

rario por Cordoba, recolheria também da guitarra gauchesca de Hidalgo uma grande e poderosa influencia, derivando para o drama, para a novela, com abundancia de lances episodicos. Seu nascimento no pampa foi um acidente. E apenas com 14 anos fazia parte da tripulação maritima de um barco mercante americano, que o levou aos Estados Unidos. Em 1860 seria enviado diplomatico do Presidente Mitre a Paris. Entre essas duas viagens, tão desiguais nos seus objetivos, Ascasubi foi jornalista, no Salto, e militar, na guerra contra o Brasil.

De suas lides politicas contra Rosas, resultaria sua prisão e seu recolhimento a bordo do Pontão "El Cacique".

Ascasubi estava no *index* do *"Tigre de Palermo"*, pois se inscrevera naquele partido a cujos adeptos Rosas batisara de *"salvajes unitarios"*.

Por vinte e três meses o poeta sofreu a supressão da liberdade num imundo calabouço e só depois do empenho de certas vozes patrioticas em Buenos Aires, é que lhe foi dada a prisão de "El Cacique". A bordo deste "pontão", Ascasubi começou a escrever os seus primeiros versos, que se multiplicariam depois de sua fuga para Montevideo, quando pesou sobre sua cabeça a sentença de morte do Tirano. No exilio, associou-se ao destino de personalidades eminentes como a de Alsona, de Mitre e Marmol — o poeta da liberdade, em cujos circulos Ascasubi pôde revelar a sua cultura e a agudeza de seu espirito. Mas apesar de sua erudição e de suas multiplas disciplinas humanisticas, Ascasubi permaneceu fiel ao genero a que se lançára, na poesia, isto é, aos *cielitos*, ás *medias-canhas* e ás

coplas, em que predominava o tom amargo do sarcasmo dirigido á plebe mazorqueira. Foi Ascasubi, depois de Hidalgo, o poeta de mais larga percussão na alma de seu povo. Estanislau del Campo, com seu poema FAUSTO, foi um seguidor de Hilario. E José Hernandes, si abandonou o drama, propriamente, que foi creação de Ascasubi, não fugiu á influência direta do poeta de *Santos Vega*, no diálogo. E teremos que justificar este valimento. Ascasubi era um contemporaneo e sua poesia moderna. Ascasubi nascera em Cordoba, a 14 de janeiro de 1807. E José Hernandes a 27 de julho de 1834, nos suburbios de Buenos Aires, no Casario de Perdriel.

Quando em 1853, com 19 anos, José Hernandes se incorporou ás forças do Coronel Pedro Rosas e de Belgrano, para defender o governo contra a sublevação de Hilario Lagos, Ascasubi já contava 46 anos de idade e já havia publicado, nas páginas de "La Regeneracion", o seu poema "Paulino Lucero", dedicado ao General Urquiza, de quem foi ajudante de ordens. Já em 1851, D. Vicente Fidel Lopes criticava os poemas de "Los Mellizos de la Flor", destacando as virtudes do poeta e dando-lhe um lugar de relevo na literatura ainda inconsistente da America.

Nessa época, de formação heroica, em que os poetas também eram guerreiros e lutavam pelas liberdades de suas patrias, é logico que o jovem José Hernandes — leitor apaixonado de Hidalgo — sofresse, de certa forma, a sedução da poesia de Ascasubi, em quem encontraria, sem dúvida, novos recursos liricos e novos processos técnicos.

. Ascasubi conquistára uma projeção invejável na alma da juventude de seu tempo e na alma de todos os povos hispano-americanos. O poeta nascera á sombra dos calabouços de Rosas, como também nascera a poesia de Marmol. E si Marmol foi o poeta da liberdade dentro das escolas classicas da época,

(Ah! Rosas! No se puede reverenciar a Mayo
sin arrojar-te eterna, terrible maldicion...")

Ascasubi foi a voz rustica dos campos, a traduzir, no fraseado barbaro da terra, o anátema, a condenação e os próprios vagidos da revolta.

Hernandes, sobrinho-neto de Pueyrredon, o procer nacional, era, como Ascasubi, também *unitário*. Apenas com seis anos de idade ficara na companhia de seu avô espanhol, Hernandes, ligado a Rosas e aos federais, enquanto seus pais e seus tios se refugiavam nas fronteiras do Brasil, acossados pela *Mazorca*. O mesmo caminho que anos mais tarde ele também trilharia, levado, como o pai e como os tios, ao exilio, pelas lutas politicas.

Sob a influência do estro de Hidalgo e da poesia nova de Ascabusi, José Hernandes, tomou para a sua lirica, os mesmos motivos do campo. E seu primeiro trabalho literário foi a biografia de um caudilho argentino: "El Chacho", em cujo livro Hernandes dirigiu as mais severas criticas a Sarmiento, então governador de San Juan. Em 1872 publicou a primeira parte de *Martin Fierro*, escrita no seu exilio de Sant'Ana do Livramento, e em 1879 a segunda parte do poema.

Quando *Martin Fierro* aparece, já se assinala o ocaso de Ascasubi, cujo poema *Santos Vega* fizera época em toda a América de lingua castelhana.

Nos poemas de Ascasubi o gaucho é o da tirania de Rosas. Em suas dramatizações, há sempre a luta domestica, as paixões das tribus politicas, toda a desinteligencia sangrenta entre *federais* e *unitários*. Toma partido, exalta o valor de seus correligionarios e extravasa seu odio contra o tirano. E o ponto alto de seu drama é Urquiza, como figura de idealista, como simbolo de perfeição moral, como tipo de politico e patriota.

Em *Santos Vega*, um *gaucho pyador*, narra as vicissitudes de seu rincão, em luta contra o despotismo e traduz todos os hábitos e costumes rurais do século XIX.

Entre este genero de poesia novelesca e satirica de Ascasubi e aquele que José Hernandes creou em *Martin Fierro*, com o drama do gaucho egresso das tropas-de-linha, fugindo do suplicio dos *fortins* de fronteira, intercala-se Estanisláo del Campo, com a invenção original de Fausto, contada também por um gaucho *pyador*, depois de haver visto o drama de Goethe no teatro Colon.

José Hernandes surpreende o gaucho *matreiro*, afeito á liberdade absouta dos campos, o filho dos *llanos*, perseguido pelos chefes militares e pela justiça, insubmisso ao serviço das tropas de fronteira. Não se distanciou, neste particular, do próprio Ascasubi que toma para heroi de seu canto um *malevo*, que deu muito que fazer á justiça e á policia.

Ascasubi deu ao seu heroi o cenario de uma estancia e apanhou os costumes até dos indios — o primeiro inimigo "y constante zozobra del gaucho". *Santos Vega* é uma novela rimada, com toda aquela morosa loquacidade do nativo, que a torna um pouco enfadonha e às vezes repisada das próprias imagens. Nada há que corrigir-lhe, porém, na vida e costumes do pampa e no retrato do gaucho do século XIX.

Martin Fierro traçou no pampa a sua larga perspectiva e seus versos recolheram essa sabedoria que rola generosamente pelos fogões, na voz dos velhos *tapejáras* e *vaqueanos*.

Restabelecidos os laços de parentesco entre os poetas creoulos do pampa, veremos que todos encontram seus precedentes em Bartolomé Hidalgo, com seus "Dialogos". E concluiremos que Ascasubi empresta ao genero lirico a novidade de sua técnica, com o seu *malevo* e o pitoresco de sua forma descritiva, como José Hernandes, a sabedoria, a filosofia e a experiencia campeira de seu heroi.

Retraçados esses caminhos, podemos cortar um atalho para o encontro do nosso maior poeta campeiro que foi Amaro Juvenal, com seu *Antonio Chimango*. E seremos forçados a filia-lo, desde logo, à corrente lirica de Ascasubi muito mais que à corrente lirica de José Hernandes. Primeiro, porque *Antonio Chimango* é uma satira politica. Segundo, por que se desenvolve numa estancia. Terceiro, porque é também narrado por um gaucho igualmente e ao som de uma cordeona. As semelhanças que lhe apontaram, por tudo isto, ao poema *Martin Fierro*, não são de *Martin Fierro* propriamente, porque isso Hernandes

recolheu no próprio Ascasubi. Como em *Antonio Chimango*, encontramos em *Santos Vega* uma satira politica, dramatisada. A história é contada por um gaucho experiente. E o dono da estancia, a figura de um idealista e patriota. E o que o poeta procura causticar, em *Santos Vega*, é uma época de injustiças e crimes politicos, praticados por um homem que abusa do poder, como tirano. A este homem dá o apodo politico de *Chimango*. Bastariam estes detalhes, que não encontramos em *Martin Fierro*, para logo nos surgir, manifesta, a filiação de *Antonio Chimango*. E, do exame demorado e em conjunto dos três poemas, mais persuasiva a tese se torna.

Santos Vega acomoda seu heroi para o inicio da narrativa, dizendo:

Desensilló el forastero
y del *palenque* al *bragao*
Rufo lo echó *acollarao*
Al campo con un *obero;*
de ahi le acomodó el *apero*
del cantar en su rincon;
y luego para el fogon
a la caldera acudieron
y ansi que hirvió, se pusieron
a tomar un cimarron."

Da mesma forma Amaro Juvenal, em seu *Antonio Chimango*, prepara o ambiente para o seu trovador:

"Antes que ficasse escuro
As camas foi-se arranjando
C'os arreios e tratando
De ver lenha p'ra o fogão

Que um bom fogo é o galardão
De um pobre que anda tropeando.
. . . . . .
Comeu-se carne a la farta,
Depois veio o chimarrão
Correndo de mão em mão;
Té que a agua se acabasse
E a tropa se acomodasse,
Se foi fazendo serão."

Na longa narrativa de *Vega*, faz-se o comentário do nascimento do filho que "el cielo apiadado" concedeu a dona Estrela:

"Corrio luego la noticia
Con la prontitú del rayo,
Y a ver el recien nascido
Se descolgó el vecindario,
Trayendole parabienes
Al señor don Bejarano,
Que a todos los *recebia*
Agradecido y ufano."

Amaro Juvenal aproveita do mesmo motivo, para descrever o nascimento de seu heroi:

"Nos cerros de Caçapava
Foi que viu a luz do dia,
À hora d'Ave Maria,
De uma tarde meio suja;
Logo cantou a coruja
Em honra de quem nascia."

"Tão esmirrado e chochinho
Que ao finado seu padrinho

Disse espantada a comadre:
"Virgem do céu! Santo Padre!
Isto é gente ou passarinho?"

Escolhido o cenário para o seu drama campeiro, Ascasubi lhe faz a descrição:

"Tal era la estancia grande
Que don Faustino pobló,
Conocida alla en su tiempo
por La Estancia de la Flor..."

Com o mesmo entusiasmo de Ascabusi, Amaro Juvenal nos dá o painel de sua Estancia de São Pedro:

"Estancia linda era aquela,
Onde a vista se estendia
Por mais de uma sesmaria
De campo todo gramado;
Era de fama o seu gado,
— Quer de córte, quer de cria."

Ascasubi exalta o tipo humano do fazendeiro de "La Flor", Don Faustino, que se aproxima ao panegirico que traça sobre o Coronel Prates o poeta de *Antonio Chimango:*

"Pues don Faustino tenia
La excelente condicion,
Que al conocerle a cualquiera
una buena inclinacion,
y un rigular proceder,
le franquiaba el corazon
sin más interés ninguno —
que el gusto de hacer favor..."

"O Coronel Prates, cuepucha!
Tinha um dom particular.
.....
Era um homem de respeito,
Trabalhador, camperaço;
Tinha firmeza no braço,
Na vista a mesma firmeza;
Pois era aquela certeza
Quando sacudia o laço!"

O *pyador* de Ascasubi vai cantando, noite por noite, a sua história da mesma forma que o *pyador* de Amaro Juvenal narra o drama da Estancia de São Pedro, de ronda em ronda de sua tropeada:

"Luego sin mas esperar,
El pyador mui contento,
Recorriendo el pensamiento,
Dijo: Voy a continuar
Se desean escuchar
Que prossega mi argumento."
.....
"Inda tenho que dizer
O canto não se acabou
Que vá dormir quem cançou;
Eu cantando é que descanço.
E o mulato assim de manso
A história recomeçou."

"Ansi, desde *charabon*
El mellizo mas *flauchin*
Descubrió un alma tan ruin,
Y perversa de tal modo,
Que con buena crianza y todo
Salió un saltiador al fin."
.....

"Era o mimoso da estancia,
Todos reparavam nisso;
Parecia até feitiço
Aquela predileção!
Tão grande era a proteção
Que recebia o magriço."
"De vagar se foi metendo,
Todo cheio de mezura,
Como piolho em costura
Em tudo que era de casa;
E assim foi criando aza
Com marcha certa e segura."

Ascasubi põe na boca de seu *pyador* a lembrança de:

"um cantor como *Lechuza*
que nasció e murió *pyando*
.....
sin que a ningun pyador
de todos los afamados
le reculára *Lechuza*
la pisada de um *chimango*.

Surge aqui, no poema de Hilario, a primeira referencia a Rosas com o apodo politico de *chimango*. Chimango, que Amaro Juvenal acresceria ao nome de seu heroi, na própria capa do livro...

"Para les contar a vida
Saco da mala o bandonio,
A vida de um tal Antonio
Chimango — por sobrenome,
Magro como lobishome
Mesquinho como o demonio."

No grande repositório creoulo de *Santos Vega*, José Hernandes encontrou muitos dos elementos que também constituiram o seu poema imortal:

"Para ponerlo en camino
de *prender* por malhechores,
primeiro que al tuerto lores
conocido por *Viscacha*...

Não seria neste verso que José Hernandes recolheu o nome de seu heroi, como Amaro Juvenal o apodo politico de sua satira?...

"Me llevó consigo un viejo
que pronto mostró la hilacha
dejaba ver por la facha
que era medio cimarron;
muy renegáo, mui ladron
y le llamaban *Vischacha*.

Não se pode fugir ao paralelo intimo de todos estes poemas creoulos que guardam uma similitude enorme. Mas o que transparece claro é que foi Hidalgo o creador do genero, com seus "Dialogos" e que Ascabusi lhe deu a forma dramatica, como Hernandes a descritiva e filosofica. E na familia lirica do pampa, podemos, então, situar Amaro Juvenal, com seu *Antonio Chimango*, muito mais aproximado de Hilario Ascabusi do que de José Hernandes, na semelhança do tema, dos motivos, dos personagens e da técnica.

Derivam da lirica popular espanhola muitos motivos que se tornaram triviais no cancioneiro do pampa. Por exemplo:

"Cada vez que considero
que de ti vou me apartar
me foge o sangue das veias
e o coração do lugar."

É uma modalidade de velha cantiga espanhola que Miguel Unamuno recolheu para seu estudo sobre o sentimento tragico da vida...

"Cada vez que considero
que me tengo de morir,
tiendo la capa en el suelo
y no me harto de dormir. (119)

*

O tropeiro é ainda o homem da caravana mais agitada das boiadas. Seu canto — nas noites de ronda — quer o verão borrife de orvalho a verdura do capim-limão, quer o inverno deite a alvaida de seu gelo sobre os pastos desmaiados, é gutural, profundo e tristonho como o canto do arabe.

E o albornoz espetacular foi aqui trocado pelo pala, esvoaçante e festivo como uma bandeira.

Sarmiento viu na extensão dos campos planos certa tintura asiatica que não deixa de ser bem pronunciada. E disse que muitas vezes, ao ver subir a lua tranquila por entre os arbustos da terra, saudou-a instintivamente com estas palavras de Volney: "La plei-

---

(119) Miguel de Unamuno — "Del sentimento tragico de la vida" — Epasa-Calpe.

ne lune à l'Orient s'élévait sur un fond bleuâtre aux plaines rives de l'Euphrate".

E' que as solidões das campanhas trazem á memória as solidões asiaticas. Alguma analogia se encontra entre o Pampa e as planuras que medeiam o Tigre e o Euphrates; algum parentesco na solitária tropa de carretas e a caravana de camelos que se dirige a Smirna ou Bagdad. (120)

Nos pousos ou nos acampamentos ao relento, nos galpões ou nas salas da fazenda-grande, no fogão comum ou sobre os tripés de ferro batido, a chaleira fumegante e a cuia de porongo, cheia de erva-mate, agrega, aproxima, fraternisa os homens do campo no mesmo cerimonial do *narguilé* nos desertos, nas tendas, nos centros públicos da Arabia (121). E a *charla* do gaucho, como as expansões do beduino, é o revide inconciente do homem da solidão, obrigado aos longos soliloquios.

Chauich, diz o arabe para os seus milicianos cavaleiros. *Achaues* são os seus herois, os seus guerreiros valentes. Daniel Granada, que se amparou nas conclusões de E. Daireaux, quiz ver na palavra *chauich* ou *chaouch*, como registrou, a origem do vocabulo *gaucho* (122). *Chauichs* e *Achaues* eram os maragatos

---

(120) Leopoldo Lugones — "El Imperio Jesuitico" — págs. 34-35.

(121) O fogão entre nós teve influência politica, porque estabeleceu a igualdade entre amos e servidores; teve-a, sobretudo, como ara de civismo". Alfredo Varella — "Revoluções Cisplatinas" — Liv. Chardron — Rio — 1915 — 1.º volume — pág. 86.

(122) "Gauche" — era a antiga grafia do vocabulo, como o fez José de Saldanha e como o escreveu Frutuoso Rivera, forma que Aurelio Porto tambem aceitou, em seu estudo "Gente que canta triste" ("Provincia de São Pedro" — N.º 4 — Março — 1946).

de Leon, os vaqueiros de Salamanca, os arrieiros de Astorga e de Zamora.

O galpão, mesmo, é uma tenda que se fixou. Trocaram-se os panos ondulantes pelas paredes de barro. Sua vida interior é a vida de uma tenda do deserto. O chão continúa virgem, lembrando aqui o chão crestado pelas ardentias, onde as brazas crepitam e saltam, no estouro da lenha verde, em fagulhas luminosas.

O casamento gaucho é feito á semelhança do casamento arabe. Nos campos e nas pequenas cidades da Arabia, a noiva vem montada num jumento, num cavalo ou num camelo, precedida de cavaleiros que ostentam suas melhores vestes e se exibem em suas melhores habilidades equestres. Em certa altura, quando o cortejo nupcial já se encontra distante do local de onde saiu, apercebe-se outro bando de cavaleiros, que vem reclamar a jovem, no simulacro do rapto. Os da escolta põem-se em guarda, todos galopam e realisam prodigiosas evoluções enquanto disparam suas armas ás alturas. Depois, confundem-se no mesmo séquito, estrepitosos e turbulentos. E' esse, com pequenas diferenças, o ritual do casamento no pampa. A fuzilaria — ás vezes — se faz á saida ou á chegada da noiva, em casa. O velho simbolismo do rapto mu-çulmano permanece no fundo, irrevelado.

No baile que se realisa a seguir, as mulheres na Arabia aproveitam as pausas e vão mudar de vestuario. Para estas cerimônias elas trazem vários vestidos e todas as joias que possuem, até mesmo emprestadas. A cada pretexto, levantam-se e surgem, depois,

com outra vestimenta e novos acessórios, na eterna e universal ansia de cada uma eclipsar as outras .(123).

Entre muitas danças tipicamente originárias da Península, destaca-se nas campanhas portenhas a *zamba,* das festas mouriscas em que se exibiam publicamente as ameias. (124) Don José Zorrilla canta em sua "Leyenda de Al Hamar":

Y en las serenas noches del estio,
a la luz misteriosa de la luna,
Al són del agua del plateado rio,
Y al compás de una *cántiga moruna,*
(Dulce recuerdo del pais natio
Que no se olvida en la mejor fortuna)
Sentában á danzar en la ribera
La alegre *zamba y* la jeiz ligera" 125)

Nos bailes da nossa campanha, antes como ainda hoje, as familias atendiam aos convites, transportando-se em luxuosas diligências ou carretilhas, levando velhas canastras, feitas de couro com pelo natural, ornamentadas de arabescos gravados a fogo ou com taxas douradas, todas porém carregadas de vestidos e joias, que as jovens mudam tres ou quatro vezes numa noite. -

---

(123) Eduardo Dias — "Arabes e Muçulmanos" — Liv. Classica — Lisboa — 1940.

(124) Ameias ou "almées" — Bailarinas e cantoras que se exibiam nos festins do Oriente. Executam, às vezes, bailes voluptuosos que passam dos limites da decencia" (D. José Zorrilla — Obra citada. Notas — pág. 350).

(125) D. José Zorrilla — "Leyenda de al Hamar" — Sevilla — 1878 — Introduzion — pag. 60.

O lar do gaucho, como o do espanhol, tão zelosamente inviolavel, lembra, desde logo, o harem do arabe e aprofunda, com o seu isolamento, a tendência mistica que é comum aos tres tipos humanos. A expressão interjectiva "Oxalá" é sarracena: "Ia xa'llah!" — si Deus quizer. E no vocabulário português, como no espanhol, encontrariamos uma resenha de inumeraveis palavras de uso comum, de etimologia arabe, não escapando á linhagem certos termos popularissimos, no Sul, e que não podem faltar ao nosso registro, como: geringonça, azafama, alambique, alicate, calhambeque, alqueire, alpargata, alface, aldraba, azorrague, azulejo, almoxarife, almondega, almofada, armazem, almanjarra, alforge, alfinete, alfaiate, etc., todos incorporados há séculos ao léxico português. E entre muitos vocabulos que se registram como regionalismo, descobririamos a mesma estirpe longinqua, como por exemplo em *guri*, que os gregos modernos adotaram do turco e que é corrente no uso dos povos da Arabia (126). O gaucho deu a certo pelo de cavalo o nome de "mouro" e, como o arabe, diz "zaino" ao cavalo castanho ("zeno" — bonito, de estampa elegante) e alazão (al hazan) a uma variedade de cores.

E o nosso popularissimo jogo da *tava*, familiar aos homens do campo e das pequenas cidades do interior, conhecido dos romanos e de muitos outros povos antigos, veio da Espanha, pelos seus emigrantes. Martiniano Leguizamorr (127) diz que a palavra *taba*,

---

(126) Guy Choquette — Informações epistolares (Quebec-Canadá).

(127) Leguizamon — "Cepa criolla".

em espanhol, é rigorosamente castiça e jamais teve, como se pensou ás vezes, origens guaranis, quichua ou araucana. Sua etimologia é arabe, pois *taba* vem de *kaba*, segundo Monlau e Roque Barcia. Em arabe, cab el kaba é o jogo da tava. Mas Ovidio refere-se ao jogo semelhante que os latinos conheciam como *tabus astragalus* e que Socrates praticava pelas ruas de Atenas. (128)

Beduino significa, em arabe, o homem que vive do gado. Vem de beduin.

Na Arabia Feliz apareceram e desapareceram impérios, mas nas desoladas planicies o beduino continuou inalterável. Hitti escreveu que o beduino, o camelo e a palmeira dominam soberanamente o deserto e que, juntos á areia, constituem os quatro grandes atores no seu drama.

Os *bodoies* são selvagens, dados aos furtos de gados e cavalos. Comem a carne crúa, enquanto os beduinos comem a carne assada em espetos. Os *bodoies* são também guerreiros e andarengos. Pousam em "ramadas" improvisadas. Pelejam tanto a pé como a cavalo. O *bodoie* é o tipo mais primitivo do deserto.

Lyautey foi, certa vez, visitar o chefe de uma destas tribus já submetidas ao dominio da França. O chefe era um homem rico e poderoso. Falando-lhe do progresso de Marrocos, diz o Xeque ao Marechal: —

---

(128) Fernan Silva Valdes — "Temas del Folklore" — La Prensa 19/5/46.

"Sim, tu fizeste muito por nós. Contigo veio a paz e a segurança. Os sedentários já podem, agora, colher o fruto de suas sementes. Tornaste-nos a vida mais farta. Talvez seja esta a Felicidade..."

O antigo nomade suspirou. Enquanto o Marechal contemplava a roseta da Legião de Honra que lhe havia colocado ao albornoz, disse o Xeque, quasi inconcientemente, contemplando as estrelas: "— Ainda assim, que bela noite para roubar cavalos, si os franceses não andassem por aqui!"

Cabe-lhes a frase de Lehmann: "enquanto erram, desejam encontrar onde possam viver; logo que se estabilisam, querem retornar á vida errante."

Azára fixou esta mesma fisionomia nos primitivos mestiços americanos do Sul: "son inclinados á robar cavallos, y les repugna tanto caminar á pie, que quasi no lo saben hacer". (129)

Os *bodoies* montam geralmente seus cavalos como montavam os nossos indios e gauchos primitivos. Em pelo, sem estribos, sem esporas, sem chicote. Apenas com uma arreata, formando brida unilateral. E' a pressão dos joelhos, a mão e a vóz que comandam os soberbos animais. O nomade africano — em contraposição — usa esplêndidas selas, no formato dos "serigotes" gauchos (130), freios, bridas, estri-

---

(129) Azara — Obra citada. pág. 202, n.º 14.

(130) "O uso do *lombilho* primitivo foi substituido em 1870 mais ou menos pelo de uma outra espécie de *lombilho*, denominado *serigote*, palavra de origem alemã e corruptela da frase: "Das ist schr gut", frase que um gaucho teria ouvido de um fabricante alemão, em elogio ao novo tipo de lombilho que lhe oferecia", Cezimbra Jacques — Obra citada — pág. 31.

bos enormes, de prata, quando a fortuna permite, no molde dos nossos velhos estribos de meia-picaria. O cavalo é parte integrante do homem do deserto. O gaucho também não pode viver a pé. Sarmiento conta que no ano de 1841 o caudilho Chacho emigrou da Argentina para o Chile. Alguém que o encontrou por aquelas faldas de cordilheira lhe perguntou:

— "Como vais, amigo?

— Como hei de ir!? — contestou-lhe o caudilho. — En Chile y a pié!"

A frase se tornou célebre em toda a Argentina. Só o gaucho autentico sabe o que vai de amargura e sarcasmo nestas palavras. E Sarmiento arremata sua história, dizendo: "aqui volta a aparecer a vida arabe, tartara". As seguintes palavras de Victor Hugo sobre o beduino, parecem escritas no pampa: "Não pode combater a pé. Não faz sinão uma só pessoa com seu cavalo. Vive a cavalo. Trata, compra e vende a cavalo. Bebe, come, dorme e sonha a cavalo." (131)

Lindolfo Collor em seu livro "Garibaldi", faz seu comentário sôbre o fato: "Não tente ninguém separar do cavalo êsse habitante das savanas brasileiras. Um gaucho sem cavalo é a última expressão da miséria, já não apenas econômica, mas moral.

---

(131) Victor Hugo — "Le Khin" — 1.ª edição — pág. 62.

"O tatú foi encontrado
"p'ras bandas de S. Sepé,
"muito aflito, muito pobre,
"de freio na mão e a pé."

Felix de Azára, tão precioso nos detalhes da vida campeira dos pampas e Missões, jamais viu o homem do campo despegar-se do cavalo mesmo que fosse para atravessar uma rua. "Quando se encontram, conversam a cavalo. Amassam a cavalo o barro para as paredes de seu rancho. E ao rodar, nas disparadas, ficam de pé, còm as rédeas de montar na mão, firmes e sem lesões, superiores aos riscos do perigo." (132)

Nas suas gabanças poéticas, dá invariavelmente ao cavalo lugar de alto destaque na sua estima. Tão alto, que o coloca ao par da mulher bem amada:

"Tou velho, tive bom gosto,
"morro quando Deus quizer.
"Duas penas levo comigo:
"Cavalo bom e mulher". (133)

Ás vezes o cavalo supera a mulher na estima e no apego do gaucho. O homem do campo, no Prata, repete, nas suas noites de cantoria, nos galpões ou ao relento das tropeadas:

"Mi mujer y mi caballo
"se me fueron para Salta,
"como mi caballo vuelva,
"mi mujer no me hace falta."

---

(132) Felix de Azara — Obra citada — pág. 202, n. 14.
(133) L. Collor — "Garibaldi".

O traço pessoal do beduino é também o traço pessoal do gaucho: a hospitalidade. Dreyes, que nunca evitou de falar bem da nossa terra e da nossa gente, destacou esta virtude, dizendo que a nossa generosidade "parece uma qualidade inherente ao solo. Á porta da charqueada ou da estância existe hum sino, que he uso tocar-se nas horas de comida: êle serve para avisar o viajante vagando pelo campo ou o desvalido da visinhança, que pode chegar á mesa do dono, que está se aprontando; e, com efeito, assenta-se quem quer a essa mesa da hospitalidade."

A sua casa ou o seu rancho são francos, sem reservas, e o hóspede desconhecido encontra, neles a confiança e a estima que se dispensam aos velhos amigos. Essa virtude deu fama ao gaucho, emprestando-lhe uma aureola de bondade congenita que para os panegiristas tornou perdoáveis certas fraquezas.

Arsenne Isabelle, em seu diário de viagem, faz este retrato dos riograndenses do sul: "pelo gênero de indústria à qual se dedicaram, são cavalheiros como os orientais e os paulistas; suas longas disputas com os argentinos fizeram-nos guerreiros. Deram mais de uma prova de sua coragem quando dirigidos por generais experimentados. Com os paulistas, são os melhores ginetes do Brasil. São igualmente amigos das instituições livres e entusiastas da causa dos povos. A hospitalidade é ainda, na maioria, uma virtude que se pratica com generosidade." (134) "Son hos-

---

(134) Arsenne Isabelle — "Viaje a Argentina, Uruguay y Brasil em 1830" — B. Ayres — Ed. Americana — pág. 401.

pitalarios, y al pasagero darr comida y posada, aun sin preguntarle quien és, ni adonde vá". (135)

Conta Eduardo Dias que certo Abdala ibne Jadana usava de um prato para servir a seus hóspedes, cuja sombra alcançava o tamanho de um homem.

O arabe em geral e o beduino em particular são democratas de nascimento. A sociedade em que vivem estabeleceu a igualdade entre êles. O mesmo inelutável nivelamento social dos nossos galpões que Lindolfo Color também observou, para afirmar que, a rigor, não se encontram nas fazendas gauchas diferenças sociais entre patrões e assalariados.

Mas, sem paradoxo, também se lhe pode chamar de aristocrata. Êle tem sobre si mesmo um alto conceito e considera-se a personificação do modelo humano. Para o beduino a nação arabe é a mais nobre de todas. Orgulha-se infinitamente da pureza de seu sangue, da sua eloquência, da sua poesia, da sua espada, do seu cavalo... E' amigo das genealogias complicadas e é facil a cada um traçar sua linhagem até o primeiro homem da terra...

"Na sociabilidade do gaucho exprimem-se as tendências individualistas por um ingênuo e romântico egocentrismo, pelo orgulho de seu valor pessoal, pela vaidade de seu cavalo. Como em limpido espelho revê-se o narcisismo das sociedades em formação nos costumes tipicos do primitivo campezino do Rio Grande. Êle é o "monarca das coxilhas". Nin-

---

(135) Felix de Azara — obra citada — pág. 201.

guém o vence na peleia, ninguem melhor do que êle sabe manejar o laço e as bolas, ninguem monta o "pingo" com donaire igual ao seu. E não é só isso. Também nos fandangos quem melhor do que êle dansa o sapateado, quem canta com mais graça e voz mais bem timbrada nos desafios á viola?

"Eu, quando inda era pequenino,
"cantava que retinia.
"Eu cantava em D. Pedrito
"e em Porto Alegre se ouvia".

"Sou valente como as armas,
"Sou guapo como um leão.
"Indio velho sem governo
"Minha lei é o coração."

"Eu sou maior do que Deus,
"Maior do que Deus eu sou.
"Eu sou maior no pecado,
"Porque Deus nunca pecou..." (136)

O filho de um Xeque beduino, que serviu sob a orientação do Coronel Lawrence, foi à Europa na comitiva do Emir Faiçal. Viu de perto a civilização ocidental. Participou da vida das grandes urbes. Um dia, no deserto, coroado por seu *agal,* disse a Eduardo Dias:

" — A vida ocidental prendeu-me, subjugou-me, principalmente as suas mulheres. Miragem efê-

(136) Lindolfo Color — "Garibaldi e a guerra dos Farrapos" — Livraria José Olympio Editora — 1938 — pág. 180.

mera, enganadora, como todas as miragens a que o deserto já me habituara!

" — A Civilização...! Olhe! ali, aquelas pedras — e o beduino apontou as ruinas de um templo romano — que representam?

" — Uma das muitas civilizações que temos visto surgir, florescer, dominar e extinguir-se. Aqui, desconhece-se o capitalismo e a miséria, a coação e os artificios e os tóxicos que são, afinal, o produto da vossa apregoada superioridade."

O beduino concentrou-se, por um momento. Lançou um olhar curioso e enigmatico ao fulgurante e morno lençol de areia — sem outro limite que a faixa rubra do infinito — e, cortando a luz num gesto fulminante, como a traçar um gilvás no rosto de inevitável adversário, prosseguiu, na exaltação narcisista:

" — Vivemos há milenios incontáveis, assim. Ar livre. Independência. Vida que os senhores desdenham e supõem rude, mas que é — não duvide! encantadora."

Estão convencidos que a agricultura, como todas as variedades do comércio e dos oficios, está abaixo de sua dignidade.

Desdenham dos habitantes das cidades, aos quais consideram como escravos da civilisação e dos vicios. Para êles, nada é mais desejavel do que a liberdade em que vivem, como nomades. Ligar-se á terra, como trabalhador da terra, é ligar-se ao mandonismo de um chefe, ás ordens de um patrão. Nenhum conquistador

do mundo — fosse êle grego, persa ou romano — conseguiu submete-los. Êsse sentimento de independência remonta aos primeiros dias de sua história, como povo do deserto. Deodoro de Secilia assegura que entre os nomades da Arabia Petrea, era proibido plantar-se trigo, porque, para guardá-lo, o homem teria que renunciar á sua liberdade.

Os beduinos despresam tanto os homens agarrados á agricultura que, segundo as suas crenças, um dos suplicios reservados no outro mundo a quem infringe os costumes da tribu, é o de ser obrigado a amanhar a terra como um camponês. (137).

Embora com certas áreas fecundas, não querem renunciar á sua altivez de cavaleiros.

Chega o dia do ano em que o beduino resolve limpar o seu campo. Êle aguça então um galho da *árvore do fogo* — uma leguminosa — e o faz girar na cavidade aberta noutro galho da mesma planta, até produzir um pó inflamável que começa a arder. Com êle põe fogo ás ervas, na direção do vento; dentro de meia hora, a charneca está em chamas. (138).

As gazelas fogem, as serpentes procuram refugio, os insetos tentam salvar-se nos arbustos e perecem, vítimas do abelheiro, o leopardo esgueira-se, desde-

---

(137) Ferreira de Castro — "A Volta ao Mundo" — págs. 191 — Ed. 1942.

(138) Couto de Magalhães em "O Selvagem" (Ed. da Liv. Magalhães — pág. 56) diz: — "Este processo de tirar o fogo da madeira, qualquer não o pode empregar sem saber como é feito. Consiste no seguinte: toma-se de um cerne de madeira dura que esteja perfeito no centro, mas que tenha uma camada de alguns oitavos de polegadas já poida, e nela se coloca a extremidade de uma vareta de madeira de

nhoso das presas; todo ser vivo lança-se em fuga desabalada pela estepe.

Só o beduino contempla, satisfeito, o incêndio, porque o prado está limpo.

Também numa determinada fase do ano o gaucho lança fogo aos banhadais e aos campos rasos. Enquanto as labaredas lambem as touceiras mais altas, fogem os reptis coleando por entre as cinzas: cobras de malhados multicores, verdes salamandras, grandes batraquios pardos e negros e, pelo ar, em revoadas heroicas, batendo azas sobre os ninhos emplumados, os quero-queros enchem os céus de clamores desesperados.

Ao cair da tarde há um friso de fogo baixo nas coxilhas. De longe o gaucho contempla, satisfeito como o beduino, as suaves ondulações de seus campos, bordadas de cinzas negras, dormindo na promessa das futuras vegetações.

O beduino é o dono de seu deserto. Ao gaucho, não ficou o domínio comum de suas planuras, porque os campos que lhe pertenceram, livres como o deserto, foram, depois, retalhados pelos valos primitivos — mutilação egoista da terra pelo homem.

Mas o gaucho também teve — como o beduino — o mesmo orgulho da solidão e o mesmo despreso á agricultura, na altivez indomável do cavaleiro. Amou

---

cerne bem duro e, tomando esta ultima entre as palmas das mãos, imprime-lhe um movimento rotatorio rápido; ao cabo de alguns minutos o fogo prende-se ao pó da madeira poida, comunica-se a ela e assim acende. Era o processo usado pelos nossos indios".

Simões Lopes Neto falando dos indios gauchos, diz também: "Faziam o fogo pelo atrito violento entre dois pedaços de madeira leve, já pelo choque das pedras de silex, cujas faiscas faziam cair sobre folhas ou ramas secas".

também o seu deserto, na caça do cavalo chimarrão e na presa da rez alçada. Guardou nos olhos a nostalgica visão dos tempos livres e a última golfada de luz que tombou sôbre as coxilhas verdes e nuas, sem as farpas dos moirões.

O deserto do beduino, por ser arido e éxsicado, permaneceu inviolável, menos interessante á cobiça desmedida. Aqui, os senhores da terra tomaram e dividiram o que a todos pertencia, cravando, de longe em longe, os marcos de pedra em nome da Lei.

O gaucho converteu-se, pouco a pouco, nesse pária que vai sobrando da sociedade e vivendo ás margens das cidades populosas, esquecido já da liberdade que foi sua e convertendo-se a uma nova espécie de nomadismo — que é o nomadismo da miséria, desfibrando-se, diluido em massas informes e flutuantes, em passos gigantescos para o fim.

Torna á indagação aflitiva do espírito a sentença impressionante de Euclides da Cunha, deante do exame da paisagem etnica brasileira: predestinamo-nos á formação de uma raça histórica em futuro remoto, se o permitir dilatado tempo de vida nacional autônoma. Invertemos, sob este aspecto, a ordem natural dos fatos. A nossa evolução biológica reclama a garantia da evolução social. Estamos condenados á civilização. Ou progredimos ou desaparecemos. (139).

Na sua orfandade social tinha o gaucho, antes, tudo quanto necessitava para viver. E vivia, diz o historiador argentino Vicente Lopes, absoluto e independente com o seu individualismo próprio e livre.

---

(139) Euclides da Cunha — "Os Sertões".

Emancipava-se dos pais apenas entrava na juventude e vivia fartamente das *volteadas* dos animais que Deus creava nos desertos. (140). Armado de laço subjugava o melhor potro que encontrava nos campos abertos. Escolhia por sua própria vontade a melhor vaca dos rebanhos e, si necessitava de dinheiro, derrubava tantas rezes quantas se lhe aprouvesse, esfolando-lhes o couro que ia vender nas aldeias da costa aos mercadores da Europa. (141).

Não se negue — apesar de tudo isso — a heroica e comovente permanência de virtudes e qualidades pessoais no homem gaucho e das quais fizemos apanagio na história. Mas, não nos deixemos arrastar por um falso patriotismo e um pernicioso localismo, a ponto de negarmos a verdade que aí ressalta, alarmante e viva como uma chaga aberta. O que ficou nas lonjuras brumosas do tempo é um painel grandioso, colorido, espetacular. Mas não é olhando para traz e engolfando-nos nessas lembranças mortas que haveremos de

---

(140) V. F. Lopez — "Hist. de la Rep. Argentina" — Tomo III — pág. 114 e seg.

(141) "Durante muito tempo foi somente o couro o produto procurado; para caçar o gado empregavam os campeiros o sistema de mangueira que consistia apenas em conduzir, a gritos, a boiada sobre uma volta acentuada de algum arroio forte; aí "desgarronavam" as rezes com uma especie de cortante meia-lua, encabada em taquara, como uma lança; dos que desempenhavam este oficio, chamavam-se cortadores e eram de uma destreza proverbial. Em seguida sangravam o animal, tirando-lhe apenas o couro, o sebo e a lingua, abandonando o resto aos urubus e aos cachorros chimarrões. Estes cachorros de origem europea e trazidos pelos primeiros aquerenciadores haviam-se multiplicado prodigiosamente e eram muito ferozes: chegaram a tornar-se tão temiveis e prejudiciais à criação pastoril que mais tarde houve de organisar-se expedições a proposito para exterminá-los". — J. Simões Lopes Netto — "Terra Gaucha".

lavrar a terra perdida nos latifundios sem raias, que avassalam a terra e favorecem aos filhos da Fortuna em prejuizo de milhares de creaturas deserdadas, nem curar as feridas sociais que ainda estão sangrando, sem remedio...

O gaucho foi abandonado. Foi esquecido. Foi espoliado. Restituamos ao homem dos campos o campo que lhe pertenceu para que ele possa, de novo, rasga-lo e, de novo, semea-lo com as proprias mãos. Asseguremos ao gaucho simples, generoso e bom, um pedaço da terra que foi sua — o seu rancho de barro, a cevadura de erva-mate, o punhado de brazas de seu galpão e a *tira* de carne que foram os elementos fundamentais de sua vida — si quizermos salvar, ainda em tempo, do naufragio que se avisinha, o que de maior e mais alto existe no patrimonio moral das nossas tradições. Hegel, pelas proprias conclusões de Euclides da Cunha, teria que alterar, aqui, sua teoria das tres condições geograficas que criam diferenças etnicas entre os homens. Não diria que a flora rudimentar, reviçando vigorosa nas quadras pluviosas, dando um incentivo á vida pastoril, ás sociedades errantes dos pegureiros, num convite á vida aventurosa do armar e desarmar das tendas, não fixaria, porem, o homem á terra. Aqui, pelo contrario, a estepe bordada de verde, onde o sol desata longa a sua sombra pelo chão, não teve a força centrifuga do deserto, na teoria de Hegel. Não repeliu. Não desuniu. Não dispersou. Si não ligou o pampa á humanidade pelo vinculo nupcial dos sulcos dos arados, na frase de Euclides, mesmo assim o pampa não constituiu jamais um isolador etnico como as cor-

dilheiras, o mar ou as estepes da Mongolia, sacudidas pelos atropelos dos tartaros turbulentos.

O gaucho não desertou a terra á procura da vida instavel dos pauperrimos suburbios, porque fosse indolente. Não desertou — baniram-no os donos dos latifundios. Desterraram-no, como elemento de sobra e precaria utilidade. No entanto, ninguem como ele amou tão profundamente o pequeno tracto em que nasceu — o pago de seu primeiro sonho e de suas primeiras cantigas.

Respeitemo-lo na terra que foi sua. Assim como os conquistadores de todas as epocas respeitaram aqueles mozabitas na sua gleba, onde amam com ternura as suas palmeiras e as suas abelhas. Deixemos o gaucho, como os arabes do Mozabe — procurando realisar a parabola de sua fartura — com o *faz* que é a nossa enxada e o *mirá* que é o nosso arado.

O beduino da estepe — ao pé do seu cavalo — é uma figura escultórica. Livre. Alto e magro, macilento e ossudo, comendo sempre alguma cousa de menos. Nariz aquilino, distintivo dos homens-águias. Orelhas grandes, bem coladas ao crâneo. Testa franzida e proeminente, encimando olhos de caçador. Boca pequena de lábios severos. Conserva todos os traços da coragem, da prudência, da altivez e da generosidade dos homens taciturnos sempre próximos do destino. (142).

Toussaint cantou-o, nesta atitude de vigilância e defesa:

---

(142) Ludwig — "O Nilo".

"Êle é o mastro deste rigido estandarte: seu albornoz ao vento.

"Alerta!"

Vemos ao longe uma nódoa sobre o ouro das areias movediças..."

Há no seu caracter — informa Mr. Sedillot — e em seus costumes, impulsos generosos, compassivos e caritativos que em vão se procura encontrar entre outros homens da terra. Os arabes espanhois possuiam um exagerado sentimento de dignidade humana que os distinguia dentro da Europa e que os levou, por abuso, á funesta mania dos duelos.

Os arabes ensinaram ou procuraram ensinar aos cristãos da península a mais preciosa das qualidades morais: a tolerância.

Buckhardt que os conheceu de perto atesta que essa tolerância data de tempos immemoriais e que os arabes são tão zelosos de sua liberdade que jamais consentiram numa tirania em matéria de crença.

Martahd, Rei de Yemen, no século IV, proclamava: "Reino sôbre os corpos e não sôbre as opiniões. Exijo de meus subditos que obedeçam ao meu governo. Quanto ás suas doutrinas, que os julgue Deus que os creou." A essa tolerância acrescentaram costumes muito cavalheirescos, pois aquelas leis de Cavalaria que consistem em respeitar ao debil, em ser magnanimo com o vencido e cumprir religiosamente a palavra empenhada, foram introduzidas na Europa pelos arabes espanhois. Entre as exigências da Cavalaria Moura, em seu código fundamental, estavam a bondade, o valor e a afabilidade, o talento poético, a eloquência, a força,

a destreza para cavalgar e a habilidade em manejar a lança, a espada e o arco.

Nada mais semelhante, na forma como na alma, á figura magnífica dos que foram — no pampa — campeadores de distâncias. O gaucho, como o beduino, sempre pareceu uma sentinela perdida, de vigia permanente ao seu silêncio e á riqueza de seu mundo. Amou as campereadas pelo prazer das correrias e dos imprevistos. A rodada nunca lhe surpreendeu preso aos estribos. Enquanto a montaria rasgava a terra, lavrando a grama, de foucinho em sangue — a rolar sobre o chão — rebentadas as cordas e espatifados os pelegos, êle saia, garboso e sorridente, de pé, com o cabresto na mão.

Como as campereadas, a guerra lhe foi um esporte. Nesta latitude, para estas raças, a guerra constitue uma necessidade. E' bela. Pela renuncia da vida e pelos rasgos de heroismo. Porisso, na ausência dos recontros, ainda se defrontam os homens, uns com os outros, em duelos singulares, a faca, e as regras da luta, o favor e o sacrifício, ainda dependem do céu. A generosidade é uma virtude como a vingança. Conta Le Bon que os arabes, segundo suas leis religiosas, preferem as penas de Talião a outras modalidades de justiça. E narra que um crime de assassinio atinge á totalidade da família — cujas vinganças se multiplicam e se perpetuam, segundo o código de honra do deserto que manda vingar o sangue com o sangue.

Na tradição riograndense, de fundo cristão, êsse traço hereditário do arabe prevaleceu sobre os ensinamentos do perdão. Famílias gauchas, nas campanhas,

lutaram decênios, quasi ao extermínio na aplicação rigorosa dos mesmos principios muçulmanos da vingança. Euclides da Cunha observa, no Nordeste Brasileiro, o mesmo fenomeno dessas lutas de familia, que comprometem as proprias descendencias que esposam as desavenças dos avós, creando uma quasi predisposição fisiologica e tornando hereditarios os rancores e as vinganças.

O beduino tem como o gaucho a linguagem do homem que vive no mistério das longas horas de silêncio. Aquela mesma linguagem, simples e humana, que João Simões Lopes Netto foi apanhar — cheia de lirismo — no convívio dos velhos gauchos, de fazenda em fazenda e de galpão em galpão.

Sarmiento comentando que as modificações análogas do solo trazem analogos costumes, mostra que as descrições de Fenimore Cooper parecem plagiadas do pampa, assim como somos impelidos a encontrar nos hábitos e maneiras dos homens americanos do Sul a revivescência fiel e nitida dos trajes e costumes, e até da fisionomia grave dos beduinos. (143).

No retrato psicológico do arabe o fatalismo é nota predominante. No seu livro sagrado — de poesia e doutrina — uma palavra resume sua atitude moral deante do mundo e da vida: "— "Mactube!" — estava escrito.

O espírito espanhol é biface, como a Jano da mitologia grega. Por um lado suporta, com inteireza, todas as vicissitudes: é a face estoica e fatalista; por outro, tudo despresa, e renuncia: é a face mistica.

---

(143) D. F. Sarmiento — "Facundo" — pág. 49.

Com o estoicismo confunde-se no espanhol o fatalismo, herdado do sangue arabe.

Ressalta, constante e eloquente, no filho da Espanha, essa filosofia da resignação ás forças superiores que traçam o destino do homem.

"Será lo que Dios quiera" — exclama o povo, nas suas horas incertas, ante a miséria ou as ameaças da Morte. "Vida que Dios guarda nadie la quita." — diz o soldado em face do perigo iminente. Até nos mais soberbos e mais ilustres este fatalismo é característico. Ao saber da ruina completa da Invencivel Armada, que tantos sacrifícios impuzera ao país e tantas esperanças trouxera a seu povo, que palavras profere Felipe II? — "Yo no mandé mi Armada a luchar contra los elementos". (144).

São dispensaveis malabarismos verbais para apontar-se na alma cristã do gaucho o imperativo desse traço hereditário, que Dávalos surpreendeu no platino — "Que lhe hemos de hacer, señor?" que conhecemos no riograndense "— Tinha de acontecer!" — ao que o arabe responderia, simplesmente — "Mactube!". (145).

---

(144) R. Blanco Fombona — "El Conquistador Español del Siglo XVI" Madrid.

(145) Do ALCORÃO: Capitulo III — V. 148: "Ainda que tivesseis ficado em vossas casas, aqueles cuja morte estivesse escrita lá em cima, teriam vindo sucumbir a este mesmo sitio". Capitulo XVIII — V. 23 — "Nunca digas amanhã hei de fazer semelhante coisa sem acrescentar se for da vontade de Deus. Lembra-te de Deus, se chegares a esquece-lo e dize: Talvez Deus me encaminhe para o verdadeiro conhecimento desta aventura. Capitulo XXXV — V. 12: "Nada é acrescentado à idade de um ente que vive muito tempo e nada lhe é diminuido, que não seja consignado no Livro". Capitulo LVII — V. 22 — "Nenhuma calamidade ferirá a terra ou pessoa que não fosse escrita no Livro, antes de as termos creado. Tudo é facil a Deus".

O homem em estado natural permanece indene das grandes torturas creadas pela imaginação, e seu estoicismo emana desta virtude fundamental: o desapego á vida. Diz o curioso viajante de "Noticia Descriptiva da Província de São Pedro do Sul" que "a coragem do riograndense he fria e perseverante. Acostumado desde a infância a ver correr o sangue, a morte com suas hediondas formas e a cada passo reproduzindo-se a seus olhos, já não lhe pode causar espanto, assim como também a vida parece ter perdido alguma cousa de seu preço."

Pelas mesmas razões que Keyserling negou ao espanhol, ha de negar-se ao gaucho a qualificação de cruel. Como o espanhol e seu ascendente berbere, o gaucho apenas afirma com a vida — a morte.

Do paralelo procurado, entre o homem do deserto da Arabia e o homem do verde deserto do pampa, fica a conclusão que a história prestigia: a partida, um dia, dos berberes de Maraghat, das margens do Nilo para os altiplanos de Espanha e o litoral português; a partida dos maragatos, das montanhas da Europa para as terras selvagens da América; o dominio espanhol nos plainos comuns da nossa fronteira, por quasi dois séculos, e a tradição de hábitos e costumes que foram familiares a ambas as raças. Poder-se-ia generalisar, quanto ao gaucho, as conclusões a que chegou, na Argentina, José Ortega y Gasset: "vive entregue, hoje, não a uma realidade, sinão a uma imagem. E uma imagem não se pode viver sinão contemplando-a. O gaucho está se revendo sempre, refletido na própria imaginação. E' sobremaneira um Narciso. O Nar-

ciso e fonte de Narciso. Leva-o todo consigo: a realidade, a imagem e o espelho". O beduino, — quando pousa á beira acolhedora de seu oasis, á sombra recortada de suas palmeiras ou de seus tamarindos, fica, por longo tempo, a olhar sua própria figura magestosa no espelho das águas, coberto por seu *albornoz*, que paneja ao vento como as azas brancas de um imenso pernalta do deserto... Necessita, no culto apaixonado de sua própria superioridade e valentia, contemplar-se cara a cara, no diálogo íntimo de seu amor próprio exagerado. Com o mesmo orgulho e a mesma altaneria com que o gaucho "se mira" na lâmina de seus arroios murmurantes e no aço espelhado e cortante de sua adaga...

BIBLIOGRAFIA

Arthur Ramos — "Antropologia Brasileira" — Rio — 1943.

A. Saint Hilaire — "Viagem ao Rio Grande do Sul " — Ed. Ariel — Rio — 1935.

Alcides Lima — "História Popular do Rio Grande do Sul" — Rio — 1882.

Aurélio Porto — "O Trabalho Alemão no Rio Grande do Sul" — P. Alegre — 1934.

Aurélio Porto — "História das Missões Orientais do Uruguay" I. Nac. 1934.

Assis Brasil — "A Guerra dos Farrapos" — Liv. Anderson — Rio.

Athos Damasceno Ferreira — "Imagens Sentimentais da Cidade" — Liv. Globo — 1940.

Alfredo Elis Junior — "Raposo Tavares e sua época" — J. Olimpio — 1944.

Alfredo Varella — "História da Grande Revolução" — Globo — 1933.

Alfredo Varella — "Revoluções Cisplatinas" — Liv. Chardon — 1915.

Anais de 111.° Congresso de História e Geografia — R. G. do Sul — 1940.

A. E. Taunay — "História Geral das Bandeiras Paulistas".

Antônio Zuniga — "El Charrua" — Ateneo — B. Ayres — 1927.

Alcides Maya — "Alma Barbara" — Rio — 1922.

Armando de Lucena — "Arte portuguesa, usos e costumes portugueses" — 1945.

Antônio Sepp (Padre) — "Viagem ás Missões Jesuiticas e Trabalhos apostólicos" — Trad. Schneider e alunos do Se-

minário da Cia. de Jesus — Notas de Harnisch — Liv. Martins.

Altamira — "História de España y de la civilisacion española — Ed. 1913.

Alberto Jones Brown — Tomo IV da "Revista Histórica del Uruguay"

Alexander Caldcleugh — "Viajes por America del Sur" — 1821 — Ed. Solar — B. Ayres.

Arsenne Isabelle — "Viaje a Argentina, Uruguay y Brasil en 1830" Ed. Americana — B. Ayres.

Balduino Rambo (Padre) — "A Fisionomia do Rio Grande do Sul" — 1942.

Borges Fortes da Silva (General) — "Casaes" — 1932.

Boaventura Caviglia — "Gaucho de Garrucho" — Montevideo — 1933.

Burckhardt — "Notes on the Bedouins" — Biblioteca Nacional de B. Ayres.

Claudio Sanchez Albornoz — "La España Musulmana" — 1946

C. O. Bunge — "Nuestra America" — Madrid — 1926

Carlos Davalos — "Los Gauchos" — B. Ayres — 1928.

Carlos Reyles — "El Terruño" — B. Ayres.

Capistrano de Abreu — "Capitulos da História Colonial" — 1934 — Rio

Capistrano de Abreu — "Ensaios e Estudos" — Briguiet — 1931.

Caio Prado Junior — "Formação do Brasil Contemporaneo" — Liv. Martins — 1942.

Carlos Teschauer (Padre) — "História do Rio Grande do Sul dos dous primeiros séculos" — Selbach — 1921.

Carlos Teschauer (Padre) — "Poranduba Riograndense" — Globo — 1929.

Clemente Cimorra — "Los Gitanos" — B. Ayres — 1946.

Couto de Magalhães — "O Selvagem" — Liv. Magalhães — 1943.

C. C. Yung — "La Psiquê y sus problemas actuales" — Poblet — B. Ayres — 1913.

"Campaña del Brasil" — Arquivo General de la Nacion — Kraft — B. Ayres — 1913.
Domingo F. Sarmiento — "Facundo" — B. Ayres — Ed. da Univers. de la Plata.
D. S. Margoliouth — "Islamismo" — 3ª. edição — Madrid.
Domingos Muriel — "Hist. del Paraguay" — de 1747 a 1767 — Madrid 1918.
Dionisio Schoo Lastra — "El Indio del desierto — 1535-1879" — B. Ayres — 1930.
Daniel Granada — "Vocabulario Rioplatense-español".
Castilhos Goycochêa — "Maragatos e Gauchos" — (Provincia de São Pedro — Vol. III — Dezembro de 1945).
Eduardo Dias — "Arabes e muçulmanos" I°., II°. e III.° volumes — Liv. Classica Editora — Lisboa — 1940.
Emil Ludwig — "O Nilo" — Globo — 1942.
Emilio P. Corbiere — "El Gaucho" — B. Ayres — 1929.
Euclydes da Cunha — "Os Sertões" — Francisco Alves — 1940.
Elie Faure — "Historia da arte" — vol. II.
Ed. Quinet — "Mes vacances en Espagne" — vol. IX — Paris — 1857.
Edmundo Wernicke — "Memorias de un porton de estancia, etc." — B. Ayres — 1946.
Enciclopédia Universal Ilustrada Europeo-Americana — Tomo XXXII — Barcelona.
Emilio Coni — "El Gaucho" — Ed. Sudamericana — 1945 — B. Ayres.
Frederico Aragon — "Breve estudio antropologico acerca del Pueblo Magato" — Madrid — 1909.
Francisco Bauzá — "História de la dominacion española en el Uruguay" Montevideo — 1895 — 3 volumes.
Felix de Azára — "Descripcion y Historia del Paraguay y del Rio de la Plata" — Edit. Bajel — B. Ayres — MCMXLIII.
Fray Pedro José de Parras — "Diário y Derrotero de sus viajes — 1749 — 1753" — Ed. Solar — B. Ayres.

Frederico Fernandez de Castillejo — "Andalucia — Lo andaluz — lo flamengo — lo gitano" — Clydoc — B. Ayres — 1944.
Fauriel — "Hist. de la Gaule meridionale sous la dominacion des conquerants germains" — F. I.
Godofredo Daireaux — "Fabulas argentinas" B. Ayres — 1946.
" " — "Tipos y paisage criollos" B. Ayres — 1946.
Gustave Le Bon — "La Civilisacion de los Arabes" — Bib. Classica — B. Ayres — Impressora del Plata — 1944.
Gilberto Freyre — "Sociologia — "Ed. José Olimpio — 1946.
" " — "Casa-Grande & Señzala" — Rio — 1946.
G. Domingues — "Historia Luso-Arabe" — Lisboa — 1946.
Garcia Lomas — "Dialeto popular montañez".
Hip. Taine — "Philosophie de l'art".
Hemeterio José Veloso da Silveira — "As Missões Orientais e os antigos dominios" — Tip. Liv. Universal — 1909 — P. Alegre.
Hilario Ascasubi — "Santos Vega o los mellizos de la Flôr" B. Ayres.
Hermann Keyserling — "Europa" — Espasa-Calpe — 1929.
Havelock Ellis — "El alma de españa" — Madrid — 1909.
Henrique Ureña — "Comienzos del español en America" — Cursos y Conferências — Revista del Colégio Libre de Estudios Superiores — B. Ayres — Año IV — n.° 12.
João Pinto da Silva — "A provincia de S. Pedro" — Globo — 1930.
J. Salis Goulart — "A formação do Rio Grande do Sul" — Globo — 1933.
José Ortega y Gasset — "Obras completas" — Espasa-Calpe — Bilbao — 1932.
Juan Paulo Echague — "Por onde corre el Zonda" — Kraft — B. Ayres — 1940.
João Pedro Gay — "Historia da Republica Jesuitica do Paraguay" — Imprensa Nacional — 1942.
José Hernandez — "Martim Fierro" — B. Ayres — La Cultura Argentina.

João Simões Lopes Netto — "Lendas do Sul" — 1.ª Edição — Pelotas.

João Simões Lopes Netto — "Cancioneiro Guasca" — 1.ª Ed. — Pelotas.

João Simões Lopes Netto — "Terra Gaucha" — Inedito — nos prelos da Liv. do Globo.

Jarque — "Insignes Missioneros".

José Zorrilla — "Leyenda de la Hamar" — Sevilha — 1878.

José Antônio Conde — "História de la dominacion de los arabes em España" — Paris — 1840.

João Pinto da Silva — "Hist. Literaria do Rio Grande do Sul" — 1930.

João Cezimbra Jacques — "Assumptos do Rio Grande do Sul" — 1912.

Jonathas da Costa Monteiro — "A Colonia do Sacramento" — Globo — 1937.

Juan Muhn, S. J. — "La Argentina vista por viajeros del siglo XVIII" — Buenos Ayres — 1946.

Leopoldo Lugones — "El Imperio Jesuitico" — B. Ayres — Ed. Bajel.

Leopoldo Lugones — "El Pyador" — B. Ayres — Ed. Centurion.

Luiz Gonzaga Jaeger — "Os herois de Caaró e Pirapó" — Globo — 1940.

Luiz da Silva Ribeiro — "Formas historicas dos Povos dos Açores" — Angra do Heroismo.

Luiz Carlos de Morais — "Vocabulario Sul-riograndense" — Globo — 1935.

Luiz da Camara Cascardo — "Seis mitos Gauchos".

Memoria e cuadernos folkloricos da Associacion Folklorica Argentina.

Martiniano Leguizamon — "Cepa criolla".

Modesto Lafuente — "Historia General de España" — Madrid — 1877 — vol. I e VIII — Biblioteca Nac. de Montevideo.

Menedez y Pelayo — "Origenes de La Novela" E. Glem. B. Ayres — 43.

Miguel Unamuno — "Del sentimiento tragico de la vida" — E. Calpe.

Nicolau Dreys — "Noticia Descritiva da Provincia do Rio Grande de São Pedro do Sul" — 1927 — Rio Grande (Biblioteca Riograndina).

Oliveira Viana — "Evolução do Povo Brasileiro" — Ed. Nacional.

Oliveira Viana — "Populações Meridionais do Brasil".

Oliveira Martins — "Historia da Civilização Iberica" — Liv. Antº. Maria Pereira — 1a. edição — Lisboa.

Oliveira Martins — "A vida de Nun'Alvares" — Lisboa — 1945.

Oswaldo Spengler — "La Decadência del Ocidente" — Madrid — 1934.

Peramás (Padre) — "La República de Platon y los Guaranies" — Emecê — B. Ayres.

Prescott — "Hist. of Ferdinand and Isabella".

Philip K. Hitti — "History of the Arabs".

Pedro Calmon — "Historia da Civilisação Brasileira" — Nacional — 1935.

Pandiá Calogeras — "Formação Histórica do Brasil" — Nacional — 1935.

Protocolos do Archivo de Sevilha — 10 volumes.

Palencia — Historia de la España Musulmana — Labor.

R. P. A. Dozy — "Histoire des musulmans d'Espagne" — Ed. de 1861 — 4.° vol.

Rubens de Barcellos — "Esboço da Formação Social do Rio Grande" — Ed. Com. do 1.° Centenario da Indep. Brasileira. A Federação — 1923.

Ramiro Barcelos (Amaro Juvenal) — "Antônio Chimangs" — Schmidt Editor — Rio.

R. Blanco Fombona — "El conquistador Español del siglo XVI" — Madrid.

Raymundo Fernandes Ramos — "Apuntes Historicos sobre Missiones" — Madrid — 1929.
Revista do Arquivo Público do Estado (24 volumes).
Padre Serafim Leite — "História da Companhia de Jesus" — no Brasil — até o 6.° volume.
Salvador de Madariaga — "España" — Ed. Sudamericana — B. Ayres — 1942.
Salvador de Madariaga — "Quadro Histórico de las Indias" B. Ayres — 1945.
Segovia — "Dicionário de argentinismos".
Thomaz Buckle — "Hist. da Civilização na Inglaterra".
Visconde de São Leopoldo — "Anaes da Província de São Pedro" — Paris — Tipog. de Casimir — 1839.
Vicente Caputti — "Investigando el Pasado" Fragmentos — 1923 — Folhetos n.° 193 — Biblioteca Nacional de Montevideo.
Veit Valentim — "História Universal" — Ed. Sudamericana — B. Ayres.
Victor Hugo — "Le Klin".
Valdo Frank — "España Virgen" — Zig-Zag — Chile — 1941.
Valdo Frank — "America Hispana" — Ed. Ercilla — Chile — 1937.
Valdo Frank — "Redescubrimiento de America" — Zig-Zag Chile — 1942.
Navanete — "Vida de Cervantes" — 1839.
Ticnor — "Hist. of Spanish Literature".

PEQUENO VOCABULÁRIO

Extraido do "Vocabulário Sulriograndense" de Luiz Carlos de Morais e de outros.

A

ALÇADO — Adj. — Diz-se do gado que, do estado de domesticidade, passa ao selvagem, pelo abandono a que foi deixado, ou por ter fugido do costeio do fazendeiro. Antigamente, quando as estâncias eram muito grandes, indivisas e sem cêrcas, havia no Rio Grande muita quantidade de vacuns alçados. (L. C. M.)

APEROS — s. — O arreiamento completo, ou simplesmente parte dele. Em castelhano *apero* é aprestos, utensílios, preparos. (L. C. M.)

ARREIOS — s. — Arreiamento. Esta palavra só se usa no plural. (L.C.M.)

ARREIAMENTO — s. — Conjunto das peças com que se sela o animal para montaria, e das que constituem os arreios de tração. Arreiamento campeiro: o usado pelos camponeses, isto é, o conjunto: lombilho ou serigote, carona, barrigueira, estribos, freio, bocal, peiteira, pelegos, rabicho, etc. (L. C. M.)

B

BAGUAL — adj. e s. — Cavalo sem doma. Muñiz define-o como "caballo silvestre ó cimarron".

BOTA DE GARRÃO — s. — Bota usada outrora por peões e domadores, feita de couro verde de vaca ou de potro. (L.C.M.)

BOLAS — s. — Boleadeiras.

BOLEADEIRAS — s. — Aparelho constituido de três esferas de pedra, de ferro ou ainda de pequenos cacos de panela de ferro, acondicionados em invólucro de couro, tomando forma esférica. Essas esferas que se ligam entre si por meio de cordas também de couro, chamadas *soga das boleadeiras,* são destinadas a prender o animal em campo aberto. Nela há duas pedras iguais, e a terceira, a maior, chamada *manica* ou *manicla,* é por onde o boleador empunha o conjunto traiçoeiro que é arremessado sôbre os membros do animal a ser apanhado, quando a disparada ou a trote. (L.C.M.)

BOLEAR — v. — Atirar as boleadeiras.

BRAGAS — s. — Calção, prenda de vestir no homem rural. Espécie de amplos calções (do Dic. da Lingua Espanhola, da Academia Real de Espanha).

BOMBACHAS — s. — Calções largos, apertados acima dos tornozelos por meio de botões, usados pelos campeiros. A bombacha é de uso relativamente moderno no Estado, pois na descrição da indumentária gaucha, feita por Nicolau Dreys, que por aqui esteve em 1817, não se encontra esta vestimenta. E' portanto, portenha, significando calças largas (L. C. M.).

BANDA —s. — Banda, tira, cinta, faixa de pano. (Do Novo Dic. Hespanhol-Portuguez de Visconde de Wildik).

BOLIVIANO — s. e adj. — Moeda de prata boliviana, equivalente a 80 centavos mais ou menos, que corria no Rio Grande. Cavalo Teatino. (L.C.M.)

BAGACEIRO — adj. — Diz-se do individuo que gosta de viver na bagaceira, isto é, na ralé. (L. C. M.)

BARBICACHO — s. — Jugular de couro, cordão em cadarço com que se prende o chapéu à cabeça. (L.C.M.)

C

CABRESTO — s. — Peça de arreiamento que é presa ao buçal, e que serve para se atar o animal a um palanque ou a um outro lugar. (L.C.M.)

CANHADA — s. — Vale profundo, grande depressão do terreno. (L.C.M.)

CAMPEIRO — s. e adj. — O homem que trabalha no campo com o gado. / O que sabe trabalhar no campo. / Serviço campeiro, vida campeira. (L.C.M.).

CAMPEREADA — s. — Excursão pelo campo em procura do gado. / Serviço de campo. (L.C.M.)

CAPIM LIMÃO — s. — Graminea — n.º 2.628. (Echites-guaranitica.) Saint Hilaire, em sua "Viagem ao Rio Grande do Sul", anotou: "Enquanto caminhavamos senti um forte cheiro de limão. Perguntando a um peão, que me havia dado o Coronel, qual a causa desse cheiro, soube ser devido a uma Graminea, n.º 2.628, muito comum na região e chamada *capim-limão.*"

CARRETILHA — s. — Pequena carreta para transporte de pessoas. (L.C.M.)

CARRETA — s. — Esta palavra portuguesa tem idêntica acepção no Rio Grande, isto é, carro de duas rodas puxado a boi. E' um vocábulo que no Brasil só é usual no Estado sendo nos demais chamado carro de boi. (L.C.M.)

Nota: — A carreta foi de uso comum no pampa platino e importada pelos montanheses da Espanha.

CAVALHADA — s. — Grupo de cavalos ou tropa de cavalos. / Torneio simulando luta entre mouros e cristãos, em que os contendores se apresentam montados em trajos caracteristicos. E' de

origem portuguêsa e daqui passou para as repúblicas do Prata. (L. C. M.)

Nota: — Divergimos quanto à origem que lhe dá o ilustre folclorista riograndense. A cavalhada foi instituida aqui pelos padres das Missões Orientais do Uruguay. Veja-se o livro do Padre Sepp — "Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos", divulgado pela Livraria Martins de S. Paulo e o Padre Peramás, em obra citada no texto. São notas anteriores a 1700 — época em que, segundo as próprias palavras de João Simões Lopes Netto — "com a criação da Província dos Tapes em 1639, que foi a primeira divisão politico-administrativa que teve o Rio Grande, prova-se que apenas por menos de um século esteve ele descurado do govêrno espanhol ao passo que por dois séculos esteve-o do português, pois só em 1737 é que Silva Paes fundou o presídio do Rio Grande; e quando tal se deu habitante luzo é que nenhum foi encontrado aqui, pois os que havia — brancos, cristãos, —, eram os jesuitas e funcionários castelhanos das Missões." (M.O.)

CHALECO — s.m. — (Pronuncia-se tchaleco) —. Colete — Jaleco (Hamilcar de Garcia — Dic. Espanhol-Português).

CHARRUA — s. — Uma das tribos indigenas que habitaram o Estado. Eram nômades bravos e altivos. Nunca se submeteram aos conquistadores. (L.C.M.)

CHARLA — s. — (Pronuncia-se tcharla) — Charla, conversa à toa. / Palestra (conferência sem pretensões) (Hamilcar de Garcia — Dic. Espanhol-Português.)

CHANGADOR — s.m. — Era, primitivamente, o gaucho que carneava a rez alheia, para vender o couro. Também se diz do jornaleiro, isto é, do homem que vive das "changas".

CHILENAS — s. Esporas dotadas de grandes rosetas. (L.C.M.)

CHIMANGO — Ave de rapina muito conhecida no Estado. / Apelido dos soldados do govêrno nas revoluções de 1923-1926 bem como dos partidários desse mesmo govêrno. (L.C.M.)

CHIMARRÃO — s. — Mate sem açucar tomado em cuia, mate amargo. / Animal domestico que se torna selvagem: cavalo chimarrão. (L.C.M.)

CHINA — s. — India. / Mulher querida.

CHINCHA — s. — Cincha.

CHIRIPÁ — s. — Vestimenta usada outrora pelos homens do campo, constante de uma peça de fazenda de 1,50 m. de comprido, que passando por entre-pernas, era amarrada à cintura, pelo tirador ou por uma cinta de couro. (L.C.M.)

COCHILHA —s. — Coxilha. Ondulação do terreno de campo, dando facil acesso ao homem a cavalo. (L.C.M.)

CHURRASCO — s. — Dá-se este nome ao assado feito sobre as brasas, isto é, jogando-se o pedaço de carne fresca diretamente sobre

as brasas, sem auxílio do espeto, ao passo que o assado propriamente dito — isso que por aí se diz erroneamente churrasco, é feito recorrendo-se ao auxílio do espeto, no qual é a carne espetada e assim levada ao fogo, sem nunca tocá-lo diretamente. Churrasco pode ser feito com a carne com o couro ou sem este. (L.C.M.)

CORDEONA — s. — Gaita de foles, bandonio.

COLORADO — adj. — Vermelho.

CRIOULO — s. — O natural do local, o aborigene, o indigena. (L.C.M.)

GUIA — s. — Cabaça. Porongo onde se prepara o mate para ser tomado com a bomba. (L. C. M.)

D

DESGARRONAR — v. — Cortar o garrão do animal na ocasião de ser abatido, para evitar que corra. Rejeitar. (L.C.M.)

E

ENTREVERO — s. — Choque e confusão de corpos inimigos de cavalaria.

ERVA — s. — Significa especialmente a erva mate *ilex paraguaryensis*. (L.C.M.)

ESTANCIA — s. — Estabelecimento rural destinado à criação pastoril. / Fazenda de criação. (L.C.M.)

ESTRIBO — s. — Vide Picaria.

F

FACÃO — s. — Uma espécie de adaga que serve para os trabalhos de mato e também para briga. Não se trata aqui do aumentativo de faca, que é português. (L. C. M.)

FANDANGO — s. — Festa gauchesca, com baile. E' de origem ibérica, comum a Portugal e à Espanha.

FARRAPO — adj. — Qualificativo com que os imperiais pretendiam deprimir os partidarios dos revolucionarios rio-grandenses da campanha republicana de 1835. (L.C.M.)

FLETE — s. — O cavalo.

FLEXILHA — s. — Grama ou capim dos nossos prados. Há variedades branca e roxa. A primeira, tem a classificação botanica *Stipa papposa*. A segunda, *Aristida pallens*. (L.C.M.)

G

GADO — s. — O gado vacum. Quando se diz o gado, subentende-se logo que se trata de vacum, e não de outra espécie. (L.C.M.)

GALPÃO — s. — Construção rural destinada ao abrigo de homens, de animais, de material e outras coisas. O galpão na sua origem era uma construção rustica, hoje, porém, já se encontram alguns bem edificados, com material de alvenaria. E' no galpão, onde, no geral, se reunem os peões das estancias para as refeições e onde têm êles os seus leitos, onde há sempre o fogão em torno do qual se agrupam em roda para o mate. (L.C.M.)

GARÚA — s. Chuva finissima. Segundo alguns autores a palavra é de origem quichúa. (L.C.M.)

GRINGO — adj. — Estrangeiro, em geral; italiano, em particular.

GUAIACA — s. — Cinto de couro com guarnições, destinado ao porte de armas, com bolsas para dinheiro, lugar para o relógio, etc.

GUASCA — s. — Lonca de couro vacum. E' vocabulo de origem quichúa e de uso generalisado na America.

GURI — s. — Menino, garoto. (De origem árabe, veja nota 121).

L

LAÇO — s. — Corda trançada feita de tiras de couro crú, de quatro ou mais tentos e de comprimento variado, podendo atingir a quinze braças, isto é, 33 metros. (L.C.M.)

LOMBILHO — s. — Uma espécie de sela, usada no Estado.

LONCA — s. — Partes do couro do cavalar ou muar, interessando somente os flancos desses animais, da base do pescoço até as nadegas, limitadas pelo fio do lombo a uma linha média que vem do peito. A lonca é empregada para costura, transformada, então, em tiras finas, chamadas tentos de lonca, servindo também para retovo. A palavra é de origem platina. (L. C. M.)

M

MANGO — s. — Relho de cabo grosseiro feito de madeira, tendo açoiteira larga de couro, sem ser trançada. (L.C.M.)

MANGUEAR — v. — Constituir a manga; marchar no flanco de uma tropa, atacando-a para que não tome senão a direção desejada. (L.C.M.)

MANGUEIRA — s. — Curral, encerra do gado, podendo ser de pau a pique, de tabua, de pedra ou de varejões. (L.C.M.)

MANTA — s. — A porção de carne da rês, quer da região das costelas, quer da do peito, donde — *manta do costilhar e manta do peito.* (L.C.M.)

MATREIRO — adj. — Diz-se do animal arisco que com dificuldade consente vir à mangueira ou ao rodeio, que foge sempre do homem quando esse o quer pegar. (L. C. M.)

Nota: — Diz-se também do homem fugitivo e rebelde. Foi muito usada com o sentido de "sagáz" no espanhol do Século XVI.

MILICO — s. — Denominação que se dá ao soldado em geral, compreendidos também os oficiais. (L.C.M.)

MINUANO — s. — Nome de uma tribo indigena do Estado, já completamente desaparecida. Do seu nome nos vem o vento que sopra nos meses de inverno. (L. C. M.)

MONARCA — s. e adj. — Assim se denomina o individuo garboso a cavalo; que timbra em possuir a melhor montaria, bem ajaezada com prataria e ouro. (L. C. M.)

N

NAZARENAS — s. — Esporas grandes.

O

ONÇA — s. — Moeda antiga de ouro equivalente hoje a 600 cruzeiros.

P

PAGOS — s. — A palavra deriva-se do latim *pagus*. Aldeia — lugar pequeno e não de plaga. (L. C. M.)

PAJONAL — s. m. — Capinzal. (Castelhano).

PAMPEIRO — s. — Vento frio e seco que sopra do sudoeste do Pampa.

PAMPA — s. — Nome que com frequência os filhos dos outros Estados dão às campinas do Rio Grande. Etimologia quichúa — pampa: campo aberto, planura, savana. (L.C.M.)

PASSO — s. — Local nos cursos dágua por onde se passa a vau ou embarcado. (L.C.M.)

PEÃO — s. — Empregado de classe inferior para as lides das estancias ou de estabelecimentos congeneres. O empregado que se conchava para condução de tropas: o que se emprega nos trabalhos de roça, com vencimentos diários ou mensais, etc.

PELEGO — s. — Pele de lanigero, que se usa colocar sobre o arreamento para amaciar o assento do cavaleiro. (L.C.M.)

PILUNGO — s. — Matungo.

PINGO — s. — Cavalo bom, vivo, fogoso, vistoso.

PONCHE ou PONCHO — s. — Espécie de capa muio usada no Estado e nas Repúblicas do Prata, de que há inúmeras variedades. Segovia diz que a palavra vem do araucano — *poncho* ou *pontho*.

PORONGO — s. — Fruto de uma planta da familia das *cucurbitaceas, Lagenaria Vulgaris,* que depois de seco e vazio das sementes, se presta para deposito de água, etc. E' o que no Norte do país se denomina *cabaça*. Do porongo de cabaça se fazem as melhores cuias, para o chimarrão. (L.C.M.)

POTRO — s. — E' palavra portuguesa mas empregada com sentido diferente, assim é que não basta que o cavalo seja novo para ter esta denominação mas que seja animal ainda não domado ou com alguns galopes. (L.C.M.)

PICARIA — s. — *Estribo de meia-picaria*: estribo de metal branco ou de prata, de entrada estreita, só permitindo introduzir-se a ponta do pé. Está hoje abolido no arreiamento rio-grandense. (L.C.M.)

PULPERIA — s. — Vocabulo espanhol. Diz Hamilcar de Garcia em seu dicionário: "Tasca, locanda, taverna." / Venda de campanha onde há de tudo.

PELEIA — s. — Peleja, combate, luta, batalha. (Dic. de Hamilcar de Garcia.)

Q

QUEBRADA — s. — Uma volta da estrada ou do caminho. / Depressão do terreno. (L.C.M.)

QUERENCIA — s. — Palavra espanhola e em idêntica accpção é empregada. Lugar onde os animais estão habituados a permanecer, e ao qual sempre procuram volver, quando afastados. / Por extensão *querência* se aplica também em relação às pessoas e, neste caso, confunde-se com *pagos*. (L.C.M.)

QUERO-QUERO — s. Pássaro que vive só nos campos. E' um dos mais interessantes do Estado. Vive aos casais constituindo, às vezes, bandos de algumas dezenas. E' valente e com muito ardor defende o seu ninho e filhotes, atacando para tanto o homem e o animal que dele se aproxima. (L.C.M.)

R

RAMADA — s. — Espaçosa cobertura com telhado de palhas ou ramas, sem paredes.

RANCHO — s. — Choça campeira com paredes de barro, teto de palha e piso natural de terra.

RECADOS — s. — O arreiamento de montaria. / *Recaus* em castelhano. (L.C.M.)

RÉDEAS — s. — De rédeas no chão — diz-se do cavalo muito fiel. (L.C.M.)

RINCÃO — s. Recanto formado por acidente natural. Em sentido figurado é sinônimo de pagos: meu rincão, o lugar em que nasci, ou lugar onde moro. (L. C. M.)

RODADA — s. — Queda que leva o cavalo, quando montado ou não. (L.C.M.)

RODEIO — s. — Ajuntamento do gado em campo aberto, para diversos misteres. O gado facilmente se habitua a esta prática. (L. C. M.)

S

SALADEIRO — s. — Estabelecimento onde se prepara a carne seca e demais produtos da rês, por métodos mais adeantados do que os praticados nas simples xarqueadas. (L.C.M.)

SANTA-FÉ — s. — Graminea que vegeta perto dos banhados. E' utilizada para quinchas ou cobertura de ranchos e casa, sendo, porisso, de grande utilidade na zona rural. A sua classificação botânica é *Panicum Prionitis Nees.* (L.C.M.)

SERIGOTE — s. — Uma espécie de lombilho, cujos cepilhos são mais altos do que o desses e de formato mais elegante. (L. C. M.)

Nota: — Cezimbra Jacques registra: "O uso do lombilho primitivo foi substituido em 1870 mais ou menos pelo de uma outra espécie denominado *serigote,* palavra de origem alemã e corruptela da frase — "*Das ist schr gut*" — que um gaucho teria ouvido de um fabricante alemão em elogio ao novo produto que lhe oferecia."

T

TAPERA — s. — Casa ou rancho abandonado, fora das cidades. Em tupí: *tava puera* — aldeia abandonada. (L.C.M.)

TAPES — s. — Denominação de uma das tribos indigenas, já extintas, cujo nome passou para a região que habitavam. / Serra dos rios tributários do Camaquam e Lagôa dos Patos. (L.C.M.)

TAVA — s. (cast.) — Jôgo do osso. Tava é também o osso com o qual se pratica êsse jôgo. E' uma espécie de jôgo de *cucarne,* ou de ganizes.

TATÚ — s. — Há diversas espécies de tatús no Rio Grande do Sul. O mais popular é o *tatú mulita.* O tatú foi sempre cantado na poesia popular. (L.C.M.)

TEATINO — adj. — Diz-se do cavalo ou animal sem dono ou cujo dono é desconhecido. (L.C.M.)

TENTO — s. — Palavra portuguesa, mas empregada também com a significação regional de uma estreita tira de couro que se destina à costura ou para atar alguma cousa. O tento para costura é no geral feito de lonca. / Filamento de couro crú.

TIRADOR — s. — Uma espécie de avental de sola macia, ou mesmo de couro crú, de ovelha ou de terneiro, usado pelo laçador para proteger as calças ou as bombachas contra os danos que poderiam ser causados pelo atrito do laço. Há tiradores de luxo, com franjas, bolsos e coldre para o uso do revólver. O homem de campo é raro não ostentar o seu tirador, mesmo fora do serviço. (L. C. M.)

TROPA — s. — Rebanho de gado vacum ou cavalar. Nunca se diz tropa de ovelhas ou tropa de porcos. (L. C. M.)

TROPEIRO — s. — O que conduz a tropa, o peão da tropa.

TRANCO — s. — O andar vagaroso e calmo do cavalo; o passo é o trote do animal. (L.C.M.)

V

VAQUEANO — s. — Conhecedor dos caminhos. Guia.

INDICE

I — O GAUCHO 11

II — O BEDUINO 61

III — GAUCHOS E BEDUINOS 109

BIBLIOGRAFIA 173

PEQUENO VOCABULARIO 181

★ *Êste livro foi composto e impresso nas oficinas da Emprêsa Gráfica da "Revista dos Tribunais Ltda", à rua Conde de Sarzedas, 38, São Paulo, para a Livraria José Olympio Editôra, Rio, em Junho de 1948.*

COLEÇÃO DOCUMENTOS BRASILEIROS

Dirigida por GILBERTO FREYRE até o vol. 18

Por OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA a partir do vol. 19

1 — SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA — RAIZES DO BRASIL — 2.ª edição, revista e ampliada.
2 — OLIVEIRA LIMA — MEMÓRIAS — *(Estas minhas reminiscências...)* Prefácio de *Gilberto Freyre* — Com 9 ils. fora do texto.
3 — OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA — BERNARDO PEREIRA DE VASCONCELOS E SEU TEMPO — Com 6 ils. fora do texto.
4 — GILBERTO FREYRE — NORDESTE — *Aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil* — Ilustrações e mapas de *M. Bandeira* e vários retratos de aristocratas do canavial.
5 — DJACIR MENEZES — O OUTRO NORDESTE — *Formação social do Nordeste* — Vários mapas, gráficos e fotografias.
6 — ALBERTO RANGEL — NO ROLAR DO TEMPO... — *Opiniões e testemunhos respigados no arquivo do Orsay, Paris* — Com 8 ils. fora do texto.
7 — AFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO — O INDIO BRASILEIRO E A REVOLUÇÃO FRANCESA — *As origens brasileiras da teoria da bondade natural* — Com 15 ilustraçoes.
8 — LUÍS VIANA FILHO — A SABINADA — *A república baiana de 1837.*
9 — ALCÂNTARA MACHADO — BRASÍLIO MACHADO (1848-1919). — Com um retrato de Brasílio Machado.
10 — OLÍVIO MONTENEGRO — O ROMANCE BRASILEIRO — *As suas origens e tendências* — Prefácio de *Gilberto Freyre.*
11 — JÚLIO BELO — MEMÓRIAS DE UM SENHOR DE ENGENHO — Prefácios de *Gilberto Freyre* e *José Lins do Rego* — Com 15 ilustrações fora do texto 2.ª edição revista e acrescida de 3 capítulos.
12 — ANDRÉ REBOUÇAS — DIARIO E NOTAS AUTOBIOGRAFICAS — Texto colhido e anotado por *Ana Flora* e *Inácio José Veríssimo* — Com 7 ilustrações fora do texto.
13 — ELÓI PONTES — A VIDA DRAMATICA DE EUCLIDES DA CUNHA — Com 40 ilustrações fora do texto.
14 — LINDOLFO COLOR — GARIBALDI E A GUERRA DOS FARRAPOS — Com 18 ilustrações, mapas e tricromias.
15 — CAP. ÁLVARO FERRAZ E DR. ANDRADE LIMA JÚNIOR — MORFOLOGIA DO HOMEM DO NORDESTE — *(Estudo biotipológico)* — *Trabalho da Diretoria de Educação Física da Brigada Militar de Pernambuco* — Prefácio de *W. Berardinelli* — Com 43 gráficos, 36 retratos, 8 sectogramas a cores, 12 quadros, tabelas e escalas, e 1 mapa.
16 — EUCLIDES DA CUNHA — CANUDOS — *Diário de uma expedição* — Introdução de *Gilberto Freyre* — Edição ilustrada.
17 — EUCLIDES DA CUNHA — PERÚ VERSUS BOLIVIA — 2.ª edição, com 2 mapas e um estudo de *Oliveira Lima.*
18 — OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA — HISTÓRIA DE DOIS GOLPES DE ESTADO — Com 8 ilustrações fora do texto.
19 — JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES — FRONTEIRAS DO BRASIL NO REGIME COLONIAL — Ilustrações e mapas de *J. Wasth Rodrigues.*
20 — INÁCIO JOSÉ VERÍSSIMO — ANDRÉ REBOUÇAS ATRAVÉS DE SUA AUTOBIOGRAFIA — Prefácio de *Octavio Tarquinio de Sousa* — Com 9 ilustrações fora do texto.
21 — ELÓI PONTES — A VIDA CONTRADITÓRIA DE MACHADO DE ASSIS — Com 65 ilustrações fora do texto.

22 — PEDRO CALMON — HISTÓRIA DA CASA DA TORRE — *Uma dinastia de pioneiros* — Com 14 ilustrações fora do texto.
23 — NELSON WERNECK SODRÉ — HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA — *Seus fundamentos econômicos* — 2.ª edição, revista e aumentada.
24 — SILVIO ROMERO — HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA — 3.ª edição, aumentada, em 5 vols., organizada e prefaciada por *Nelson Romero*.
25 — CASSIANO RICARDO — MARCHA PARA OESTE — *Influência da "Bandeira" na formação social e política do Brasil* — Ilustrações de *Livio Abramo* — 2.ª edição, em 2 vols., acrescida de vários capítulos inéditos.
26 — GILBERTO FREYRE — UM ENGENHEIRO FRANCÊS NO BRASIL — Prefácio do *Prof. Arbousse-Bastide* — Com 19 ilustrações fora do texto.
27 — ALMIR DE ANDRADE — FORMAÇÃO DA SOCIOLOGIA BRASILEIRA — I — OS PRIMEIROS ESTUDOS SOCIAIS NO BRASIL — *Séculos 16, 17 e 18* — Com 20 ilustrações e mapas fora do texto.
28 — GILBERTO FREYRE — O MUNDO QUE O PORTUGUÊS CRIOU — *Aspectos das relações sociais e de cultura do Brasil com Portugal e as colônias portuguesas* — Prefácio de *Antônio Sérgio*.
29 — GILBERTO FREYRE — REGIÃO E TRADIÇÃO — Prefácio de *José Lins do Rego* — Ilustrações de *Cícero Dias*.
30 — SÍLVIO RABELO — FARIAS BRITO ou UMA AVENTURA DO ESPÍRITO.
31 — NELSON WERNECK SODRÉ — OESTE — *Ensaio sobre a grande propriedade pastoril*.
32 — RAUL DO RIO-BRANCO — REMINISCÊNCIAS DO BARÃO DO RIO-BRANCO — Com 9 ilustrações fora do texto.
33 — MÁRIO TRAVASSOS — INTRODUÇÃO À GEOGRAFIA DAS COMUNICAÇÕES BRASILEIRAS — Prefácio de *Gilberto Freyre* — Com 6 mapas.
34 — GILBERTO FREYRE — GUIA PRÁTICO, HISTÓRICO E SENTIMENTAL DA CIDADE DO RECIFE — Ilustrações de *Luís Jardim*.
35 — OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA — DIOGO ANTONIO FEIJÓ (1784-1843) — Com 14 ilustrações fora do texto.
36 — GILBERTO FREYRE — CASA-GRANDE & SENZALA — 5.ª edição, revista e muito enriquecida de notas — 2 vols. ilustrados por *Santa Rosa*.
37 — LÚCIA MIGUEL-PEREIRA — A VIDA DE GONÇALVES DIAS — Acompanhado do DIÁRIO INÉDITO DA VIAGEM DE GONÇALVES DIAS AO RIO NEGRO.
38 — ELÓI PONTES — A VIDA EXUBERANTE DE OLAVO BILAC — 2 vols.
39 — VIVALDO COARACY — O RIO DE JANEIRO NO SÉCULO XVII.
40 — JOÃO MANGABEIRA — RUI — O ESTADISTA DA REPÚBLICA.
41 — GILBERTO FREYRE — PERFIL DE EUCLIDES E OUTROS PERFIS — Com desenhos de *Santa Rosa* e *Portinari*.
42 — AIRES DA MATA MACHADO FILHO — O NEGRO E O GARIMPO EM MINAS GERAIS — Prêmio da Academia Brasileira de Letras.
43 — SÍLVIO RABELO — ITINERÁRIO DE SÍLVIO ROMERO.
44 — GILBERTO FREYRE — OLINDA — 2.º GUIA PRÁTICO, HISTÓRICO E SENTIMENTAL DE CIDADE BRASILEIRA — 2.ª ed., ilustrada por *Luís Jardim*.
45 — FRANCISCO DE PAULA FERREIRA DE REZENDE — MINHAS RECORDAÇÕES — As memórias de um velho mineiro — Prefácio de *Octavio Tarquinio de Sousa*.
46 — ALUISIO DE ALMEIDA — A REVOLUÇÃO LIBERAL DE 1842.
47 — NELSON WERNECK SODRÉ — FORMAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA.
48 — LUÍS DELGADO — RUI BARBOSA (*Tentativa de compreensão e de síntese*)
49 — OLIVEIRA LIMA — D. JOÃO VI NO BRASIL — 2.ª ed., 3 vols.. Prefácio de *Octavio Tarquinio de Sousa* — Vinhetas de *Luís Jardim*.
50 — ÁLVARO LINS — RIO-BRANCO (*O Barão do Rio-Branco*) — 2 vols. ilustrados. — Prêmios Felipe d'Oliveira e Pandiá Calogeras.
51 — OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA — JOSÉ BONIFACIO (1763-1838).
52 — LUÍS DA CÂMARA CASCUDO — GEOGRAFIA DOS MITOS BRASILEIROS.
53 — JOAQUIM RIBEIRO — FOLCLORE DOS BANDEIRANTES.
54 — JOSÉ ANTONIO GONSALVES DE MELLO, NETO — TEMPO DOS FLAMENGOS — *Influência da Ocupação Holandesa na Vida e na Cultura do Norte do Brasil* — Pref. de *Gilberto Freyre*.

55 — Luís Viana Filho — O NEGRO NA BAÍA — Pref. de *Gilberto Freyre*

56 — Gilberto Freyre — INTERPRETAÇÃO DO BRASIL — *Aspectos da Formação Social Brasileira como Processo de Amalgamento de Raças e Culturas* — Introdução e tradução de *Olívio Montenegro.*

57 — Manoelito de Ornellas — GAUCHOS E BEDUINOS — *A origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul.*

58 — Gilberto Freyre — INGLESES NO BRASIL — *Aspectos da Influência Britânica sobre a Vida, a Paisagem e a Cultura do Brasil* — Prefácio de *Octavio Tarquinio de Sousa* — Ilustrações de *Rosa Maria.*

59 — Cincinato Braga — PROBLEMAS BRASILEIROS — *Os Magnos Problemas de São Paulo* — 2.ª edição.

60 — Gastão Cruls — APARÊNCIA DO RIO DE JANEIRO — *Notícia Histórica e Descritiva da Cidade* — Ilustrações de *Luiz Jardim* — *Prêmio "Vieira Fazenda"* da Prefeitura do Distrito Federal, para o melhor livro sobre a Cidade do Rio de Janeiro.

HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA — Sob a direção de Álvaro Lins:

1.º vol. — Gilberto Freyre — O AMBIENTE SOCIAL E DE CULTURA, O MEIO FISICO E OS ELEMENTOS ÉTNICOS.

2.º vol. — Barreto Filho — O PENSAMENTO FILOSÓFICO E CIENTIFICO.

3.º vol. — Edgar Renault — EVOLUÇÃO DA LINGUA LITERARIA.

4.º vol. — Paulo Rónai — INFLUENCIAS E CORRENTES ESTRANGEIRAS.

5.º vol. — Fidelino de Figueiredo — A LITERATURA PORTUGUESA NO BRASIL.

6.º vol. — Luís da Câmara Cascudo — LITERATURA ORAL (No prelo).

7.º vol. — Sérgio Buarque de Holanda — PERIODO COLONIAL.

8.º vol. — Roberto Alvim Correia — DE 1830 A 1870 (*Poesia*).

9.º vol. — Astrojildo Pereira — DE 1830 A 1870 (*Prosa de ficção*).

10.º vol. — Octavio Tarquinio de Sousa — DE 1830 A 1870 (*Prosa: história, crítica, ensaio, eloquência, jornalismo, etc.*).

11.º vol. — Aurélio Buarque de Holanda — DE 1870 A 1920 (*Poesia*).

12.º vol. — Lúcia Miguel-Pereira — DE 1870 A 1920 (*Prosa de ficção*) (No prelo).

13.º vol. — Tristão de Athayde — DE 1870 A 1920 (*Prosa: história, crítica, ensaio, eloquência, jornalismo, etc.*).

14.º vol. — Álvaro Lins — LITERATURA CONTEMPORANEA (*De 1920 aos nossos dias*).

15.º vol. — BIBLIOGRAFIA E INDICES.

MANOELITO DE ORNELLAS

escritor gaucho nascido em Itaqui, nos princípios deste século, é o novo autor que vem enriquecer a Coleção Documentos Brasileiros. Estreiando em 1928 com um volume de poemas — *Rodeio de Estrelas* — Manoelito de Ornellas filiou-se desde logo ao modernismo então ainda no apogeu, trazendo na sua poesia o sabor novo de um regionalismo bem característico. Em 1930, reapareceu com um segundo livro de poemas — *Arco-Iris* — onde já se movimenta, apesar de certos laços com o primitivo impulso da escola, em terreno mais livre e original. De 1934 é a monografia *Tupan-Cy-Retan* e de 1938 o primeiro livro em que se atira aos caminhos do ensaio e da crítica — *Vozes de Ariel.* Bem dotado para o gênero, excelentemente informado, Manoelito de Ornellas analisa nesse volume as principais figuras da nossa literatura moderna, com uma agudeza de conceitos e com interpretações que muito o recomendaram à atenção da crítica da época. Vieram em seguida *Símbolos Bárbaros* (1941), ensaios, e *Tiarajú* (1945), poema em prosa contando a epopeia do índio missioneiro. Suas conferências *Tradições e Símbolos* e *Caminhos Originais do Brasil,* foram reunidas em volume em 1940 e 1945, respectivamente. Manoelito de Ornellas, além de suas atividades literárias pelo livro e pela imprensa, tambem exerceu diversos cargos públicos de destaque no Rio Grande do Sul, entre os quais anotaremos os de Presidente da Associação de Imprensa (1938), Diretor da Biblioteca Pública (1938), Diretor da Imprensa Oficial e do *Jornal do Estado*, de 1939 a 1942, Diretor do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, em 1942, e atualmente o de Diretor do Arquivo Público do

Estado, além de ser ainda Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do R. G. do Sul e da Sociedade "Felipe de Oliveira" do Rio de Janeiro. Em 1946, atendendo a honroso convite dos Ministérios da Instrução Pública e do Exterior do Uruguai, visitou aquele país amigo, onde proferiu conferências na Universidade de Montevideu e no Instituto Histórico daquela República. Ainda no mesmo ano traduziu o poema uruguaio *Tabaré*, que constituiu legítimo sucesso literário. Com o presente volume, Manoelito de Ornellas retorna aos estudos históricos, embora desta vez com o precioso auxílio da interpretação sociológica, para oferecer-nos uma nova contribuição ao conhecimento do nosso passado. Estudando a influência mourisca sobre a origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul, o escritor gaucho fez obra original, encarando o assunto de um ponto de vista novo. Por todas essas razões, pode-se prever que este novo livro de Manoelito de Ornellas, que alem do seu valor interpretativo e analítico, está baseado em farta e rica documentação, constituirá um autêntico sucesso de crítica, dado o prestígio e o renome do autor e a tese audaciosa e original que nele irão encontrar todos os leitores, sejam os especialistas no assunto, sejam apenas os amadores e curiosos desses problemas de investigação social do passado brasileiro.

★

LIVRARIA
JOSÉ OLYMPIO
EDITORA